CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MENINAS NEGRAS FAZEM CIÊNCIA: ESTUDOS IDENTITÁRIOS E REPRESENTACIONAIS SOBRE "QUEM FAZ CIÊNCIA" NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Elbert de Oliveira Agostinho

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Celso Suckow da Fonseca, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador(a): Andreia Guerra

Rio de Janeiro
Abril de 2023

MENINAS NEGRAS FAZEM CIÊNCIA:
ESTUDOS IDENTITÁRIOS E REPRESENTACIONAIS SOBRE "QUEM FAZ CIÊNCIA" NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Elbert de Oliveira Agostinho

Rio de Janeiro
Abril de 2023

MENINAS NEGRAS FAZEM CIÊNCIA:ESTUDOS IDENTITÁRIOS E REPRESENTACIONAIS SOBRE "QUEM FAZ CIÊNCIA" NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Celso Suckow da Fonseca, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação.

Elbert de Oliveira Agostinho

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Prof.ª Doutora Andreia Guerra de Moraes

_____

Professora Doutora Giselle Faur de Castro Catarino

_____

Professora Doutora Gloria Regina Pessoa Campello Queiroz

_____

Professor Doutor Roberto Carlos da Silva Borges

_____

Professora Doutora Glenda Cristina Valim de Melo

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

A275 Agostinho, Elbert de Oliveira
Meninas negras fazem ciência: estudos identitários e representacionais sobre “quem faz ciência” nas histórias em quadrinhos / Elbert de Oliveira Agostinho. — 2023.
120f. : il. color. , enc.

Tese (Doutorado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2023.
Bibliografia : f. 115-120
Orientadora: Andreia Guerra

1. Mulheres na ciência. 2. Negras. 3. Cientistas. 4. Histórias em quadrinhos. 5. Negros – Identidade racial. I. Guerra, Andreia. (Orient.). II. Título.

CDD 500.82

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA



Para Heitor
Meu Cientista favorito!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, agradeço por exercitar minha fé, e por não desistir mesmo nos momentos em que o caos se fez presente.

A Família, minha base, pela afetividade ser uma sensação natural, e por acreditarem na minha escrita, nos meus sonhos, e nos projetos que em alguns momentos parecem impossíveis.

A minha orientadora Andreia Guerra, por acolher um projeto sobre histórias em quadrinhos, e verificar que não se tratava apenas de um fã, ressaltando a cada momento a potencialidade da pesquisa e propondo caminhos para chegarmos até aqui.

Ao Observatório Carioca de Histórias em Quadrinhos e ao Epistemologias Afetivas grupos que tenho orgulho de participar e que podemos discutir sobre todas as coisas dos multiversos e universos reais.

Ao N pelos momentos de trocas e sugestões, e pelos cafés que fazem parte de nossa inspiração.

Aos professores que aceitaram fazer parte da Banca de Qualificação e a Defesa, convidar vocês e ter a honra de sua aceitação é de valor inigualável. Gratidão Eterna.

Ao CEFET-RJ instituição em que fiz o meu mestrado, e segui para o doutorado. Há uma série de memórias nesses corredores e salas que levarei para vida.

A CAPES por me conceder a bolsa, e nutrir esse pesquisador em múltiplos sentidos.

Aos amigos e amigas que me aturaram falando de pesquisas e insights de maneira voraz e compulsiva em muitos momentos.

E aos meus alunos e alunas, vocês me fazem crescer a cada dia como educador, e definitivamente sem vocês eu nem estaria aqui.

“Temos que ter cuidado com o Elbert,
ele está prestes a virar um cientista”
(Glaubert Barros – amigo de infância)



Elbert Agostinho e Lunella Lafayette chegando ao CEFET-RJ pelas mãos de Mr. Selva @mrselvaa

Sumário

Introdução.....12

1. Revisão Sistemática da Literatura.....17
1.1 Ensino de Ciências, Histórias em Quadrinhos e Perspectivas Educacionais.....19
1.2 Reflexões sobre o aspecto representacional da ciência..... ...21
1.3 Metodologia para uma revisão sistemática..... 24
1.4 Resultados.....26
1.5 O que o exercício de revisão nos provoca?.....27

2. Identidades: entre branquidade, negritude e interseccionalidade.....30
2.1 A colonização e as identidades.....33
2.2 A Identidade Branca em análise.....36
2.3 Uma Introdução a Negritude.....39
2.4 A Interseccionalidade em pauta 43
2.5 Identidade e Representação da Ciência.....46
2.6 A Identidade Dialógica em Mikhail Bakhtin 49
2.7 HQ's, Identidades e Cientistas.....53
2.8 Uma leitura dialógica sobre identidades nas HQ's da Moon Girl.....56

3. De Barack Obama a Lunella Lafayette: negritude, poderes, heroísmos e um breve histórico.....58
3. 1 A Reconfiguração Étnico-racial na Era Obama.....63
3.2 "O que é Necessário: O Preço e a Promessa de Cidadania" 68
3.3 Negritude e representação na Marvel Comics.....70

4.Lendo Moon Girl com Bakhtin: Lunella Lafayette e o Dialogismo Bakhtiniano.....75
4.1 O Dialogismo Bakhtiniano 78
4.2 Quem é Lunella Lafayette? 80
4.3 A Pequena Cientista 79
4.4 Meninas Negras fazem ciência? 95
4.5 A Negritude Espelhada.....99
4.6 O Teste de Q.I. 103

Considerações Finais 111

O Efeito Lunella 115

Referências Bibliográficas 116

RESUMO

A pesquisa em questão tem como ponto de interesse desestabilizar o status quo q propõe as práticas científicas como uma atividade que só pode ser desenvolvida por uma identidade: O Homem Branco. Para tal, o debate sobre Negritude, Branquidade e Interseccionalidade se faz presente, observando que na contemporaneidade autores defendem que ao se propor análises sobre a representação da ciência, tendo em vista as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações com indivíduos sociais estão fragmentadas, podemos então, questionar o sucesso de constructos ideológicos que atuam em processos de colonização do imaginário, pois, vivemos em um tempo de identidades fraturadas, que apresentam cotidianamente seus aspectos fluídos, no entanto, há ainda identidades que estão no caminho de múltiplas formas de exclusão, e são constantemente atingidas por visões da ciência construídas, inseridas e mantidas por suportes midiáticos, e exaustivamente repetidas. Logo, acreditamos na importância de configurar discussões sobre o território imagético de meninas negras que observam a ciência com fascínio e possibilidade, e no sentido de tensionar práticas vigentes, analisaremos histórias em quadrinhos com meninas negras-cientistas, verificando de que maneira histórias em quadrinhos contemporâneas abordam visões de ciências e representação de personagens cientistas.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Histórias em Quadrinhos; Negritude; Marvel Comics; Bakhtin

ABSTRACT

The research in question has as its point of interest to destabilize the status quo that proposes scientific practices as an activity that can only be developed by an identity: The White Man. To this end, the debate on Blackness, Whiteness and Intersectionality is present, noting that in contemporary times authors argue that when proposing analyzes on the representation of science, in view of the cultural landscapes of class, gender, sexuality, ethnicity, race and nationality , which in the past had provided us with solid locations with social individuals are fragmented, we can then question the success of ideological constructs that act in processes of colonization of the imaginary, since we live in a time of fractured identities, which present their fluid aspects on a daily basis , however, there are still identities that are on the path of multiple forms of exclusion, and are constantly affected by visions of science constructed, inserted and maintained by media supports, and exhaustively repeated. Therefore, we believe in the importance of configuring discussions about the imagery territory of black girls who observe science with fascination and possibility, and in order to stress current practices, we will analyze comics with black girls-scientists, verifying how contemporary comics approach views of science and representation of scientist characters.

Keywords: Science Teaching; Comics; Blackness; Marvel Comics; Bakhtin

Introdução

"Uma criança se encanta, ela acabou de ganhar uma história em quadrinhos, ao folhear das páginas se aventura em mundos desconhecidos e espaços inóspitos, maravilhada volta a ler do início, com mais atenção, observa que apesar de gostar muito dos personagens, nenhum deles se parece com ela. Essa criança cresce, mas não larga as HQ's. Em uma jornada pessoal, vai catalogando narrativas em que é possível se encontrar entre os discursos, e então decide mostrar para outras crianças que há histórias em que nos reconhecemos entre os personagens, entre as estéticas, e são dessas histórias que nos envolvemos para construir nossa proposta". (Elbert Agostinho)

As narrativas em torno da disciplina História sempre me interessaram no decorrer do processo de aprendizagem, desde os remotos anos do Ensino Fundamental. Enquanto aconteciam as práticas rotineiras de frequentar as escolas diariamente, aprendia sobre o mundo, também com as histórias em quadrinhos, onde tive o primeiro hábito de leitura. Tal apreciação me levou a optar pela Licenciatura em História, tendo em vista as diferentes possibilidades de trabalhar com esta disciplina, e o fato de perceber que alguns professores negligenciavam o prazer de ministrar as aulas, tornando o processo de aprendizagem monótono, levando os alunos a entenderem História como uma disciplina entediante, onde não há necessidade de aprender, mas sim decorar. Partindo da perspectiva de construção de novos saberes, em 2007, conclui minha graduação, e iniciei a prática docente, propondo novos caminhos e construindo didáticas próprias para ministrar as aulas. Neste exercício de repensar práticas pedagógicas, passei a utilizar nas aulas histórias em quadrinhos, a partir deste material, notei que os alunos praticavam a leitura com mais afinco, e tinham melhor desempenho na disciplina. Neste processo, fui fazendo leituras e me aperfeiçoando na análise de histórias em quadrinhos. A partir de 2012, comecei a participar de eventos acadêmicos, discutindo sobre o potencial epistemológico das histórias em quadrinhos, e paralelamente escrevia sobre o assunto, adquirindo bibliografias sobre essa temática. Em 2014, ingressei em um curso de pós-graduação da UFF em Educação e Relações Raciais, no qual escolhi discutir, na monografia, o tema: África em Quadrinhos. Este trabalho funciona como um manual para se discutir História da África na sala de aula, com uma série de exemplos e referências bibliográficas (em quadrinhos), levando o professor a ter acesso a materiais com pouca visibilidade. A partir desta monografia foi possível compreender com mais maturidade acadêmica a possibilidade de pensar possibilidades mais abrangentes sobre a análise de narrativas gráficas. No ano de 2015, entrei no Mestrado em Relações Étnico-raciais do CEFET/RJ, neste curso produzi a dissertação "Que Negro é este nas Histórias em Quadrinhos? Uma Análise sobre o Jeremias de Maurício de Sousa". O objetivo deste trabalho foi discutir a representação da identidade negra nas histórias em quadrinhos (HQs), observando o universo da Turma da Mônica, e mapeando as aparições de um personagem negro chamado Jeremias, que foi criado em 1960, e ainda está presente nas narrativas atuais da Turma da Mônica. A abordagem escolhida para "tratar" de Jeremias foi a análise bakhtiniana. Aprendemos com Bakhtin que a sociedade reflete e refrata os

discursos, sendo assim, as representações de Jeremias são frutos desse movimento dialógico. Ao observarmos a trajetória do personagem no decorrer dos anos, verificamos que Jeremias era uma figura utilizada momentaneamente, principalmente em narrativas em que a presença do negro se fazia presente, como por exemplo "O negrinho do pastoreio", versão da Turma da Mônica do conto folclórico, ou seja, Jeremias era um personagem com usos específicos, invisibilizado nas histórias cotidianas que envolviam a Turma da Mônica. A escrita dialógica foi alicerçada com expoentes dos estudos das HQs, como Will Eisner (1985; 1996), Scott Mcclould (1993;2000), Moacy Cirne (1990; 2000), Waldomiro Vergueiro (2009; 2017), observando também que as HQ's apresentam uma infinidade de significados (MOYA; D'ASSUNÇÃO, 2002), devem ser consideradas fontes de informação (ECO, 2004), e funcionam como subsídios para todos os meios de comunicação e também para as artes (LUYTEN, 1984).

Durante o período em que cursei o mestrado, participei de vários congressos como por exemplo: Ser Negra (IFB), CONINTER (UNB), ABRALIC (UERJ), JED (PUC-RJ), Torna-se Negro (Pedro II) e JIPP (CEFET-RJ), discutindo sobre a representação do negro nos circuitos midiáticos, tendo como ênfase narrativas quadrinizadas. Nesse caminho, foi possível também produzir artigos sobre esse tema, e organizar um livro chamado Negritude, Poderes e Heroísmos (AGOSTINHO, 2021), no qual tais questões se manifestam de maneira visceral, e evidenciamos discussões sobre identidades negras entre super-heróis e super-heroínas.

Em 2019 ingressei no Doutorado em Ciência, Tecnologia e Educação (PPCTE-CEFET/RJ), com a perspectiva inicial de discutir sobre a identidade dos cientistas nas HQs, verificando que há representações fixas sobre "quem faz ciência" que povoam o imaginário de nossos alunos. As ideias foram se alterando, principalmente ao frequentar o NIEHCC, grupo de pesquisa em que dialogamos sobre nossas escritas, práticas científicas e propostas didáticas. Nesse movimento, nos deparamos com a perspectiva identitária, e optamos por fundamentar nosso referencial teórico com tal conceito. Tais opções se justificam pelo fato de que as perspectivas identitárias funcionam como arcabouço teórico em muitos trabalhos que discutem educação em ciências, problematizando a ausência de determinados atores sociais no "fazer científico", como mulheres, negros, indígenas, que dentro da construção história da identidade científica, sofreram (e ainda sofrem) processos de apagamento, ou seja , são negligenciados no horizonte da ciência.

A partir de então a pesquisa do doutorado foi construída com o propósito analisar HQ's, onde as protagonistas são cientistas negras, propondo inquéritos acerca de estereótipos sobre personagens cientistas. A opção por essas narrativas específicas, está ligada à configuração da identidade negra no cenário científico, e a importância da presença feminina nas práticas científicas, ainda que a ficção seja objeto de pesquisa. Como pano de fundo, escolhemos HQ's em que: a ciência (é personagem) e a personagem (é cientista). Nessa equação, se retirarmos a ciência da história, a narrativa não se sustenta, ou seja, a prática científica é estrutura nas narrativas escolhidas. O campo científico move as personagens que serão analisadas, e, o que consideramos extremamente relevante: as personagens acreditam na Ciência. Essa crença transborda das páginas e nos atinge, pois, em uma realidade não ficcional em que vivemos hoje: nós acreditamos na Ciência.

Vale ressaltar que as narrativas que funcionarão como ponto de análise fazem parte da Marvel Comics, uma Indústria Cultural (ADORNO, 2015), que domina e controla, age na consciência e inconsciência daqueles aos quais se dirige e de cujo gosto ela procede. E desde a década de 1960 insere em seu repertório, roteiros em que ciência e negritude se entrelaçam, vide Pantera Negra (LEE; KIRBY, 1966), em que há uma África (Wakanda), que não foi colonizada pelos europeus, e apresenta paisagens tecnológicas que dialogam com o futuro.

Acreditamos também, que se faz necessário evidenciarmos essas narrativas contemporâneas onde a ciência é personagem, propondo visibilidade a outras produções, pois na contemporaneidade as identidades se fragmentam, se interseccionam, apresentam fluidez. Portanto, se torna urgente questionar o papel da branquidade nas representações midiáticas em torno do conhecimento científico. Desconstruindo o *status quo* que ainda se faz efetivo no imaginário, logo, não há (e nunca houve) apenas uma composição estética sobre "quem faz ciência", e é sobre essa prerrogativa que pretendemos desenvolver nossa tese, pois, observamos que as pautas Identidades e Representatividade reverberam de maneira mais aguda na contemporaneidade, então, consideramos que as HQ's refletem o mundo em que foram construídas, ao observar as produções mais recentes, verificamos outras construções narrativas em torno da ciência.

Nessa jornada, encontramos dHQ´s em que a ciência é personagem central, performada por cientistas negras e que se retiramos a ciência da história a narrativa não se sustenta. O olhar inicial para essas HQ´s mostrou que sua escrita contou com uma equipe da qual participam cientistas negras, sugerindo que a construção da protagonista coloca em questão estereótipos sobre personagens cientistas, ou seja, de que cientista é homem branco de jaleco, com cabelos alvoroçados. Compartilhamos dos ideais de CARMONA (2020), GANDOLFI (2017), AVRAAMIDOU (2019) e BRICKHOUSE (2000), que sustentam "A importância de observarmos perspectivas ligadas à educação em ciências e propostas atuais de promoção de configurações em relação a práticas científicas, refletindo sobre a construção de visões mais amplas a respeito dos processos de produção de conhecimento, compreendendo a identidade científica como unidade de análise, propondo debates sobre barreiras e dificuldades do acesso a educação e ciência, questionando o conhecimento científico como forma de pensar e conhecer culturalmente o mundo". Logo, o encontro com essas HQ's as colocou como protagonistas dessa tese e apontou para o seguinte objetivo: como a ciência e os personagens cientistas são apresentados em HQ's em que o personagem cientista protagonista é uma menina negra e como esses personagens se aproximam e se afastam de estereótipos da ciência feita por homens brancos e geniais.

Cabe também, nesse exercício discursivo pontuar de maneira categórica argumentos que se relacionam à conceituação de estereótipo. Aprendemos, com os trabalhos de Nobu Chinen (2013), que há representações gráficas específicas sobre o negro nas HQs, e tais imagens estão repletas de adjetivos negativos. Nesse sentido, observar a presença negra nas HQs é compreender Frantz Fanon (2008) enunciando: as personas negras sofrem processos de enclausuramento. Enclausurar a figura do negro significa afetar políticas de representação, e tal direcionamento, ao pensarmos na maneira que nossas crianças recebem tais imagens, é uma armadilha letal, pois, faz com que nossos jovens não se compreendam nas propostas representacionais que inundam os meios

midiáticos. Nas palavras de Roberto Borges (2021) “torna-se interessante analisar como a ausência de personagens negras e negros pode funcionar como força motriz do racismo, que é estrutural e estruturante de toda nossa sociedade”.

Logo, temos como objetivo, ao produzir essa tese, a análise de HQ’s contemporâneas que discutem práticas científicas e que tem como protagonistas duas meninas negras, analisando a construção de imaginários possíveis de cientistas no século XXI, no sentido de propor rupturas aos estereótipos exaustivamente repetidos sobre as visões de ciência inseridas nos ambientes socioculturais no decorrer da história. Para costurar dialogicamente tais propostas, temos a intenção de trabalhar com as seguintes perspectivas:

a) Investigar composições estéticas e práticas discursivas entre as páginas das HQ’s, selecionadas evidenciando as práticas científicas presentes naquelas narrativas. Utilizando o dialogismo bakhtiniano pretendemos articular os conceitos de Bakhtin com a configuração das personagens, seus textos, e suas representações estéticas.
b) Analisar se/quando há inserção do estereótipo cientista (homem branco) e como este se relaciona com a figura feminina. As narrativas em quadrinhos onde meninas/mulheres são protagonistas costumam apresentar (ainda no século XXI), a figura do protagonista (homem), que é inserido para salvar as heroínas. A proposta é verificar essas representações, e de que maneira elas colocam as personagens-cientistas em um “não lugar”, ou seja, em espaços onde não conseguem resolver seus problemas, pois, a inserção de personagens-homens-brancos-cientistas, costumam alterar o foco da história.
c) Fazer uma síntese que aponte que questões do século XXI estas HQ’s reverberam entre suas páginas e podem servir para potencializar discussões na educação em ciências. Ao ter contato com o material, observamos previamente que o fato de conter meninas negras e cientistas na capa das revistas já provoca outros imaginários no leitor, nesse sentido, a síntese nos ajudará a observar os contextos estabelecidos pelos autores/roteiristas e como eles projetam as identidades negras no seu trabalho.

Para responder a esses objetivos essa tese será dividida em quatro capítulos:

No capítulo 1 faremos uma Revisão da Literatura, tendo como ponto de interesse, a percepção do que já foi produzido em relação a trabalhos que alinham as temáticas educação em ciências; histórias em quadrinhos; personagens cientistas. A partir desse repertório observaremos no que podemos avançar, tendo como estrutura epistemológica trabalhos que já desenvolveram essas discussões. Torna-se interessante pontuar que este exercício investigativo já foi iniciado, em função de uma disciplina do curso que discutia produção de trabalhos científicos, realizamos uma revisão sistemática nas edições da última década das revistas Ciências e Saúde – Manguinhos, Docência em Ciências, Ludus Scientiae e Revista IENCI – Investigação em Ensino de Ciências. Entre os artigos pesquisados até o momento, apenas um trouxe uma HQ que pontua a participação de um herói/cientista negro (O Pantera Negra), o que sugere que o campo de educação em ciências que trabalha com HQ não tem a questão identitária como prioridade, apesar do campo da educação em ciências valorizar a questão.

No capítulo 2 a pauta será o conceito de identidades, que optamos por se configurar como fundamentação teórica, sendo assim, pretendemos desenvolver discussões com autores que propõem perspectivas sobre tal conceito, apresentando

referências históricas sobre a construção, inserção e manutenção das perspectivas identitárias, posicionando ainda, na discussão, a Negritude, Branquidade e Interseccionalidade.

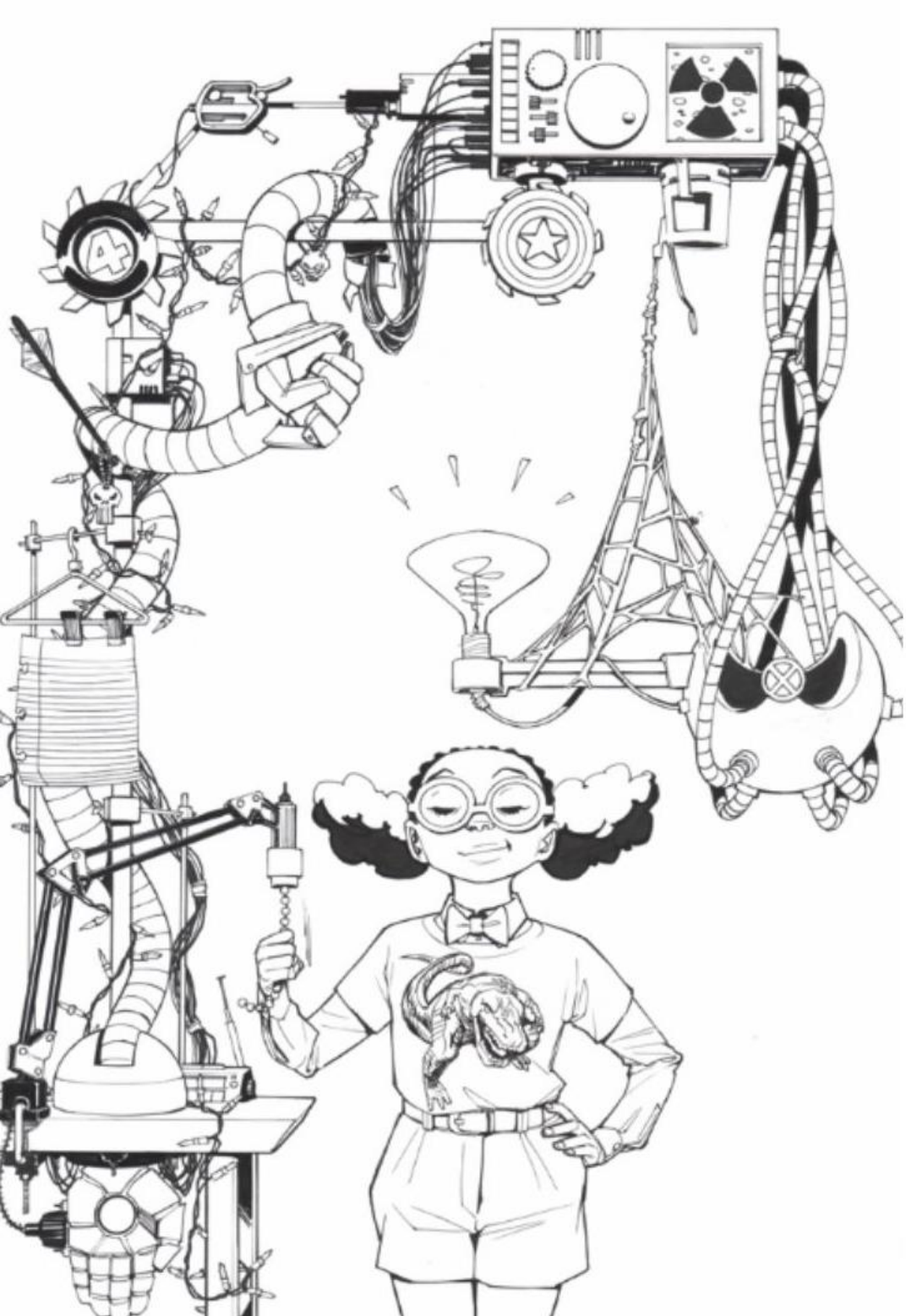
No capítulo 3 faremos um breve histórico buscando referências sobre representações negras, e que aspetos identitários podem ser mapeados para compreender de maneira mais adequada o surgimento de personagens como Lunella Lafayette, para tal, consideramos como pertinente o marco temporal denominado "era Obama", e movimentos que se desenvolvem após um homem negro habitar a casa branca, e se tornar o primeiro presidente dos Estados Unidos.

E no capítulo 4, faremos uma leitura crítica propondo análises das HQ's, observando imagens e discursos, apresentando quais questões nos interessam, e verificando quais visões de ciência são evidenciadas nas narrativas contemporâneas, se os personagens cientistas foram reconfigurados, ou se apresentam ainda, com as mesmas marcações identitárias que compreendemos como estereótipos que se repetem exaustivamente.

Em suma, no exercício de reflexão sobre todas as questões que reverberam em nós, e desejamos propagar através de nossas escritas, citamos por último (mas, não menos importante), Guilherme Arantes (1982):

Eu vivo sempre no mundo da lua
porque sou um cientista
o meu papo é futurista,
é lunático
Eu vivo sempre no mundo da lua
tenho alma de artista
sou um gênio sonhador
e romântico
eu vivo sempre no mundo da lua
porque sou aventureiro
desde o meu primeiro passo
pro infinito...

Capítulo 1
Revisão Sistemática da Literatura



Capítulo 1: Revisão Sistemática da Literatura

Nesse capítulo, apresentamos os resultados de uma revisão sistemática com o objetivo de analisar de que maneira as pesquisas que envolvem ensino de ciências e histórias em quadrinhos (HQ's) são construídas e quais abordagens são desenvolvidas. No intuito de selecionar o escopo dos periódicos a serem analisados, realizamos uma busca inicial, tendo como interesse a intersecção dos temas "ensino de ciências", e "histórias em quadrinhos" e recorte temporal 2011 – 2020, para identificar os periódicos nacionais que, nos últimos dez anos, apresentavam o maior número de artigos com resultados de pesquisa a respeito do uso de histórias em quadrinhos no ensino de ciências. Essa busca nos levou aos seguintes periódicos nacionais: revistas Ciências e Saúde – Manguinhos, Docência em Ciências, Ludus Scientiae e Revista IENCI – Investigação em Ensino de Ciências.

Sobre o estudo das HQ's, vale ressaltar que HQ's podem ser consideradas uma forma de literatura, recurso pedagógico, instrumento de análise de imagens e discurso, mensagem, e fonte de informação (EISNER, 2013; RAMOS, 2012; CIRNE, 1975, ECO 2004). Nas HQ's, os leitores encontram o registro de relações entre o homem e outras formas de vida, como representações do espaço, tempos distintos e territórios ficcionais (SIQUEIRA, 2008). Nesse tipo de suporte (as HQ's), revelam-se também, narrativas em que a ciência é personagem, é fonte de inspiração, é hábito (RABKIN, 1977). Logo, as pesquisas sobre HQ's na Educação, apresentam multiplicidade de áreas temáticas, pois, a 9ª arte tornou-se parte do repertório didático nas práticas de ensino (MCCLOUD, 2005; VERGUEIRO, 2017). Nota-se que a temática não é inédita na educação, no entanto, as abordagens se diferenciam. Camargo e Rivelini-Silva (2017) e Kundlatsch e Cortela (2019) apresentam uma revisão sistemática da literatura a respeito da relação entre HQ's e ensino de ciências como material didático e formação docente. Tais pesquisas apontam que por meio das HQ's podemos ensinar conceitos de ciências, e discutem sobre o potencial desse material no ensino-aprendizagem. Tendo em mãos, esses dados iniciais, nossa preocupação se concentra em problematizar: de que maneira as pesquisas que envolvem ensino de ciências e HQ's, são construídas e quais abordagens são desenvolvidas?

Nosso exercício analítico evidencia episódios em que HQ's foram utilizadas na sala de aula. Essa abordagem foi desenvolvida sobre fundamentos teóricos, que serão apresentados e discutidos, e tendo como perspectiva elucidativa a inserção de novos contornos ao se tratar sobre ensino de ciências. Dessa forma, desenvolvemos a revisão abrangendo o período de 2011 a 2020, sobre a intersecção dos temas "ensino de ciências" e "histórias em quadrinhos".

A partir das questões discutidas até aqui, coloca-se como objeto de revisão sistemática a seguinte questão: de que maneira pesquisas na área de ensino de ciências tem abordado visões de ciências e representações de cientistas nas histórias em quadrinhos? Portanto, observaremos agora, autores que se debruçam sobre ensino de ciências e HQ's, verificando quais questões eles iluminam, e quais se apresentam como invisíveis dentro de suas pesquisas.

Acreditamos em abordagens educacionais que podem aproximar os alunos de perspectivas científicas, e propostas didáticas de inserção das HQ's na sala de aula.

Portanto, compreendemos como relevante mapear, de que maneiras a intersecção de tais metodologias acontecem. A revisão sistemática pretende apresentar um quadro comparativo, exemplificando que abordagens costumam ser feitas ao propor diálogos entre ensino de ciências e HQ's, e como podemos avançar a partir desses resultados, projetando temáticas, que não se apresentam nos trabalhos que fazem parte desse exercício de revisão.

1.1 Ensino de Ciências, Histórias em Quadrinhos e Perspectivas Educacionais

Kamel e La Rocque (2011), ao desenvolverem estudos que conectam perspectivas educacionais, ensino de ciências e HQ's, evidenciam que narrativas em quadrinhos funcionam como linguagem fomentadora de reflexões. A abordagem dos autores, propõe análises sobre livros didáticos, as mudanças ocorridas em sua estrutura, e inserção de linguagens diversificadas, pontuando as HQ's no debate. Nesse sentido, o livro é identificado como produto cultural, e suporte educacional para uma análise sobre a frequência das HQ's no material escolhido, e se a presença das HQ's introduz algum conceito sobre ciências, ou complementa os conteúdos.

> A utilização de quadrinhos por autores de livros didáticos para articular conteúdos curriculares pode ser considerada uma proposta para que professores possam orientar suas atividades sob uma perspectiva construtivista. Contudo, nossa pesquisa evidenciou que, nas coleções de Ciências Naturais, muito embora a linguagem dos quadrinhos esteja presente como estratégia de articulação entre atividade e conteúdo, essa articulação é fraca ou simplesmente não ocorre. Isso nos levou a pensar que, com frequência, as estratégias e procedimentos de ensino que parecem provir da suposição ingênua de que o que nós mesmos percebemos e inferimos das nossas percepções pode ser facilmente transmitido e compreendido pelos estudantes desconsidera a própria concepção construtivista de que, qualquer que seja o conhecimento, ele não é uma cópia da realidade. (Kamel; La Rocque, 2011. p. 8).

Ao destacarem que a articulação entre HQ's, conteúdos e atividades é fraca, as autoras sinalizam que a presença das HQ's nos livros didáticos não significa que dialogam com os assuntos apresentados. Assim, a presença das HQ's também pode ser um ponto de debate, pois, se não há articulação com o conteúdo apresentado no livro didático, qual seria o papelda presença dessas HQ's nesses materiais? Pontuamos que a discussão desenvolvida pelas autoras trata do livro didático de ciências, e existir HQ's neles não significa necessariamente, que há uma funcionalidade na narrativa (ou tirinha) apresentada entre as páginas. Os resultados das autoras apontam que as HQ's são usadas sem fins didáticos nos materiais que analisaram.

Leite, Cortella e Gatti (2020), ao discutirem sobre a abordagem da história e filosofia da ciência (HFC) por meio das HQ's, analisam a importância da HFC no Ensino de Ciências, bem como a viabilidade das HQ's para a efetivação da abordagem, uma vez que as HQ's possuem um potencial educativo em ascensão e podem facilitar o ensino devido às suas características linguísticas. As autoras enfatizam o potencial das HQ's,

observando a prática do professor mediador, como atributo decisivo nos resultados das atividades desenvolvidas.

> As HQs no âmbito educacional se mostram, por meio de suas características de linguagem, como uma boa ferramenta a ser considerada para suscitar ou aprimorar discussões a respeito de alguma temática e também como uma opção de material e recurso didático que foge do tradicional e que, por estarem presentes no cotidiano do aluno, podem agir como um aliado para despertar o interesse e curiosidade dos discentes. Além disso, existem diversas pesquisas e livros que apontam variadas formas de se utilizar as HQs em sala de aula, abordando temas das mais variadas áreas do conhecimento. Os quadrinhos também têm a contextualização ou problematização de algum assunto como algo bem recorrente em suas histórias e esse ponto se relaciona de uma forma bem estreita com os fundamentos da Nova Historiografia da Ciência. Para que isso ocorra é importante ressaltar a importância de o professor conhecer esse tipo de material e a linguagem presente nele, pois para que esse recurso seja viável e possa ter seu potencial educativo alcançado, o educador deve fazer um planejamento anterior à aplicação da atividade e ter conhecimentos sobre as características desse material e as possibilidades formativas que apresenta. (LEITE, GATTI e CORTELA, 2020. p. 14).

O conhecimento do professor (mediador) sobre o material desenvolvido nas práticas educacionais se apresenta, para as autoras, como um fator importante, pois este pode, discursivamente, articular os conteúdos sobre a ciência com a inserção de HQ's na sala de aula, apresentando aos alunos outros horizontes representacionais. Rafaela Drey (2017), em seu trabalho "Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico", utilizou histórias do personagem Calvin (Watterson, 1998; 1992) que fazem referência a conteúdos de matemática e física, desenvolvendo atividades como elementos de mediação na construção interdisciplinar de conhecimentos dos alunos. A autora propõe análises discursivas tendo como ponto de observação um único personagem, verificando de que maneira os diálogos do personagens nos episódios podem funcionar como referências para o ensino de ciências. Levando em consideração outra perspectiva, Melchior Junior (2015) discute sobre o uso das HQ's na formação dos professores de Ciências e Biologia. A autora reflete sobre HQ's como recurso didático, evidenciando que os quadrinhos podem emitir juízos particulares dos autores, e, assim, apresentam-se as visões desses autores sobre a ciência. Dessa forma, essa perspectiva deve ser levada em consideração quando se considera o uso de HQ's.

> Trabalhando com as HQ's na disciplina Metodologia de Ensino, percebemos que as mesmas podem ser bastante úteis para o Ensino de Ciências e Biologia, devendo ser contempladas na formação dos professores dessas disciplinas. Note-se, porém, que o entusiasmo pelo tema deve ser acompanhado de moderação e investigação sobre o que ocorre, de fato, na apropriação desse recurso didático pelos futuros professores. Assim, apropriar-se das HQ's na qualidade de recurso didático requer nossa atenção para aspectos básicos, a saber: (1) a adequação conceitual, pois a utilização didática da HQ pressupõe uma correção absoluta, salvo nos casos em que o professor deseje utilizar como parâmetro de comparação em relação ao conceito adequado; (2) a linguagem, uma vez que os muitos desenhistas utilizam uma linguagem chula em suas produções, e a imagem, pois os autores constroem personagens que não são facilmente identificados como pessoas ou são animais desconhecidos; (3) os valores, pois

> os quadrinhos podem emitir juízos muito particulares dos autores. (JUNIOR, 2015. p. 447).

Silva et al. (2018), utilizam o gênero super aventura para desenvolver debates sobre ciências, no trabalho "A África como tema para o ensino de metais: uma proposta de atividade lúdica com narrativas do Pantera Negra". Os autores, através das HQs abordam também a discussão de gênero nas ciências, além de ancorarem suas análises nas diretrizes da lei 10.639/2003.

> Embora Pantera Negra, suas obras e personagens, sejam estadunidenses, assim como seus autores, o conjunto das obras possibilita um caminho para abordar de forma lúdica a África e a diáspora negra nas aulas de Química. A popularidade de personagens de histórias em quadrinhos como o caso do Pantera Negra permite a elaboração de interessantes projetos interdisciplinares que, a partir do lúdico, introduzem conceitos de Química conforme preconizado nas leis 10639/03 e 11645/08.Ao abordar os Materiais do cotidiano e no sistema produtivo a partir de uma atividade lúdica que envolva as narrativas do Pantera Negra, o trabalho pedagógico permite analisar a África não só como um território, uma localidade geográfica, mas também compreender as riquezas minerais existentes no continente. (SILVA, etc all, 2018. p. 14).

Observamos a pluralidade de abordagens nos artigos que discutem relações entre ensino de ciências e HQ's, e as proposições que defendem a abordagem didática e discutem as problemáticas existentes. Os trabalhos lidos nos levam a refletir sobre os seguintes pontos:

- A maioria dos trabalhos que envolvem ensino de ciências e HQ's possuem foco no uso de HQ's como material didático
- Alguns trabalhos que discutem ensino de ciências e HQ's discutem sua utilização na formação docente
- Existem lacunas entre a apresentação das HQ's e o conteúdo trabalhado nas aulas de ciências
- Nas atividades que envolvem HQ's e ensino de ciências a presença do professor (mediador) é de suma importância
- As HQ's apresentam as visões de seus autores sobre a ciência
- As HQ's podem ser utilizadas para divulgação científica, no entanto, devem ser escolhidas com atenção, para não se transformarem em um conteúdo "deficiente".

1.2 Reflexões sobre o aspecto representacional da ciência

A Ciência como objeto de representação é desenvolvida em uma série de narrativas, que não envolvem apenas HQ's, é também, referência para literatura, cinema, teatro, ou seja, uma série de suportes ressignificam o que compreendemos como ciência e/ou conhecimento científico.

Donna Haraway (2009) questiona a maneira na qual o conhecimento científico é fabricado. Segundo a autora, gênero, raça, até o próprio mundo - tudo parece apenas o efeito da distorção da velocidade no jogo dos significantes num campo de forças cósmico (HARAWAY, 2009. p. 10). Neste tabuleiro em que vivemos, as representações se entrelaçam, produzindo jogos de significação, onde os vencedores são escolhidos antes de quaisquer partidas. Haraway (2009) ainda nos provoca observando que "a ciência é o jogo real, aquele que devemos jogar – é retórica" (HARAWAY, 2009. p. 53). Nesse sentido, notamos que há uma série de representações em jogo, e na atmosfera científica não é muito diferente. Haraway pontua:

> A realidade é socialmente negociada para o sujeito pós-moderno. Este mundo-como-código é, apenas para iniciantes, um campo militar de alta tecnologia, uma espécie de campo de batalha acadêmico automatizado, no qual flashes de luz chamados jogadores desintegram-se (que metáfora!) uns aos outros, de modo a permanecer no jogo conhecimento e poder. (HARAWAY, 2009. p. 12).

A autora também questiona as explicações que nos dão sobre o mundo, as formas que as representações da ciência adquirem, e que hoje não nos alimentam mais, ou seja, não respondem mais nossas indagações sobre perspectivas culturais e sociais. As estruturas intactas entraram em colapso, e nesse sentido, a compreensão sobre os estudos identitários se fazem necessárias para outros entendimentos sobre nosso século:

> As feministas têm que insistir numa explicação melhor do mundo; não basta mostrar a contingência histórica radical e os modos de construção de tudo. Aqui, nós, como feministas, nos encontramos perversamente conjugadas ao discurso de vários cientistas praticantes os quais, uma vez tudo dito e feito, acreditam principalmente que estão descrevendo e descobrindo coisas através de sua construção e de sua argumentação". As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm. (HARAWAY, 2009. p. 15).

Ainda segundo Haraway, os subjugados têm uma possibilidade decente de reconhecer o "truque de deus" e toda a sua brilhante - e, portanto, enceguecedora - iluminação. As perspectivas dos subjugados são preferidas porque parecem prometer explicações mais adequadas, firmes, objetivas, transformadoras do mundo" (HARAWAY, 2009).

Concordamos com a importância de novas explicações (e representações) sobre fenômenos compreendidos da mesma maneira durante séculos, principalmente levando em conta que a ciência é um fenômeno histórico, que é, simultaneamente, um elemento construtivo e um produto da história (ROBERTS, 2009). Lisa Roberts (2009), ao discutir sobre a circulação do conhecimento, argumenta que há uma perspectiva que

governa as redes de circulação, e desenvolvida na força europeia. Força essa estruturada em perspectivas de superioridade cultural, em um caminho que pretende o progresso para o futuro. (ROBERTS, 2009. p. 15). No futuro em que Roberts (2009) descreve, há muito espaço para regimes de representação, e só haverá uma resposta para a indagação: Como a ciência é apresentada?

No exercício de pesquisadores, podemos deslumbrar futuros diferentes, onde representações em torno da ciência podem ser refutadas, diluídas, extintas. O debate sobre a esfera representacional da ciência nos permite elucidar provocações que nos séculos anteriores seriam negligenciadas, esquecidas.

Avraamidou (2019) e Varelas et al (2019) refletem sobre os processos que envolvem representações da ciência, e propõem que eles estão ligados ao cenário social, histórico, cultural e acadêmico. Ou seja, o transitar do indivíduo reflete suas perspectivas, e nesse processo, múltiplas representações se cruzam. Sobre questões de gênero e acesso à ciência, Avraamidou (2019) mostra que certos temas são estereotipados como sendo masculinos ou femininos e que homens e mulheres são naturalmente diferentes e atraídos para diferentes temas em conformidade.

Nesse sentido, algumas representações têm sido reproduzidas, de forma massiva, como um espectro masculino. Segundo Varelas et al (2019), representações não são estáveis, mas mudam constantemente. Portanto, sobre a representações étnicas, faltam na ciência grupos minoritários, como mulheres negras e latinas (AVRAAMIDOU, 2019; VARELAS et al, 2019). Tais questões trazem à tona, a importância dos debates sobre representações, de que maneira figuram no campo científico.

Donna Haraway (2009) promove dialogismos entre perspectivas representacionais e epistemologias sobre a ciência, e nos leva à conscientização sobre as alterações que nos invadem na contemporaneidade:

> Estamos falando, neste caso, de formas inteiramente novas de subjetividade. Estamos falando seriamente sobre mundos em mutação que nunca existiram, antes, neste planeta. E não se trata simplesmente de ideias. Trata-se de uma nova carne. (HARAWAY, 2009. p. 24).

A leitura de Haraway (2009) contribui para as problemáticas de representação na ciência, pois suas propostas enfatizam movimentos de rupturas, em torno de uma ciência que se apresenta como imutável (fixa). A autora usa a metáfora do ciborgue para questionar constructos identitários, pois:

> O ciborgue – uma fusão de animal e máquina – joga para a lata do lixo as grandes oposições entre natureza e cultura, self e mundo, que atravessam grande parte do nosso pensamento. Por que isso é importante? Em conversas quando as pessoas descrevem algo como sendo "natural", elas estão dizendo que "é assim que o mundo é, não podemos mudá-lo. (HARAWAY, 2009. p. 26).

As reflexões provocadas pelos argumentos da autora nos levam à percepção de que estamos em frente a um mundo de facções em guerra, ideologias em conflito, oposições em choque: o estado e o povo, o gay e o heterossexual, o capitalismo e o comunismo, o humano e o animal, as pessoas e as máquinas. E nesse cenário, as identidades se interseccionam e colidem, atravessando tradições científicas e reinventando os modos de fazer ciência. A persona cientista foi desenhada em diferentes contextos, desde a imagem "clássica", do homem branco de jaleco no laboratório, a reverberações contemporâneas onde meninas negras fazem ciência e se tornam heroínas. Compreendemos que "fazer ciência" não é um superpoder, no entanto, a potência da representatividade ao folhear, por exemplo, HQ's, vai ao encontro do debate sobre a importância de manifestarmos nossa negritude, e desestabilizar o status quo de uma branquidade que se pretende intocável. Nesse movimento, os atributos da interseccionalidade se transformam em ferramentas para desarticular sujeitos que se compreendem confortáveis em um mundo que se transforma, onde a multiplicidade dá o tom da conversa. Entendemos como relevante também, o debate sobre a ciência como personagem e o personagem cientista, e nesse sentido, discutiremos sobre a identidade científica nas histórias em quadrinhos.

1.3 Metodologia para uma revisão sistemática

Levando em consideração a análise dos trabalhos discutidos, verificamos que as pesquisas apresentam diferentes categorias, neste sentido construímos uma tabela para organização das informações obtidas. Deve-se levar em consideração que em nossa pesquisa, tivemos contato com uma diversidade de trabalhos com a temática ensino de ciências – HQ's, os trabalhos apresentados se configuram como fontes que não apenas citam quadrinhos, mas, apresentam propostas tendo HQ's como pano de fundo de suas pesquisas. Realizamos a revisão sistemática no período entre o ano 2011 e 2020 das Revistas Ciências e Saúde – Manguinhos, Docência em Ciências, Ludus Scientiae e Revista IENCI – Investigação em Ensino de Ciências.

A busca por publicações foi realizada em todas as edições do período selecionado de cada revista. Como critérios para a seleção das publicações a serem analisadas no âmbito deste estudo, realizamos em um primeiro momento a leitura dos títulos e palavras-chave que continham os termos: Ensino de Ciências e Histórias em Quadrinhos. Não foram incluídas as publicações que continham apenas sugestões de leituras de HQ's nas edições analisadas. Depois da seleção, as publicações foram organizadas a partir de palavras-chave, tendo como referencial a pergunta de pesquisa.

1.4 Resultados

Tabela 1

Revistas Analisadas – 4		
36 Artigos		
3 Categorias		
Recorte: 2011 – 2020		
1. Artigos de Revisão	**2. Análise do uso de HQ's em material didático**	**3. Propostas de usos de HQ's como material didático**
2 artigos	**17 artigos**	**17 artigos**

Ao analisarmos os trabalhos que envolvem HQ's e ensino de ciências, tendo como ponto de observação, de que maneira são construídas as pesquisas e quais abordagens são adotadas, verificamos a partir da análise do material e resumidamente apresentado na tabela 1, que entre as 3 categorias apresentadas, podemos destacar:

1. Pesquisas que refletem o que foi produzido sobre o ensino de ciências e HQ's, preocupam-se com o exercício de revisão, verificando também, quais perspectivas podem ser construídas e quais outros caminhos podem ser traçados. Nesse tipo de abordagem foram encontrados 2 artigos.

2. Pesquisas que se desenvolvem sobre a análise de HQ's nos livros didáticos enfatizam que pode não haver diálogos entre o conteúdo do livro didático e a HQ que está no conteúdo. Nesse sentido, esses artigos chamam atenção que cabe (ou não) ao professor desenvolver uma relação de diálogo entre o conteúdo de ciências e a HQ presente nas páginas do material didático. Observamos também, que as abordagens que envolvem ensino de biologia e quadrinhos pautam-se principalmente em HQ's que representam partes do corpo humano, vide "Descobrindo o corpo humano com a Turma da Mônica", revista lançada em 2011 pela Maurício de Sousa Produções. Nesse tipo de material, encontra-se explicações sobre órgãos, músculos, e uma série de partes do corpo humano, apresentadas em diálogos dos personagens nos quadrinhos. No caso do ensino de biologia encontramos também a utilização de HQs do Chico Bento (Maurício de Sousa Produções

– 1961), em diálogo com a natureza, o campo, o ecossistema, narrativas comuns nas histórias desse personagem. Encontramos ainda destaque para o uso de HQs para trabalhar temas relacionados à saúde, e destacou-se HQs em que apareciam hospitais para discutir tal temática na sala de aula. No caso do ensino de química e HQs encontramos destaque que as imagens das HQs que aparecem laboratórios são interessantes para o estudo, pesquisa e abordagens em sala de aula, tendo como foco quadros específicos dentro das narrativas em quadrinhos. Perspectivas sobre ensino de matemática e Qs também foram apresentadas, verificamos que nesses artigos questões numéricas são apresentadas nas HQ's, e como exemplo, principalmente, narrativas do Pato Donald (Walt Disney, 1934), onde em algum momento, o personagem se depara com situações que envolvem símbolos, algoritmos ou números., Nos artigos que discutem ensino de física e HQs encontramos, como nos outros casos, destaque a como usar as HQs para ensinar conteúdo de física, como no caso em que se privilegiou o assunto velocidade, apresentando exemplos em que carros disputavam uma corrida na HQ, e, assim, discutindo sobre conceitos de cinemática a partir da narrativa. Logo, ao propor análises sobre o uso de HQ's em material didático, nos deparamos com 17 artigos.

3. Propostas de usos de HQ's como material didático apontam que a relação entre história e filosofia da ciência nos quadrinhos é pouco discutida, e propõem reflexões sobre a ausência de tal discussão em narrativas presentes nas HQ's. Outros artigos discutem também que a divulgação científica nas HQ's é uma abordagem que foi pautada principalmente nas superaventuras. As análises se debruçaram em super-heróis e sua possível relação com a ciência, como por exemplo, o personagem Hulk (Marvel Comics – 1962), um cientista, que devido a um acidente em laboratório, adquire poderes sobre-humanos. Nesse sentido, os trabalhos indicam a representação do super-herói como um aspecto interessante para se pensar a divulgação científica, ou seja, o contato de jovens leitores com aspectos científicos. Ainda, há trabalhos que refletem sobre a formação de professores e HQ's trazendo abordagens ligadas a importância de oficinas educacionais para que professores possam aprender como desenvolver práticas pedagógicas com HQs em sala de aula. Um artigo discute sobre atividades com HQs em sala de aula, refletindo acerca da produção dos alunos ao construírem suas próprias HQs, como resultado destacam que a lucidicidade das HQs e da produção de HQs motiva os alunos para o ensino de ciências, além de permitir atividades artísticas em aulas de ciências. Verificamos também, em produção de conhecimento científico e quadrinhos, pesquisas que selecionaram HQs em que personagens cientistas estavam presentes, para desenvolver diálogos em sala de aula sobre a importância de quem faz ciência. Outros selecionaram HQs em que aparecem imagens que apontam que a ciência está presente no dia-a-dia, para destacar esse aspecto em aulas de ciências. Nas análises ligadas a categoria propostas de usos de HQ's como material didático encontramos 17 artigos.

Os resultados apresentados anteriormente permitem-nos construir subsídios capazes de indicar respostas para pergunta orientadora dessa pesquisa: de que maneira as pesquisas que envolvem ensino de ciências e histórias em quadrinhos são construídas e quais abordagens são desenvolvidas?

As informações coletadas nos permitem refletir sobre as abordagens que envolvem ensino de ciências e HQ's, nesse sentido, nos deparamos com poucos artigos que

discutem, efetivamente, problemáticas em relação a construção, inserção e manutenção de personagens cientistas e/ou a ciência como personagem importante nas narrativas.

De maneira muito tímida, alguns artigos discutem sobre a análise de HQs nos livros didáticos, história e filosofia dos quadrinhos, formação de professores, ciências da natureza, produção de conhecimento científico e imagens da ciência. Notamos também o crescimento de artigos que desenvolvem as temáticas ligadas ao ensino de ciências em diferentes disciplinas e divulgação científica através dos quadrinhos, a observação foi desenvolvida tendo como paisagem, relações entre HQ's e: Matemática, Filosofia, Biologia, Química, ou seja, as práticas que envolvem HQ's e disciplinas escolares se apresentam entre as textualidades que estruturam os artigos. Percebemos, ainda, que não apareceu em nosso levantamento, pesquisas que discutem especificamente o caráter de representação da ciência e/ou perspectivas identitárias em torno de cientistas representados como protagonistas nas HQs publicadas.

1.5 O que o exercício de revisão nos provoca?

Somos todos quimeras, nos ensina Donna Haraway (2009), no entanto, é com estranheza que notamos a ausência de discussões urgentes ao longo de dez anos, ao observarmos as práticas pedagógicas que envolvem HQ's e ensino de ciências. Nos deparamos com diferentes textualidades no recorte escolhido, no entanto, nota-se que temáticas que envolvem identidades, representação, gênero, e relações étnico-raciais, não parecem ser desenvolvidas ao se discutir sobre HQ's no ensino de ciências. Apresenta-se então uma problemática em nosso tempo contemporâneo, pois, se não discutimos sobre o espaço que habitamos hoje, a "cara" da ciência e do cientista continuaram as mesmas, não interagindo com o tempo líquido (BAUMAN ,2001.) no qual transitamos.

O ensino de ciências tem sido desenvolvido de diferentes formas, ainda sim, a conexão entre o que podemos chamar de práticas científicas e didáticas pedagógicas ao se tratar de utilização de HQ's, ainda se apresenta muito incipiente. Evidenciamos que, na tentativa de mapear temáticas que consideramos interessantes para produção desse trabalho, notamos que algumas privilegiam a experimentação de outros suportes didáticos, ou novas possibilidades de compreensão de "como fazer ciência em sala de aula".

Propor um trabalho de revisão é disseminar inquéritos, sobre o que foi produzido até então, e nesse exercício detetivesco, lacunas se materializam em nossa jornada. Tratando-se dos trabalhos analisados, torna-se "elementar" a ausência de discussões sobre a ciência apresentada em HQ's e do personagem cientista. Existe, mesmo no universo dos personagens quadrinizados, um território habitado por um tipo de cientista, singular, e imutável, perspectiva que desafina, diante da melodia de Donna Haraway, já que há multiplicidade em nós, e a ciência não é um poder que apenas uma figura detém o controle, múltiplas identidades podem acessar o poder da ciência. E se a realidade é socialmente negociada, há pluralidade na maneira de se compreender o mundo, e não há mais necessidade (e possivelmente nunca houve) de compor estéticas e representações que ignoram

a diversidade, e as múltiplas formas de existir/existência. Quimeras são seres mitológicos, no entanto, nós, que desenvolvemos esse trabalho, somos seres reais, e não cruzaremos os braços para repetição de estereótipos em torno da ciência. Nosso trabalho pode contribuir para elucidar questões em torno de "quem faz ciência", provocando insights, acerca de arquétipos repetidos exaustivamente ainda no século XXI.

Em nenhum momento alegamos que a prática de ensino de ciência e/com HQ's não se alterou no decorrer do tempo, sinalizamos que a muito a se fazer ainda. E se algumas pautas ainda não foram compreendidas como relevantes, cabe a nós elucidarmos nos trabalhos futuros, outras possibilidades de inserção das HQ's no espaço educacional. Aprendemos com Marie Curie que "um cientista em seu laboratório não é um mero técnico: é também uma criança que confronta fenômenos naturais que o impressionam como faziam os contos de fadas" (BLACKBURN, 2019).Que se torne uma realidade novas discussões que envolvam o campo científico e o ensino de ciências, pois, não vivemos cotidianamente no campo mitológico.

Capítulo 2

Identidades:

entre branquidade, negritude e interseccionalidade



Capítulo 2

Identidades: entre branquidade, negritude e interseccionalidade

Eles ainda não sabem que são negros...
Mas... São todos negros!
(Anansi – Deuses Americanos)

Neste capítulo pretendemos discutir a fundamentação teórico-metodológica que orientou a construção e desenvolvimento da pesquisa relatada nessa tese. Começaremos apresentando identidade(s), que se constitui no eixo epistemológico substancial para a estrutura dessa investigação. Citamos o conceito no plural pois, navegamos por diferentes dimensões identitárias. A "viagem" se inicia a partir de uma perspectiva histórica, situando os processos de colonização e horizontes socioculturais como extremamente relevantes para a compreensão do conceito. Em seguida, um inquérito sobre a identidade branca (branquidade/branquitude) e os pactos que a envolvem e são efetivos no século XXI. Discutiremos também, sobre Negritude, os processos de entender-se negro e as circunstâncias de acessar essa identidade negra. Observaremos a interseccionalidade e suas formas de existência, que se manifesta como um espectro de exclusão. Entre as identidades, pontuaremos a identidade dialógica, a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin (2014), sua instrumentalização e nossa adesão a esse filósofo da linguagem. Apresentaremos, assim, perspectivas teóricas, que se configuram parte essencial para a fundamentação desta pesquisa. A partir do referencial teórico-metodológico discutido discutiremos ~~presentaremos identidade e~~ representação da ciência e HQ's, identidades e cientistas, levando em conta a maneira pela qual a ciência (como personagem) e o personagem (cientista) são desenvolvidos nas narrativas presentes nas histórias em quadrinhos. E em nossa última seção, uma leitura dialógica sobre identidades nas HQ's da Moon Girl será apresentada, levando em conta as discussões em torno de identidade(s) pretendemos mostrar os caminhos pelos quais construiremos nossa leitura crítica, onde selecionaremos alguns episódios (domínios discursivos) e utilizaremos os conceitos discutidos, no intuito de nos apropriarmos deles, compor uma leitura crítica com densidade e ecoando perspectivas teórico-metodológicas que refletem e refratam nossa identidade.

2.1 A Identidade como arcabouço teórico-metodológico

A perspectiva identitária observada como arcabouço teórico, apresenta-se de maneira eficaz para discussões acerca de linguagens, sistemas, representações, sentidos e existências (HALL; WOODWARD; TADEU; 2014). Ao se propor colocar Identidades em pauta, é importante proceder uma observação histórica, entendendo os processos de negociação entre pluralidades, fluidez e imaginários. Nesse sentido, o objetivo deste

capítulo é desenvolver um inquérito sobre o conceito Identidades, recorrendo a autores que examinam o assunto, de forma a expor os poderes simbólicos em torno do conceito..

Stuart Hall (2014), ao pensar sobre Identidades, comenta que o debate sobre tal conceito tem sido efetivo na teoria social. Segundo o autor, as velhas Identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno (HALL, 2018). A partir de tais perspectivas, podemos pensar em uma "crise da identidade", um processo amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais nas sociedades modernas, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Segundo o autor: "As Identidades modernas estão sendo 'descentradas', isto é, deslocadas ou fragmentadas". (HALL, 2018. p. 9).

Hall (2018) evidência que o conceito identidades é demasiadamente complexo além de muito pouco desenvolvido e compreendido na contemporaneidade. Ele salienta que um tipo diferente de mudança estrutural promoveu transformações nas sociedades modernas no final do século XX.

> Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2018. p. 10.).

A maneira que Hall (2014), discute o conceito de identidade propõe um “abalo” na ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Expõe a perda de um “sentido de si”, uma vez que o sujeito está entre processos de deslocamento e descentralização, que reflete as próprias mudanças da modernidade. Nas palavras de Hall:

> "Exponho três concepções muito diferentes de identidade (a) sujeito do Iluminismo, (b) sujeito sociológico e (c) sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo. A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a coincidência de que nesse núcleo interior o sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito valores, os sentidos e os símbolos - a cultura - dos mundos que ele/habitava. A fragmentação do sujeito, sendo composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados pelos sistemas culturais que nos rodeiam". (HALL, 2019. p. 11-12).

Deve-se observar que as categorias apresentadas pelo autor, são concepções simplificadas, na tentativa de propor horizontes de representação sobre o conceito. Assim, não existem apenas tais concepções de Identidades, que se tornam complexas. Apesar disso, entendemos que as possibilidades que Hall (2014, 2018) apresenta podem funcionar como ponto de apoio para o debate sobre o conceito de Identidades.

Em Cultura e Representação (2016), Stuart Hall evoca a produção de significados, desenvolvendo perspectivas sobre "regimes de representação", que enuncia como estereotipagem.

> A estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a "diferença". Implanta uma estratégia de "cisão" que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Exclui e expele tudo o que não cabe, o que é diferente. (HALL, 2016. p. 191).

O autor ainda comenta que a estereotipagem é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o "pervertido", o "normal" e o "patológico", o "aceitável" e o "inaceitável", pois, facilita a "vinculação", os laços, de todos considerados "normais" com uma "comunidade imaginária" (HALL, 2016). A estereotipagem faz com que as identidades soframm violências simbólicas, através de práticas representacionais conduzidas pela cultura de massa, reconfigurando mecanismos de colonização, que afetam (ou infectam) os imaginários.

O exercício de revisitar nossos arquivos de representações, questionar, reivindicar, e observar a importância dos processos de desconstrução de estereotipagem são perspectivas defendidas também por Melissa Steyn (2004). A autora observa o sucesso de contructos ideológicos no projeto de colonização sobre identidades. Nesse sentido, há um grupo que toma sua identidade como norma e padrão pelo qual os outros grupos são medidos (STEYN, 2004). Nesse sentido, fazemos parte de um jogo de identidades, de disputas incessantes, no qual regimes representacionais fixam determinadas identidades, provocando a perda de sentidos, e, assim, as exclusões.

O destaque de Steyn (2004) a respeito de identidade como norma e padrão nos remete aos processos de colonização e com isso aos efeitos intelectualmente debilitantes do legado eurocêntrico. Esses processos funcionam como pano de fundo para debates contemporâneos sobre identidades e multiculturalismo. Entendemos, então, que a identidade como posição de vantagem social, discursiva e historicamente construída e ideologicamente adotada como natural deve ser questionada. Isto porque ela reflete a visão que o indivíduo tem de si mesmo, e, nesse sentido, tal visão pode estar corrompida por estereótipos (STEYN, 2004).

A contemporaneidade como elemento de desconstrução da noção de identidades imutáveis é pauta, também, nas perspectivas de Donna Haraway (2000), quando a autora problematiza que estamos inseridos num tempo de identidades fraturadas. Segundo a

autora, estamos num tempo fluído, mítico, no qual somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados (HARAWAY, 2000). As identidades apresentam-se, então, contraditórias, parciais e estratégicas. Assim, ao falar sobre identidades, devemos questionar quem é esse "nós?". Haraway propõe observarmos as hierarquias entre identidades e seus aspectos representativos entre lutas teóricas e práticas.

> As narrativas de origem, no sentido "ocidental", humanista, dependem do mito da unidade original, da ideia de plenitude, da exultação e do terror, representados pela mãe fálica da qual todos os humanos devem se separar – uma tarefa atribuída ao desenvolvimento individual e à história, esses gêmeos e potentes mitos tão fortemente inscritos, para nós, na psicanálise e no marxismo. (HARAWAY, 2000. p. 38-39).

As considerações anteriores levam-nos a defender que o exercício de percepção sobre a ideia de uma identidade unificada tornou-se mitológica no século XXI. Nota-se ebulição de vozes silenciadas em diferentes ambientes sonoros, e, atualmente, os ecos tornaram-se mais fortes, apresentando os ruídos do passado, e outras paisagens sonoras no presente.

> A consciência da exclusão que é produzida por meio do ato de nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídas, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade "essencial". (HARAWAY, 2000. p. 42).

Logo, se faz necessário a compreensão de percursos históricos onde o poder do discurso concentrou-se durante muito tempo nas mãos de grupos específicos. Nesse sentido, observa-se a importância de discutir também, sobre o processo histórico da colonização.

2.2 A colonização e as identidades

A respeito da colonização, a proposta de que os "outros" devem ser explorados, conquistados ou aniquilados pavimentou a justificativa de um processo, em que terras distantes poderiam ser absorvidas, subjugadas, e historicamente invisibilizadas, leia-se "outros" como qualquer um que não fosse europeu. A prática colonial transformou-se em um comércio de "gente", controlado por poderosos da Europa, da África e das Américas. Esse comércio foi constitutivo do processo de integração econômica do Atlântico, que envolveu a produção e comercialização em grande escala, um processo no qual a Europa entrava com capital, as Américas com a terra e a África com o trabalho, isto é, a mão de obra cativa. Prática presente também nas Américas, e na Ásia, falamos então de um

sistema econômico, estruturado em vidas cativas, e nesse sistema, as vidas negras foram dizimadas, em porcentagem muito maior que em outras culturas e/ou povos.

Nesse contexto colonial – mercantil - escravagista, a ideologia evolucionista, na segunda metade do século XIX, deu novas cores "teológicas" e "científicas" a essas dicotomias mediante complicadas teorias, que acabaram por tentar representar e justificar conquistas dos povos, de seus territórios, e a exploração escravagista. (LUZ, 2010; SILVA, 2013). Jaime Pinsky (1966) argumenta que a escravidão não é apenas uma "instituição histórica" ou um "modo de produção", mas uma maneira de relacionamento entre seres humanos. No projeto de colonização europeu, a Europa e os que eram reconhecidos como dali originários foram tomados como modelo de civilização e de humano. Assim, tudo que não fosse dali derivado era considerado "outro", e, assim, capaz de ser eliminado, escravizado e catequizado. Esse projeto foi colocado em prática com violência, fazendo com que os colonizadores se colocassem no "topo" e os não colonizadores reduzidos à "base". A violência desse processo eliminou corpos físicos e conhecimentos, deixando marcas que hoje se manifestam em nossa sociedade. Nesse sentido:

> A herança escravista continua mediando nossas relações sociais quando estabelece distinções hierárquicas entre trabalho manual e intelectual, quando determina habilidades específicas para o negro (samba, alguns esportes, mulatas) e mesmo quando alimenta o preconceito e a discriminação racial. (PINSKY, 1966. p. 7).

A construção de camadas entre identidades é oriunda do processo de colonização, que além de afetar as relações sociais atua no imaginário dos seres humanos. Frantz Fanon (2008) nos alerta para os efeitos psicossociais do processo de colonização. Segundo o autor, o problema da colonização comporta assim não apenas a intersecção de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do homem diante dessas condições – tal atitude provoca uma "situação colonial", que orienta um complexo de inferiorização. Pois, o colonialismo é obra de aventureiros políticos, os "representantes os mais qualificados" que se consideram acima da massa (FANON, 2008. p. 89).

Entre as consequências da colonização do imaginário, o autor observa que o complexo de inferioridade atua da seguinte forma:

> Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, "que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnamente fornecedor de carne macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo" Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade (FANON, 2008. p. 94).

O processo de não se identificar com suas características biológicas, no sentido de desejar ser o outro (o branco), torna-se uma violência psíquica no indivíduo, o que Achile Mbembe (2013) chama de "poço da alucinação". Isto porque no jogo do imaginário, o indivíduo renega a si mesmo, desejando encontrar-se em "outro eu". E, nesse caso, não tendo a aprovação da branquidade, desconstrói-se por inteiro. Essa desconstrução é o que Achile Mbembe (2018) considera uma das principais violências do colonialismo.

Nobu Chinen (2019), ao discutir o processo de colonização, chama nossa atenção: a redução de seres humanos à mera propriedade acarretava não apenas a morte social e simbólica, mas também a morte física (CHINEN, 2019. p. 26). E a respeito da mecânica colonial, evidenciamos as reflexões de Aimé Césaire:

> "Seria preciso, antes, estudar como a colonização funciona para descivilizar o colonizador; para brutalizá-lo no sentido apropriado da palavra, degradá-lo, despertá-lo para instintos soterrados, cobiça, violência, ódio racial, relativismo moral (...). Há um acréscimo de peso morto na civilização, ocorre uma regressão universal, uma gangrena se instala, um foco de infecção se espalha, e que no final de todos esses tratados violados, todas essas mentiras propagadas, todas essas expedições punitivas toleradas, todos aqueles prisioneiros amarrados e "interrogados", todos esses patriotas torturados, no final desse orgulho racial estimulado, dessa jactância propagada, existe o veneno incutido nas veias da Europa, e o processo lento, mas seguro, do asselvajamento do continente" (CÉSAIRE, 2020. p. 17).

Caetana Damasceno (2010) observa que é importante compreender o processo de colonização para a percepção de que a construção social das desigualdades raciais se relaciona também com a noção de "branqueamento" e com "boa aparência" que, ainda hoje, permeia toda a sociedade brasileira com um valor absoluto. Segundo a autora, no Brasil "boa aparência" tornou-se significado de não ser negro. Falamos então de um problema social, que desestabiliza os processos identitários, atua no campo do imaginário, e apresenta a "boa aparência" ou "tornar-se branco" como uma opção de aceitação social, característica existente e disseminada a partir da construção do colonizador.

Entendemos a colonização como um rastro histórico, que deve pautar as discussões sobre construções identitárias. E assim, discutir de que maneira rupturas e ramificações foram sendo estabelecidas nos processos socioculturais, em diferentes ambientes. Ressaltamos, assim, a importância de descontruir o "império cognitivo" estabelecido na colonização e aprendemos, a partir dos estudos de Boaventura Santos (2019), que torna-se um exercício epistêmico reinterpretar permanentemente o mundo, e ao mesmo tempo propor transformações, levando em consideração que tal postura não pode ser produzida por um único tipo de conhecimento. E nos engajamos em identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias construídas a partir do processo colonizador de construção do "outro" (SANTOS, 2019).

Discutir perspectivas identitárias, seus percursos históricos e horizontes socioculturais, a partir dos pesquisadores aqui apresentados, torna-se um exercício pontual para rescrever histórias, problematizar posturas epistemológicas e políticas. Assim, entendemos que a contemporaneidade se torna um processo de construir e

descontruir identidades, categorias, relações, e narrativas, embora todas essas questões estejam envolvidas em uma dança em espiral. Logo, o percurso histórico será mais bem discutido a partir dos conceitos de branquidade e negritude na próxima seção.

2.3 A Identidade Branca em análise

A opção pelo debate sobre identidades evidencia que a transformação da sociedade requer um certo grau de consciência, ação e vontade, pois, forças históricas e contemporâneas sustentam as formações particulares de identidades. E, assim, o poder simbólico de tal conceito atua como significante da corporificação de privilégios. (WARE, 2004). Um dos aspetos fundamentais do estudo de identidades é o terreno que se prepara para os novos tipos de diálogos, não só dentro de fronteiras nacionais, mas também através delas. Importante ressaltar que os estereótipos seriam banais, se não fossem tão letais, tão contundentes em termos físicos, emocionais, afetivos e espirituais. Portanto, existe uma dificuldade em como assinalar a mudança quando ela acontece, e como reconhecer sua continuidade (FRANKENBERG, 2004).

A formulação e aplicação de um conceito, o de "branquidade", alterou profundamente os modos como muitos estudiosos e ativistas discutiam sobre raça (RACHLEFF, 2004).

> "Enquanto antes se presumia que estudar a "raça", significava estudar pessoas de cor, existe agora uma consciência de que os brancos têm uma "raça", como qualquer outra pessoa. Entende-se também que raça é um constructo social, criado por pessoas e não pela biologia, dentro de um contexto histórico, ou seja, que se modifica no tempo. Apesar de ser real e ter uma manifestação material, e a despeito de sua construção social, ela não tem sentido, se vista isoladamente de seu contraponto, seu "outro" – a "negritude"." (RACHLEFF, 2004. p. 97).

Segundo Peter Rachleff (2004), em formulações teóricas e estudos empíricos, os estudiosos têm examinado a "branquidade" como um produto da interação entre as elites brancas. A supremacia branca tanto inclui a dominação cultural quanto política e econômica. Com isso, os grupos subalternos têm de lutar para criar novas representações deles mesmos, assim como têm que resistir às representações que lhes são criadas por grupos hegemônicos da cultura dominante (RACHLEFF, 2004).

Ruth Frankenberg (2004) desenvolve reflexões teóricas sobre o conceito de branquidade, perspectiva que discute a identidade branca. Segundo a autora, quanto mais se examina a questão da raça, mais a ideia da branquidade, como norma não-marcada, revela-se como uma miragem, ou, a rigor, uma fantasia dos brancos (FRANKENBERG, 2004). A autora continua:

> "De fato, a branquidade encontra-se num estado contínuo de ser vestida e despida, marcada e encoberta. Isso vem ocorrendo desde a época em que o termo foi usado racialmente pela primeira vez, a meio caminho de quinhentos anos de viagens imperialistas europeias pelas Américas, pela África, por partes da

> Ásia, pela Austrália e pela região do Pacífico, povoando-as e expropriando-as" (FRANKENBERG, 2004.p.309).

A autora apresenta quatro aspectos importantes para compreendermos o conceito de branquidade:

> Primeiro, ao examinar o termo "branquidade", é crucial lembrar que, no contexto da colonização, os constructos identificados como "povo(s), "nações", "culturas" e "raças" passaram a ter um entrelaçamento complexo(...) Segundo, precisamos lembrar que o termo "raça" entrou no cenário linguístico em época relativamente tardia, tal como o substantivo "branco", e que, a rigor, os dois termos foram gerados pelo imperialismo, não se trata, portanto, de que a palavra "raça", previamente neutra, tenha sido "corrompida" pelo colonialismo(...) Terceiro, devemos observar que, tal como a palavra "raça" e a expressão "termos raciais" (branquidade, negritude e assim por diante), as palavras "culturas", e "povos" esteve muito ligada à prática de denominar e marcar uma porção de Outros como seres considerados inferiores aos Eus "nacionais" que procuravam dominá-los (...) Em quarto lugar, e ligado a todos os precedentes, a "branquidade" ou as pessoas brancas, sugiro, denominaram-se ao longo da história principalmente para dizer "não sou aquele Outro". Apesar de ser tão relacional quanto seus outros, a branquidade é menos claramente marcada, exceto, ironicamente, em termos de sua não-Alteridade. (FRANKENBERG, 2004.p. 310).

Portanto, ao discutir sobre identidades, a identidade branca se apresenta entre os diferentes constructos ideológicos que se deslocam o conceito, pois, a branquidade é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial (FRANKENBERG, 2004). Ainda, segundo a autora, a branquidade é um "ponto de vista", um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros e as ordens nacionais e globais. Levando em conta as questões discutidas até o momento, observamos que a branquidade é parte da construção histórica da ciência, e direciona seus imaginários, já que a branquidade é um lócus de elaboração. Como salienta Frankenberg (2004), o conceito discutido, é parte de toda uma estrutura na qual, ainda hoje, a ciência é enxergada. Dessa forma, as práticas de representação da ciência e, consequentemente, do cientista apresentam -se em camadas de significados inflexíveis, implicando na hierarquização da mente, das emoções, e do corpo. Ao problematizarmos a identidade branca, nota-se ainda que, há estruturas protetoras que situam as normatividades em torno da branquidade, que fornece uma intersecção útil na dinâmica de raça e na evolução das classes. E, assim, constrói um obstáculo para pessoas de cor em seus esforços de atingir uma existência humana (RACHLEFF, 2004).

Há na identidade branca pactos narcísicos (Bento, 2022). E verificar tais pactos é um exercício necessário ao se discutir sobre a configuração das identidades. Cida Bento (2022), reflete sobre a identidade branca tendo como referência o termo branquitude. A autora enfatiza a importância de se discutir sobre perspectivas identitárias e relações raciais. Segundo Bento, é preciso reconhecer e debater essas e outras relações de dominação para criar condições de avanço para outro tipo de sociedade e outros pactos civilizatórios (BENTO, 2022. p. 15). Aprendemos com Bento (2022), a compreender a perspectiva que emerge quando deslocamos o olhar que está sobre os "outros" racializados, os considerados "grupos étnicos" ou os "movimentos identitários", para o centro, onde foi colocado o branco, o "universal", e a partir de onde se construiu a noção de "raça" (BENTO, 2022. p. 15).

A autora explica o pacto narcísico, colocando em "xeque" as estruturas políticas, sociais, econômicas, ou seja, todo o cenário cultural. Nas palavras de Bento (2022):

> As organizações constroem narrativas sobre si próprias sem considerar a pluralidade da população com a qual se relacionam, que utiliza seus serviços e que consomem seus produtos... Assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade onde a presença e contribuição negras se tornam invisibilizadas. (BENTO, 2022. p. 17-18).

Bento (2022), sinaliza que estamos falando de um fenômeno, e seu nome é branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. E continua:

> As formas de exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o "diferente" ameaçasse o "normal", o universal. (BENTO, 2022. p. 18).

A autora ainda propõe que compreender o espectro da branquitude é verificar o contexto histórico, pois, trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente.

> O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer "tacitamente" a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E no processo excluir os outros grupos "não iguais" ou não suficientemente meritosos. (BENTO, 2022. p. 24-25).

Bento (2022) nos ensina que o pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo (branco). Dessa forma, gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns. O pacto suprime as recordações, que trazem sofrimento e vergonha, porque são relacionadas à escravidão (BENTO, 2022. p. 25). Sendo assim:

> Falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios. (BENTO, 2022. p. 25).

Pontuamos em nossa escrita alguns aspectos da identidade branca, que oscila entre branquidade e branquitude, entendemos a opção do termo nada tem a ver com a mudança de sentidos ou de demarcação. No ano 2000, a escola de samba União do Parque Curicica entoou: "sou branco, sou negro, sou Brasil, sou Brasileiro" em seu samba enredo. Após colocarmos a identidade branca em pauta, percebemos que a licença poética da esfera musical, permite tais "devaneios". No entanto, ser branco e ser negro não cabem na mesma sentença. Isto porque essa sentença se constrói numa sociedade em que a cor é trunfo, e ainda no campo metafórico, ser branco é o naipe, é o jogo. Ainda consultando os estudos de Bento (2022):

> Os brancos, em sua maioria, ao não se reconhecerem como parte essencial as desigualdades raciais, não as associam a história branca vivida no país e ao racismo. Além disso, a ausência de compromisso moral e o distanciamento psicológico em relação aos excluídos são características do pacto narcísico. Os pactos narcísicos exigem a cumplicidade silenciosa do conjunto dos membros do grupo racial dominante e que sejam apagados e esquecidos os atos anti-humanitários que seus antepassados praticaram. (BENTO, 2022. p. 121).

Enunciar tais perspectivas é desestabilizar esses pactos que ditam, ainda hoje, a dinâmica sociocultural brasileira. No entanto, rupturas são possíveis, e a pesquisa, é uma das ferramentas mais efetivas contra um status-quo, que insiste em produzir ausências, quando se trata de negros, de "outros" que não são brancos. O processo de compreensão acontece em camadas, e observamos que o primeiro "movimento" é notar que existe um "jogo". Quando conseguimos estudar as regras desse jogo, aprendemos a jogar, estamos falando de "jogar com os brancos", uma brincadeira que eles conhecem desde a infância. Diante dessa realidade nada utópica, evocamos a negritude, a identidade negra, assunto no qual vamos nos debruçar na próxima seção.

2.4 Uma Introdução a Negritude

As reflexões que emergem a partir do campo discursivo observado nos levam à percepção de que há na sociedade a sentença de que um grupo se coloque como majoritário, hegemônico e essencialmente humano, e que esse grupo coloque outros grupos como subalternizados, inferiores e não humanos (BORGES, 2021). Tais questões nos levam à percepção de que a identidade negra pode estar enclausurada em uma objetividade esmagadora (FANON, 2008), ou seja, apesar de se compreender que as identidades se deslocam, observa-se a manutenção dos espaços em que a negritude ocupa. Isto porque sua construção baseia-se em estereótipos, que negligenciam o processo de representação identitária. E, assim, não está de acordo com a ideia de assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, de cabeça erguida: sou negro (MUNANGA, 1988). Portanto, deve-se compreender os processos de efabulação e enclausuramento que se articulam em torno das construções sobre a figura do negro (MBEMBE, 2014).

A representação e representatividade combinam necessidades materiais e simbólicas dos grupos, bem como seus sonhos, anseios, crenças e fantasias. Observamos a negação intelectual e cultural de populações não brancas, cristalizadas em imagens de subalternizações e/ou imagens de controle. A análise sobre perspectivas identitárias tendo a questão negra como ponto de partida apresenta-se como um exercício de cartografia, no sentido de compreender os imaginários sobre regimes de representação. E com isso estudar como a colonização funciona. (THEODORO, 2019; COLLINS,;BILGE, 2021; CÉSAIRE, 2020).

Aime Césaire discute o significado do conceito de Negritude. O autor pontua:

> A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história: a história de uma comunidade cuja sua experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas. (...) Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como a tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. Ela não é nem da ordem do patético e da dor. Não é emoção nem dor. A Negritude resulta de uma atitude ativa e agressiva do espírito. Ela é um despertar, um despertar de dignidade. Ela é uma rejeição, e rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta (...). (CÉSAIRE, 1987. p. 109).

A elucidação sobre os dispositivos de ramificação identitárias leva-nos à visibilidade da identidade negra como um manifesto de representação, redigido por vozes invisibilizadas no decorrer da história, que hoje, continuam a escrever sobre suas origens. Nesse processo, suas textualidades são lidas, pois, a escrita não está nas mãos de apenas um grupo, e a hegemonia das plataformas coloniais está se dilacerando nesses tempos fluidos (HALL, 2014). Entender-se negro é navegar pelas dimensões psíquicas, simbólicas e sociais do constructo identitário (WOODWARD, 2014). Ainda sobre o conceito de Negritude, Césaire propõe:

> É preciso mais para construir uma identidade? Os cromossomos me importam pouco. Mas eu creio nos arquétipos. Eu creio no valor de tudo aquilo que está enterrado na memória coletiva de nossos povos e mesmo no inconsciente coletivo. (CÉSAIRE, 1987. p. 111).

O território do imaginário, região atingida pelas políticas de representação, tornou-se espaço em que as identidades podem fixar-se, nos levando a reféns de perspectivas vigentes. No entanto, o despertar se faz necessário, logo os processos de desconstrução de estereótipos transformam-se em rupturas emergentes para o mundo atual.

Nota-se a importância de pensar sobre os usos e sentidos da negritude (MUNANGA, 2012). Há configurações identitárias e representacionais que propõem certa fluidez, pois, entende-se que a identidade é forjada também, através de características culturais e linguísticas (MUNANGA, 2012. p. 11). Munanga (2012), acentua que há processos ao se construir identidades, e um deles (talvez o mais urgente), é a tomada de consciência das diferenças que nos atravessam cotidianamente. E, vale ressaltar, que o grau desse tipo de consciência não é igual entre todos os negros, entendendo que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados (MUNANGA, 2012. p. 11).

Tendo como referência a paisagem que o autor nos aponta, refletimos sobre entender-se como parte desse status intitulado negritude, e, nos parece um movimento de metamorfose. Dessa forma, não se trata de uma perspectiva que “acontece" de um dia para o outro. Nas palavras do autor:

> Pode-se-á dizer, em última instância, que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar uma solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta. Mas pode também haver manipulação da consciência identitária por uma ideologia dominante quando considera a busca da identidade como desejo-separatista. (MUNANGA, 2012. p. 13).

Ideologia e manipulação, eixos discutidos por Munanga (2012), apresentam possibilidades de nos aprofundarmos nos aspectos que configuram a representação da negritude. Entender-se negro é aventurar-se por uma série de processos e estar diante de uma operação de desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo (MUNANGA, 2012. p. 53). O autor ainda observa que ao nos depararmos com os estudos sobre a negritude, devemos levar em consideração dois objetivos principais: a) buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana), b) protestar contra a ordem colonial e lutar pela emancipação de seus povos oprimidos. Nas palavras de Munanga (2012):

> Entre os três objetivos que acabamos de levantar, o que impressiona imediatamente por sua amplitude e pela variedade das disciplinas mobilizadas à sua compreensão é a afirmação e a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros. (MUNANGA, 2012. p. 52).

Acessar a negritude é imergir em um oceano de narrativas que nos foram bloqueadas. De forma tal, que o possível (des)bloqueio consiste em lidar com histórias que ainda não foram lidas, reivindicando a representação do negro em uma "trama" escrita pelo processo de colonização. E, assim, compreender-se em uma guerra, despertando no negro um desejo de afirmação cada vez maior (MUNANGA, 2012. p. 55).

A afirmação, condição estabelecida após nos depararmos com um cenário no qual não nos enxergávamos, inclui reinterpretar o mundo e projetar: sou negro, e posso existir a partir de minha negritude. Munanga (2012), afirma:

> A negritude nasce de um sentimento de frustração dos intelectuais negros por não terem encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade. Nesse sentido, é uma reação, uma defesa do perfil cultural do negro. Representa um protesto contra a atitude do europeu em querer ignorar outra realidade que não é a dele, uma recusa da assimilação colonial, uma rejeição política, um conjunto de valores do mundo negro, que devem ser reencontrados. Defendidos e mesmo repensados. Resumindo, trata-se primeiro de proclamar a originalidade da organização sociocultural dos negros, para depois defender sua unidade através de uma política de contra-aculturação, ou seja, desalienação autêntica. (MUNANGA, 2012. p. 63).

Ler Munanga (2012) é arrancar máscaras brancas (FANON, 2008), que permanecem em nossos rostos quando não identificamos nossa negritude. É lutar contra a perspectiva de que o negro, em determinados momentos, fica enclausurado no próprio

corpo (FANON, 2008. p. 186). Falamos aqui de enfrentar a desalienação, processo no qual se recusa uma atualidade em que o negro é invisibilizado (FANON, 2008).

Fanon (2008) chama atenção para a questão da linguagem, uma vez que falar é existir absolutamente para o outro, o negro tem duas dimensões, uma com seu semelhante e outra com o branco (FANON, 2008. p. 33). Habitar essas duas dimensões é um processo complexo, que nos desloca já no território da infância: "uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contacto com o mundo branco" (FANON, 2008. p. 128). Por mais esquizofrênico que pareça, nós (negros), acessamos nossa negritude, também, para reivindicar o status "normal", normalidade esta negociada por um pacto narcísico da branquitude (BENTO, xxxx). No entanto, ao reivindicar tal status, e abraçados pela negritude como conceito-movimento, alteramos uma série de pressupostos histórico-culturais e apresentamos as espadas brancas nas mãos negras (AGOSTINHO; SILVA, 2022).

Agostinho e Silva (2022), tendo como corpus teórico Fanon (2008) e Munanga (2012), discutem sobre a identidade negra na contemporaneidade. Os autores enfatizam que existe um projeto para desestabilizar crianças negras, violenta-las de tal maneira, que será quase impossível construir perspectivas para o futuro em seus imaginários (AGOSTINHO; SILVA, 2022. p. 85). Portanto, compreender-se como negro e "vestir" a negritude é se posicionar contra quaisquer tipos de projetos que pretendem a invisibilidade da história do povo negro e a exclusão da presença negra. É posicionar-se de maneira efetiva contra o racismo. Os autores ainda, enfatizam a importância do imaginário, uma vez que a ideia de um protagonista negro em contextos narrativos nos leva ao exercício de imaginar novas cartografias em torno da presença negra. Nesse sentido, perceber a negritude nestas narrativas, pode ser compreendido como positivo, principalmente ao se pensar na desconstrução de estereótipos vigentes e exaustivamente repetitivos. (AGOSTINHO; SILVA, 2022. p. 89).

Ao "conversarmos" com esses teóricos, alegamos que a negritude é um poder (RIBEIRO; PEREIRA, 2021). E esses poderes aparecem, inclusive, em narrativas em que nossas crianças acessam, pois pode haver mais de uma maneira de acessar a negritude. Observamos, por exemplo, o personagem Blade, criado pela Marvel Comics em 1973. As narrativas oriundas da Transilvânia sempre apresentaram ao mundo que existia apenas uma cor para Vampiros (branca). Eis que surge Eric Brooks (Blade), um vampiro negro, conhecido como "aquele que anda de dia". O personagem Blade configura a negritude como um poder, pois, em sua narrativa, sua cor lhe dá vantagem na sociedade em que habita.

Personagens como Blade nos fazem transitar em imaginários, e personagens como Frantz Fanon e Kabengele Munanga nos levam à compreensão da realidade. Diante de todas as questões discutidas até aqui, acreditamos na potencialidade de entender a negritude como um conceito importante e urgente para se discutir sobre configurações identitárias. E, notamos também, que se trata de uma discussão introdutória, tendo como ponto de interesse, apresentar conceitos e autores para uma conversa inicial. Em suma, confiamos no "poder da negritude", e é este poder que utilizamos para forjar esse trabalho.

2.5 A Interseccionalidade em pauta

Os estudos que se articulam entre perspectivas identitárias e horizontes culturais evidenciam, também, o conceito de interseccionalidade. Esse conceito pressupõe que nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim grupos sobrepostos. No entanto, ao nos debruçarmos sobre tal fundamentação teórica, devemos observar que a interseccionalidade não é narrativa teórica de excluídos, pois as diferenças são sempre relacionais. Logo, a interseccionalidade se interessa pelas desigualdades impostas pela matriz de opressão (CRENSHAW, 2012; AKOTIRENE, 2018).

Kimberlé Crenshaw (2012) ao propor análises sobre a identidade das mulheres negras nos Estados Unidos enfatiza:

> Estou sugerindo que mulheres negras podem experienciar discriminação de modos ao mesmo tempo parecidos e diferentes dos experienciados por mulheres brancas e homens negros. Mulheres negras às vezes experienciam discriminação de modo similar a mulheres brancas; às vezes compartilham experiências similares com homens negros. Porém, frequentemente experienciam discriminação dupla – os efeitos combinados de práticas que discriminam com base na raça, e com base no sexo. E, às vezes, experienciam discriminação como mulheres negras – não a soma de discriminação de raça e de sexo, mas como mulheres negras. (CRENSHAW, 1989, p. 149).

A autora ainda reflete que a interseccionalidade surgiu da tentativa de conceitualizar o modo pelo qual a lei respondia a questões em que tanto raça como gênero estavam envolvidas: “O que aconteceu foi como um acidente, uma colisão. A interseccionalidade simplesmente surgiu da ideia de que se você está no caminho de múltiplas formas de exclusão, provavelmente será atingido por ambas”. (CRENSHAW, 2004,).

Os estudos interseccionais nos apresentam a ideia de que existem sistemas simbólicos (universais) baseados em gênero, e esses significados de gênero impregnam nosso sistema de crenças, nossas instituições, ou seja, toda nossa vida social. Observa-se também, que a interseccionalidade como ferramenta analítica não está circunscrita às nações da América do Norte e da Europa, nem é um fenômeno novo (HARDING, 1986; COLLINS; BILGE, 2021).

> Consideremos o exemplo inesperado de Savitribal Phule (1831-897), ativista social dalit que desenvolveu um trabalho importante na Índia do século XIX, o qual colocou a primeira geração de feministas indianas modernas... Savitribai Phule enfrentou muitos dos eixos da divisão social, a saber, casta, gênero, religião, desvantagem econômica e classe. Seu ativismo político compreendia as categorias de interseccionais da divisão social. (COLLINS; BILGE, 2021. p. 18).

O trabalho de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) investiga o conceito de interseccionalidade. As autoras pautam seus trabalhos sobre como as relações interseccionais podem influenciar as relações sociais marcadas pela diversidade, bem

como as experiências individuais da vida cotidiana. Enfatizam que há categorias que se sobrepõem e funcionam de maneira unificada, e essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos da vida social. E observam:

> A interseccionalidade funciona como uma ferramenta analítica, considerando as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária, ou seja, categorias que são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. (COLLINS; BILGE, 2021. p.16).

As perspectivas interseccionais promovem entendimentos mais amplos sobre o conceito de identidades, de forma que entendem que as identidades se interseccionam. Nesse sentido, em vez de uma essência fixa que a pessoa carrega de uma situação para outra, entende-se agora que as identidades individuais se aplicam diferentemente de um contexto social para o outro. E esses contextos sociais são moldados pelas relações de poder interseccionais. Os textos observados até aqui, nos indicam que a identidade individual é moldada por múltiplos fatores que se destacam diferentemente de um contexto social para o outro. Com isso, a interseccionalidade atua desestabilizando constructos identitários, expondo subjetividades que se entrelaçam.

Collins e Bilge (2021) pontuam que a história da interseccionalidade não pode ser precisamente organizada em períodos ou pontos geográficos. "Relacionar autores a décadas e escolas de pensamento específicas, longe de ser um procedimento neutro, divide a história em períodos, o que leva, em geral, a explicações altamente simplificadas" (COLLINS; BILGE, 2021. p.89). Entre os possíveis motivos para a construção do conceito de interseccionalidade destacam:

> Nesse contexto, uma vez que as mulheres de cor foram afetadas não apenas por um desses sistemas de poder, mas pela convergência entre eles, elas criaram movimentos autônomos que expuseram as ideias centrais da interseccionalidade, embora usando vocabulários diferentes (COLLINS; BILGE, 2021. p.89).

No entanto, as autoras observam que as décadas de 1960 e 1970 foram importantes para elaboração das ideias da interseccionalidade. No fim da década de 1960, mulheres de cor se engajaram em ideias práticas dos direitos civis, do movimento Black Power, de libertação de chicanos, Red Power e movimentos asiático-americanos em bairros racial e etnicamente segregados (COLLINS; BILGE, 2021. p.90). As autoras ainda observam que:

> Dada a discriminação histórica contra mulheres de ascendência africana, é tentador atribuir às afro-americanas a propriedade de suposta descoberta da interseccionalidade, então sem nome. No entanto, nos Estados Unidos, as afro-americanas faziam parte de alianças heterogêneas com chicanas, latinas, indígenas e asiático-americanas. Embora as experiências e os movimentos sociais que elas criaram ou aos quais aderiram tivessem formas diferentes,

> esses grupos foram os primeiros a reivindicar a interconectividade de raça, classe, gênero e sexualidade em suas experiências cotidianas, bem como a importância dessa análise interseccional. (COLLINS; BILGE, 2021. p.97.).

As perspectivas apresentadas nos ajudam a compreender a importância de perceber os aspetos identitários, que produzem diversas narrativas em torno do que conhecemos como interseccionalidade. Sendo assim, as análises interseccionais sobre raça, classe, gênero e sexualidade foram aperfeiçoadas dentro e através de múltiplos movimentos sociais. Collins e Bilge (2021) enfatizam "se localizar" dentro da esfera identitária como uma postura urgente, pois, provoca entendimentos politizados da identidade e da comunidade. Nesse entender, cabe ressaltar que quando o termo "interseccionalidade" começou a ser usado na década de 1990, ele parecia ser adequado a essa forma emergente de investigação e práxis críticas que funcionava em espaços limítrofes entre movimentos sociais e políticas acadêmicas (COLLINS; BILGE, 2021. p.115).

Pensar identidades é também, refletir sobre os aspectos interseccionais que as atravessam. O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica promove entendimentos mais amplos das identidades coletivas e de ação política, de forma que a identidade foi uma dimensão importante para o surgimento da interseccionalidade. (COLLINS; BILGE, 2021. p.188).

A interseccionalidade nos permite o entendimento acerca da complexidade das identidades individuais.

> Em vez de uma essência fixa que a pessoa carrega de uma situação para outra, entende-se agora que as identidades individuais se aplicam diferentemente de um contexto social para o outro. E esses contextos sociais são moldados pelas relações de poder interseccionais. (COLLINS; BILGE, 2021. p.188)

Estamos falando de uma política identitária que repousa sobre uma relação recorrente entre indivíduos e as estruturas sociais, quando os primeiros criam um coletivo baseado em lugares sociais semelhantes nas relações de poder. (COLLINS; BILGE, 2021. p.210). Logo:

> Uma identidade transformada pode ser transformadora e duradoura. Uma vez que as pessoas mudam no nível individual por meio da conscientização política, também se tornam atores da mudança coletiva. O foco no eu, em sua totalidade, proporciona um impulso importante ao empoderamento individual e coletivo. (COLLINS; BILGE, 2021. p.210).

Sobre os estudos que envolvem interseccionalidade, o conceito tem sido abordado de maneira mais pontual em discussões sobre práxis pedagógica, globalização,

movimentos sociais, educação crítica, feminismo e racismo. Apesar de estes serem os eixos que o conceito tem sido debatido de maneira mais eficaz, a interseccionalidade não se restringe apenas a tais perspectivas. Se existem diferentes atores sociais, o ímpeto da interseccionalidade reflete sobre enigmas do mundo social, preocupações e empreendimentos disciplinares estabelecidos (COLLINS; BILGE, 2021. p. 244).

> A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais cotidianas. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e se afetam mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021. p.245).

Observamos que a opção por determinados conceitos como fundamentação teórica do trabalho é uma questão política. Nessa dinâmica, acreditamos que a interseccionalidade é uma ferramenta necessária para questionar modelos que se mantém ativos em uma contemporaneidade que pode ser múltipla, diversa, sem identidades fixas (presas). Portanto, o debate sobre interseccionalidade nos ajuda a compreender o motivo de representações exaustivamente repetidas em tornos da identidade na ciência. Portanto, ao se discutir sobre a ciência como personagem e o personagem cientista, a categoria interseccionalidade funciona como constructo teórico relevante, no sentido de examinar o conceito de identidade e propor articulações com representações da ciência.

2.6 A Identidade Dialógica em Mikhail Bakhtin

A identidade como conceito, pode ser desenvolvida em perspectivas diversas, vide os aspectos fluídos, pactos narcísicos e múltiplas formas de exclusão (HALL, 2014; BENTO, 2022; COLLINS, 2021). Os estudos de Mikhail Bakhtin (2014) nos ensinam outra forma de se compreender tal conceito. Entendemos que os escritos de Bakhtin (2014) nos apresentam a identidade dialógica. Isto porque observarmos as relações discursivas aparentes entre signo, natureza social, linguagem, consciência, ideologia e linguagem (BAKHTIN, 2014. p. 13). Entretanto, diante de tantos caminhos, quais motivos evocam Mikhail Bakhtin para este trabalho? Optamos por conversar com Bakhtin por seu aspecto filosófico em torno da linguagem. O autor flerta com o exercício de analisar discursos, expondo seu domínio sobre o "refletir e refratar' latente na sociedade. Então, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, afirmando sua natureza social, e, portanto, não individual. Em Bakhtin, o enunciado está indissoluvelmente ligado às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (BAKHTIN, 2014. p. 14).

Ainda na escolha categórica de um referencial para nossa proposta, acolhemos de Bakhtin sua exímia habilidade de perceber maneiras de se discutir o conceito de identidade, e, também, propor mecanismos de análise de personagens. A identidade dialógica (Bakhtin, 2014) é uma dimensão para se compreender o existir de discursos imagéticos e textuais. Bakhtin nos permite deixar de ver o mundo pelo buraco da fechadura, e acessando a identidade dialógica, podemos compor análises que desafinam pouco (ou quase nada).

Em defesa de nossa causa, cabe ainda mencionar o papel de Mikhail Bakhtin como fluente nas áreas que envolvem teoria literária, crítica literária, análise do discurso e semiótica, se estamos diante de um filósofo da linguagem, haveria motivos para não dialogarmos com ele? No entanto, a utilização de Bakhtin como referencial teórico nos permite alcançar a translinguística (BAKHTIN, 2014). Portanto, no momento, não há outro autor que desejamos para esse passeio, cuja vielas estão repletas de configurações identitárias, então, a identidade dialógica de Mikhail Bakhtin, é a estrutura teórica que queremos para edificar nossas ideias.

A translinguística de Bakhtin nos permite compreender a língua não apenas como um sistema. Isto porque no exercício de pensar a língua deve-se observar os aspectos extralinguísticos, o cenário extraverbal no qual a linguagem foi esculpida. Bakhtin propaga:

> Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne os indivíduos, com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios, os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável, das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder, etc. (BAKHTIN, 2014. p. 14)

Nos interessa, a partir da translinguística de Bakhtin, entender o sistema, no qual personagens são construídos e de que maneira o desenrolar das narrativas ocorre. Assim, consideraremos que nesse "jogo" é pautado pela ideologia, o relacionamento com uma situação social determinada, o afetar da significação. Bakhtin propõe que o signo é por natureza vivo e móvel, plurivalente (BAKHTIN, 2014. p. 15). Sublinhamos então a identidade dialógica: ela não existe fora de um contexto social, trata-se de um movimento onde se formam e renovam ideologias constituídas (BAKHTIN, 2014. p. 16).

A identidade dialógica nos permite refletir sobre a construção dos discursos. E alegamos que personagem são discursos (vivos e móveis). Dessa forma, consideramos que personagens são instrumentos de produção e frutos de uma realidade imaginada, e quem as imaginou, está imerso em um contexto sociocultural, logo, o personagem é um signo.

> Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliaçãoideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.).. (BAKHTIN, 2014. p. 32).

Dessa forma, compreender narrativas passa por responder: quem as constrói? Quem são os destinatários supostos? Qual contexto extraverbal da narrativa? Bakhtin (2014), indica que no domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação (BAKHTIN, 2014. p. 33).

A representação, sejamos mais específicos, o ato de representar, que pode ser exemplificado como a construção de um personagem e sua imersão em algum tipo de narrativa é um fragmento material da realidade social onde o autor vive. O autor propõe uma significação que não pode ser "aleatória" ao que ele experimenta (ou experimentou) em seu existir diário. Posto isto, propomos: no construir das narrativas o autor "faz existir" um (ou vários) fragmento (s) de si, falamos então de projetar identidade(s).

Pretendemos, tendo como repertório teórico as ideias propostas, construir uma leitura crítica sobre histórias em quadrinhos em que a identidade negra esteja presente e exerce o conhecimento científico, entendendo discursos e suas significações sociais, sublinhando a funcionalidade das perspectivas identitárias, elencando que existe a necessidade de compreender tais signos culturais e se/quando forem compreendidos, de maneira nenhuma permanecem isolados e fixos (BAKHTIN, 2014). Reivindicamos que, ao se tratar de personagens de narrativas de HQs, ou seja, de uma leitura crítica sobre personagens destas narrativas, estes (os personagens) são indicadores de transformações sociais. E, assim, eles são capazes de registrar as fases transitórias das mudanças sociais, entendendo que, cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica. (BAKHTIN, 2014. p. 44).

A atmosfera social é um catalizador de configurações dialógicas, levando em conta que todo pensamento se apoia no sistema ideológico do conhecimento que lhe for apropriado (BAKHTIN, 2014. p. 46). Declaramos, então, que vamos nos apropriar, do que compreendemos como identidade dialógica. Entendemos a relevância dos estudos de Mikhail Bakhtin para alicerçar nossa pesquisa. E enfatizamos também, que a identidade ideológica é um pressuposto essencial para nosso debate. No entanto, sua articulação com os conceitos de negritude, branquidade e interseccionalidade é de caráter urgente, para o que pretendemos desenvolver. Nesse sentido, apresentamos no esquema abaixo, como idealizamos essas perspectivas:



Figura 1: Esquema produzido por nós para exemplificar os conceitos que utilizamos e suas interações

O esquema acima apresenta as perspectivas identitárias que funcionarão como fundamentação teórica deste trabalho. Vale ressaltar que apesar de apresentarmos quatro propostas identitárias, cada uma delas contém seu valor epistemológico particular, e podem ser utilizadas de forma isolada. Porém, como sinalizamos que o signo não é isolado, temos como eixo central a Identidade Dialógica, que servirá como uma lente para enxergarmos os aspectos da negritude, branquidade e interseccionalidade. Portanto, o esquema é desenvolvido para materializarmos os caminhos pelos quais pretendemos seguir. Pauta que será desenvolvida de maneira mais efetiva nas subseções que virão.

2.7 Identidade e Representação da Ciência

As narrativas construídas dentro do universo das HQ's, tendo como pano de fundo os aspectos representacionais da ciência, observadas a partir de uma revisão minuciosa sobre o tema, desenvolvida nesse trabalho, nos leva a percepção de uma linha histórica que evidencia aspectos identitários específicos: a identidade científica é sempre branca. Os estudos contemporâneos discutem este caráter representacional, reivindicando estéticas exaustivamente repetidas. Compreendemos o status fronteiriço no campo do conhecimento, no entanto, todas as fronteiras internas-externas do conhecimento são teorizadas como movimentos de poder (HARAWAY, 2009).

Concordamos com Haraway (2009) de ser urgente novas explicações sobre fenômenos compreendidos da mesma maneira durante séculos, principalmente, levando em conta que a ciência é um fenômeno histórico. E, assim, é, simultaneamente, um elemento construtivo e um produto da história (ROBERTS, 2009).

Lisa Roberts (2009), ao discutir sobre a circulação do conhecimento, argumenta que há uma perspectiva que governa as redes de circulação e desenvolvida na força europeia. Força essa estruturada em perspectivas de superioridade cultural, em um caminho que pretende o progresso para o futuro. (ROBERTS, 2009. p. 15). Nesse caminho de progresso, Roberts (2009) descreve que há muito espaço para regimes de representação, onde as identidades são subjugadas, e só haverá uma resposta para a indagação: Quem faz ciência? Porém, a autora aponta que estudos históricos que apontem para os caminhos da circulação do conhecimento indicam que essa perspectiva de

superioridade foi construída dentro de um sistema de colonização. E, assim, os discursos apresentados tratam de uma opção teórica. Dessa forma, defendemos que o processo de colonização invisibilizou a possibilidade e todos e todas poderem fazer ciência. E, assim, considerando que não frequentamos uma sociedade estática, imutável, entendemos que discutir identidades é interrogar posições que se apresentam "fixas". E, para discussão, trazemos conosco um repertório vasto de autores que questionam o status quo. Logo, não estamos sozinhos, e muito menos falamos sozinhos, há um repertório de ideias que nos proporciona navegar por direções que se apresentam na contemporaneidade.

No exercício de nossa identidade de pesquisadores, podemos deslumbrar futuros diferentes, nos quais estereótipos em torno da ciência podem ser refutados, diluídos e extintos. O debate sobre identidades e representações da ciência nos permite elucidar provocações que nos séculos anteriores seriam negligenciadas e esquecidas.

Avraamidou (2019) e Varelas et al (2019), pesquisadoras do campo da educação em ciências, refletem sobre os processos de construção identitária, e propõem que esses estão ligados ao cenário social, histórico, cultural e acadêmico. Ou seja, o transitar do indivíduo forja sua identidade, e, nesse processo, múltiplas identidades se cruzam. Sobre questões de gênero e acesso à ciência, Avraamidou (2019) mostra que certos temas são estereotipados como sendo masculinos ou femininos e que homens e mulheres são naturalmente diferentes e atraídos para diferentes temas em conformidade.

Nesse sentido, algumas identidades têm sido reproduzidas, de forma massiva, como um espectro masculino e branco. Segundo Varelas et al (2019), identidades não são estáveis, mas mudam constantemente. Para considerar o aprendizado como construção de conhecimento e de identidade, é necessário, segundo as autoras, tornar a identidade parte integrante do currículo para complementar a construção do conhecimento. Sobre a identidade étnica, elas apontam que faltam na ciência grupos étnicos minoritários, como mulheres negras e latinas (AVRAAMIDOU, 2019; VARELAS et al, 2019). Tais questões trazem à tona a importância dos debates sobre identidades na escola, principalmente, dentro do campo de representação da ciência, mote pelo qual este trabalho se orienta.

Donna Haraway (2009) promove dialogismos entre perspectivas identitárias e epistemologias sobre a ciência, e nos leva à conscientização sobre as alterações que nos invadem na contemporaneidade:

> Estamos falando, neste caso, de formas inteiramente novas de subjetividade. Estamos falando seriamente sobre mundos em mutação que nunca existiram, antes, neste planeta. E não se trata simplesmente de ideias. Trata-se de uma nova carne. (HARAWAY, 2009. p. 24).

A leitura de Haraway (2009) contribui para as problemáticas de identidades, pois suas propostas enfatizam movimentos de rupturas em torno de uma ciência que se apresenta como imutável (fixa). A autora usa a metáfora do ciborgue para questionar constructos identitários, pois:

> O ciborgue – uma fusão de animal e máquina – joga para a lata do lixo as grandes oposições entre natureza e cultura, self e mundo, que atravessam grande parte do nosso pensamento. Por que isso é importante? Em conversas quando as pessoas descrevem algo como sendo "natural", elas estão dizendo

> que "é assim que o mundo é, não podemos mudá-lo". (HARAWAY, 2009. p. 26).

Aprendemos com Haraway (2009), que por gerações, foi dito às mulheres que elas são "naturalmente" fracas, submissas, extremamente emocionais e incapazes de pensamento abstrato. E, assim, que estava "em sua natureza" serem mães em vez de executivas, que elas preferiam entreter visitas em casa a estudar Física das Partículas. Se todas essas coisas são naturais, significa que elas não podem ser mudadas. Fim da história. Volta à cozinha. Proibido ir adiante.

> Por outro lado, se as mulheres (e os homens) não são naturais, mas construídos, tal como um ciborgue, então, dados os instrumentos adequados, todos nós podemos ser reconstruídos. Tudo pode ser escolhido, desde lavar os pratos até legislar sobre a Constituição. Pressupostos básicos como, por exemplo, decidir se é natural ter uma sociedade baseada na violência e na dominação de um grupo sobre outro tornam-se repentinamente questionados. Talvez os humanos estejam biologicamente destinados a fazer guerras e a poluir o ambiente. Talvez não. As feministas ao redor do mundo têm tirado proveito dessa possibilidade. (HARAWAY, 2009. p. 26).

As reflexões provocadas pelos argumentos da autora nos levam à percepção de que estamos em frente a um mundo de facções em guerra, ideologias em conflito, oposições em choque: o estado e o povo, o gay e o heterossexual, o capitalismo e o comunismo, o humano e o animal, as pessoas e as máquinas. E nesse cenário, as identidades se interseccionam e colidem, atravessando tradições científicas e reinventando os modos de fazer ciência. A persona cientista foi desenhada em diferentes contextos, desde a imagem "clássica", do homem branco de jaleco no laboratório a reverberações contemporâneas, nas quais meninas negras fazem ciência e se tornam heroínas. Compreendemos que "fazer ciência" não é um superpoder. No entanto, a potência da representatividade ao folhear, por exemplo, histórias em quadrinhos vai ao encontro do debate sobre a importância de manifestarmos nossa negritude e desestabilizar o status quo de uma branquidade que se pretende intocável. Nesse movimento, os atributos da interseccionalidade se transformam em ferramentas para desarticular sujeitos que se compreendem confortáveis em um mundo que se transforma, onde a multiplicidade dá o tom da conversa. Entendemos como relevante também, o debate sobre a ciência como personagem e o personagem cientista, e nesse sentido, discutiremos sobre a identidade científica nas histórias em quadrinhos.

2.8 HQ's, Identidades e Cientistas

As HQ's fazem parte do repertório cultural dos seres humanos, que, geralmente, em sua infância, se enveredam pelo mundo das aventuras entre suas páginas, e se espelham em heróis e heroínas que protagonizam as narrativas. Logo, não se trata de um

“objeto” desconhecido. No entanto, observamos que existem outras formas de manusear essas leituras.

Os estudos sobre perspectivas epistemológicas tendo HQ’s como ponto de análise se multiplicam na contemporaneidade. Entre diversas possibilidades metodológicas, examinar os aspetos identitários dos personagens tornou-se um caminho possível. Isto porque há um poder visual nas imagens que se entrelaçam entre as páginas das narrativas, que propõem composições educativas e reflexões intelectuais (CIRNE, 1975; EISNER, 2013; VERGUEIRO 2017).

As narrativas quadrinizadas apresentam em si perspectivas discursivas em torno de identidades, principalmente, as superaventuras que costumam apresentar o debate sobre identidades secretas em que o herói vive entre duas personas. E, assim, ele vive identidades que se interseccionam e, em alguns momentos, colidem.

Refletimos então sobre a alteração de identidades de acordo com o cenário social, pois cada autor tem repertórios culturais diferentes de seus antecessores. Podemos tomar como exemplo o trabalho de Nobuhiro Watsuki (2005) intitulado “Embalsamamento - o Outro Conto de Frankenstein”, uma história em quadrinhos (mangá), inspirado no conto de Mary Shelley (1818). Watsuki reinterpreta a obra de Mary Shelley e propõe que não há um Frankenstein, mas vários. A identidade torna-se uma metáfora, nomeando diferentes indivíduos que contém em seu corpo partes que originalmente não são suas. No trabalho de Watsuki, as diferentes identidades se conectam, se incomodam com o outro e se destroem. O autor tem como referência o clássico trabalho de Mary Shelley, no entanto, interpreta-o produzindo outros diálogos, que reverberam o cenário social em que este ocupa.

As tradições dos quadrinhos trazem a sua própria especificidade, baseadas em histórias nacionais, práticas e atitudes sobre o gênero. As leituras sociais e culturais dos quadrinhos e seus contextos são consideradas cada vez mais importantes no estudo contemporâneo sobre quadrinhos (referências). Nesse sentido, a leitura dos quadrinhos pode se apresentar como um processo de construção de significados, reorientando imaginários, pois as imagens estão cheias de códigos, infestadas de representações simbólicas. Logo, abordar os quadrinhos como forma narrativa, tendo como base a coesão, orientando imagens isoladas, em um processo de transformação, torna-se uma das alternativas de perspectivas teóricas sobre HQ’s. E considerando nosso referencial teórico-metodológico, entendemos as HQs como um produto ideológico, que é parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior (POSTEMA, 2018; BAKHTIN, 2014).

A análise sobre personagens cientistas nas HQ’s, e, consequentemente, no campo literário, objeto de referência para roteiristas-desenhistas, nos apresenta uma configuração estética e representacional de “quem faz ciência”. Curiosamente, o modelo de personagem cientista se reproduz na contemporaneidade, ainda que os debates sobre identidades reconfigurem nossos canais visuais. Podemos dizer que existe, ainda, a manutenção de arquétipos em torno da ciência – e aqui arquétipo refere-se ao personagem cientista branco ((RODAS; PRUDENTE, 2009). Dentro do aspecto de colonização do imaginário, já discutido em seção anterior, entendemos como problemático o fato de essas

imagens sobre cientista inundarem o campo de representação dos leitores de HQ's, que na maioria dos casos são criança. Assim, as representação e representatividade no campo do imaginário são direcionadas para um tipo de estética, então, possivelmente, tal criança torna-se um adolescente/adulto tendo como repertório estético, apenas um modelo sobre "quem faz ciência".

Brickhouse et al (2000) nos ajudam a pensar sobre essa problemática, quando propõem uma investigação sobre identidades, gênero e ciência, e tomam como ponto de partida perspectivas que levam em consideração o imaginário sobre o conhecimento científico. Pontuam que a ciência é comumente identificada como masculina, competitiva, objetiva e impessoal. Nesse "jogo", há um estereótipo sobre as meninas e suas possíveis relações com a ciência. Ou seja, reverberam nas representações sociais, a ideia de que as meninas não podem fazer ciência, ou, só algumas (poucas) meninas fazem ciência. Tal estereótipo enclausura as meninas em uma posição fixa, construindo identidades que se afastam de práticas científicas. Brickhouse et al (2000) observam também a importância do papel do professor na formação de identidades, construindo atividades que permitam que os estudantes se envolvam com a ciência e compreendam os assuntos da ciência, a partir de atividades em que meninos e meninas se enxerguem entre as representações da ciência e dos cientistas. Nesse sentido, as HQ's podem ter importante papel na produção dessas atividades. Mas para tal é preciso discutir sobre identidade-cientista nas HQ's a serem consideradas.

Discutir sobre a identidade-cientista nas HQ's é investigar as realidades que se apresentam e dão o tom de seu discurso, verificando tais reflexos e questionando possíveis representações. E, assim, desvendando os aspectos ideológicos e suas significações. Considera-se, então, a identidade como um signo, pois, sem signos não existe ideologia (BAKHTIN, 2014). Dentro de uma perspectiva histórica, não há como compreender as formas específicas de utilização do personagem, sem compreender o contexto extraverbal no qual tal obra foi produzida, no sentido de compreender de forma mais plausível as diferentes posições que personagens ocupam (BAKHTIN, 2014). O exercício de compreender a identidade–cientista em diferentes momentos da história torna-se um exercício de situar assim as narrativas no tempo, entre as relações dialógicas, o cenário social e a indústria cultural, com suas atividades mecânicas de produzir cultura.

A partir de tal postura, busca-se averiguar, também, os instrumentos de produção, as relações que se articulam para que em determinado momento os personagens apareçam com mais propriedade e seus usos tornem-se mais preponderantes, levando estes a serem ressignificados ou a perderem suas nuances estereotipadas. Isto porque o status de produto de consumo de personagens faz com que estes possam sofrer constantes transformações, inclusive, tornarem-se signos ideológicos. Tal perspectiva, posiciona a dimensão ideológica ligada a personagens e os espaços que estes frequentam. Bakhtin sinaliza: "O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico". (BAKHTIN, 2011. p. 33). Então, compreende-se que se torna impossível estabelecer o sentido de uma dada transformação, ou seja, das diferentes representações nos personagens, sem considerar toda a esfera ideológica no qual tais transformações foram produzidas. Pois, a partir de tais representações, é possível enxergar as transformações

sociais, portanto, ao se compreender que os personagens existem por longos períodos históricos, é possível compreendê-los como indicadores de diferentes momentos sociais.

Nesse sentido, ao propor uma pesquisa sobre a identidade-cientista em HQ's, procura-se encontrar o ignorado, o encoberto, verificando as condições em que as narrativas foram construídas. E, assim, tomar como base a translinguística de Bakhtin (2011;2014), é problematizar a estrutura da narrativa, questionar os discursos, observar que existem relações dialógicas que interferem no cenário social, apresentando direções e espaços, nos quais a identidade-cientista pode ou não apresentar fluidez. Portanto, a análise bakhtiniana apresenta-se como uma ferramenta fundamental para analisar personagens nas HQ's, pois funcionam como objeto de discussões ativas em forma de diálogos e através das narrativas é possível compreender as relações dialógicas presentes em torno de personagens. Então, cabe mencionar que os personagens se submetem a influência dos sistemas ideológicos estabelecidos. Eles comunicam, interagem socialmente, funcionam, assim, como um discurso. Eles respondem a alguma coisa, refutam, confirmam. Bakhtin (2014) comenta que a situação e o auditório social obrigam o discurso, o direcionam, fazem com que ele se amplie, ou seja, não se torne fixo, mas sim fruto das relações dialógicas. Nas palavras do autor: "Só se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias" (BAKHTIN, 2014. p. 130). Portanto, as HQ's não podem ser compreendidas independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que elas se ligam e o personagem imerso nessas narrativas deve ser compreendido da mesma forma. A construção da narrativa faz parte de uma estrutura social, então, se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tampouco aptos a compreender as circunstâncias que culminaram na construção da narrativa e a representação do personagem, pois, sua significação é inseparável da situação concreta em que se realiza. Para Bakhtin (2014):

> A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas condições vivas, para retomar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade em uma identidade igualmente provisórias. (Bakhtin, 2014. p. 141).

Os personagens encontram-se então, com uma estabilidade provisória, aguardando sua próxima utilização, pois, a partir do momento que a sociedade se transforma, este não pode permanecer estável, pois é fruto de uma articulação social, faz parte do cenário. Propõe-se então, novas significações, isso faz com que o personagem continue a existir, o personagem continua funcionando como um discurso, ou seja, o discurso citado e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas. É impossível compreender qualquer forma de discurso citado sem levar tais relações em conta (BAKHTIN, 2014).

E por que a observação das relações dialógicas é tão pontual nesta pesquisa? Existe a partir de cada narrativa presente no entrelace de cada quadrinho que compõe uma história a comunicação da vida cotidiana, de modo particular, do modo como o autor

compreende a sociedade, uma espécie de domínio específico, uma maneira de enxergar o cotidiano por tal criador. Tal relação pode ser ressignificada, se outro autor se apropria do personagem (alterando a identidade – cientistas), revelando assim outras possibilidades e apresentando novas dinâmicas. Com isso, entende-se a identidade do personagem como dialógica, verifica-se assim que as formas discursivas se situam de maneira singular em diferentes indivíduos. Verifica-se, então, a importância de tal epistemologia, a partir da análise bakhtiniana, pois esta possibilita evidenciar relações dialógicas. E, assim, em diferentes períodos poderão ser atribuídos aos personagens valores sociais significativos.

Em suma, percebe-se que ao estudar sobre personagens, presentes em qualquer tipo de mídia (inclusive nas histórias em quadrinhos), não se deve perder de vista a atividade de interpretação socioideológica. Não se deve dissociar o personagem de possíveis fatores sociais, não se pode perder de vista a significação e sua representatividade. E, dessa forma, é necessário levar em conta o caráter social do personagem, entendendo que este não é independente do contexto sociocultural em que foi produzido. Ao ignorar tais fatores, nos pautaremos sobre uma interpretação errônea dos mecanismos de produção nos quais este se insere. Deve-se, então, levar em consideração a observação sobre as articulações e situações sociais, evidenciando o valor cultural, reflexo de relações dialógicas presentes em cada contexto especificamente. Portanto, a identidade dialógica do personagem funciona como um registro, apresenta as impressões do discurso presente no curso das relações dialógicas na sociedade, manifestando-se como relevantes para a compreensão do cenário social em que determinada narrativa funciona. A observação sobre os diálogos presentes na estrutura narrativa das HQ's nos leva à percepção de que um dado personagem ou uma certa identidade transita de uma caracterização para outra. Leva-se em consideração a prática de uma pesquisa específica sobre a funcionalidade da identidade de personagens nas narrativas estudadas, personagens da ciência e as problemáticas ligadas à sua funcionalidade, como possibilidade de ruptura de discursos estabelecidos, delimitando assim os espaços que o cientista deve ocupar, sua forma e gênero, favorecendo a manutenção de práticas de invisibilização da diversidade na ciência. Nesse sentido, procura-se aqui compreender os dialogismos em torno da identidade–cientista presentes em duas específicas HQ's, verificando as posições que personagens da ciência ocupam e questionando os discursos presentes nas narrativas, observando o papel da indústria cultural neste processo e evidenciando outras possibilidades de entender a ciência (como personagem) e o personagem (cientista).

Nas HQ's escolhidas para análise nessa tese, a referência homem-branco, que utiliza jaleco foi desintegrada, desconstruída, o que aponta que para se construir uma HQ, que versa sobre ciências, não se faz (e nunca foi) mais necessário apenas a presença de um estilo de personagem. Nessas HQ's escritas no século XXI, encontramos meninas negras que fazem ciência e nesse exercício, os conceitos de Negritude, Branquidade e Interseccionalidade são essenciais para propor inquéritos e rupturas sobre os campos de representação do universo científico. Assim, as questões levantadas até aqui nos possibilitam refletir sobre os aspectos identitários em torno da representação da ciência e dos cientistas nessas HQ's e possibilidades que a imersão dessas reflexões no ensino de ciências pode potencializar sobre a identidade-cientista.

2.7 Uma leitura dialógica sobre identidades nas HQ's da Moon Girl

A proposta apresentada para nossa aventura teórico-metodológica se baseia em identidades, assunto discutido em diferentes camadas até o momento. Se essa é uma das perspectivas que mais nos debruçamos até o momento, de que maneira utilizaremos esses "esquemas" para propor uma leitura crítica sobre os discursos (imagéticos e textuais) que optamos por analisar? A obra de análise chama-se Moon Girl, produzida pela Marvel Comics a partir de 20XX, reflete o cotidiano de uma menina negra e cientista chamada Lunella Lafayette. Lunella acredita no poder da ciência e busca exerce-lo para salvar pessoas. Entretanto, a personagem enfrenta uma série de desafios para provar seu domínio da ciência (questionada por cientistas homens e brancos) e tornar-se uma super-heroína. Identificamos uma intersecção de identidades na personagem da narrativa, logo, a principal lente para essa análise é a identidade dialógica (BAKHTIN, 214).

A leitura crítica será construída tendo como base a seleção de alguns episódios que consideramos mais relevantes para um movimento discursivo em torno da personagem, sendo assim, foram selecionadas algumas HQ's, onde negritude, branquidade e interseccionalidade configuram os aspectos representacionais da personagem, e também, o espectro identidade-cientista, tema de interesse desses que vos escrevem.

Em um exercício metodológico, pensamos em quatro domínios ideológicos, são eles: **1. A pequena cientista; 2. Meninas Negras fazem ciência? 3. A negritude espelhada; 4. O teste de Q.I.** Os domínios ideológicos apresentados serão descritos abaixo.

1. A pequena cientista – Observaremos nas primeiras narrativas de Lunella Lafayette a maneira como ela é construída, verificando a história da personagem e suas relações com as esferas familiar e escolar, espaços onde a personagem transita de maneira mais efetiva. Nos interessa também compreender de que maneira Lunella se relaciona com a ciência, e se é explícito na narrativa o status identidade-cientista tendo como referência sua composição discursiva.
2. Meninas Negras fazem ciência? Neste domínio, Lunella tem contato com outro cientista, Bruce Banner (O Hulk), que também é um cientista branco. Pretendemos analisar de que forma ocorrem os diálogos entre Lunella e Bruce, e se em algum momento o paradoxo Negritude x Branquitude surge na narrativa. A postura do homem branco que salva a humanidade não é uma novidade nas HQ's, e o cientista branco que resolve todos os problemas é outro estereótipo comum nestas narrativas. Nesse sentido, analisaremos como é a narrativa protagonizada por Lunella diante de um cientista (branco) já conhecido pelos leitores, e como a identidade branca se faz presente na narrativa.
3. A negritude espelhada – Nessa narrativa, Lunella conhece outra cientista, Riri Willians (Iron Heart). Riri é uma adolescente negra que utiliza a ciência para

salvar os indefesos. O contato de Lunella com Riri, os enunciados, suas configurações representacionais funcionarão como pontos de análise para refletirmos sobre a negritude e interseccionalidade. Logo, analisaremos identidades negras que habitam uma mesma narrativa e de que maneira elas se articulam e se espelham (ou não).

4. O teste de Q.I. – Lunella é desafiada pelo cientista mais inteligente do universo Marvel: Reed Richards. Neste episódio, vamos verificar as relações dialógicas que ocorrem na construção desse teste e os motivos pelos quais uma menina negra e cientista é colocada à prova, as perspectivas que envolvem esse desafio, e como é o desfecho da história.

Acreditamos que esse percurso metodológico nos trará elementos para compreendermos os processos de construção, inserção e manutenção da identidade negra em Moon Girl, propondo uma leitura crítica sobre Lunella Lafayette. Ainda assim, desenvolveremos no próximo capítulo um breve histórico sobre fatores que culminaram na construção de Moon Girl, tendo como ponto de observação dialogismos com a eleição de Barack Obama a presidência dos Estados Unidos.

Capítulo 3

De Barack Obama a Lunella Lafayette: negritude, poderes, heroísmos e um breve histórico.



Capítulo 3 – De Barack Obama a Lunella Lafayette: negritude, poderes, heroísmos e um breve histórico.

> Eu amo ciência, já a aula de ciências, por outro lado...
> Aula de ciências pode ser um saco.
> (Lunella Lafayette - Moon Girl 1ª Edição).

O exercício de ensinar, dentro do que compreendemos como práticas pedagógicas, merece reflexões acerca do que ensinar e como ensinar (STRECK, 2012). Observamos a importância de refletir sobre o educar científico, propondo inquéritos acerca de questões que atravessam definições de aprendizagem, tradições educativas, imaginários e o acesso à ciência. Vislumbramos propostas educacionais que tenham como pauta uma educação em ciências que valorize diferentes processos ligados ao ensinar/aprender, verificando outras possibilidades pedagógicas, no sentido de evidenciar e/ou discutir sobre perspectivas na área da educação que não se adaptam ao cotidiano dialógico em que estamos inseridos, questionando os imaginários sobre a ciência, no sentido de compreender o território imagético de nossos alunos, e problematizar, de que maneira se configura o acesso a ciência, tendo como pano de fundo o chão da escola.

A imutabilidade dentro de uma vivência no ambiente escolar, se apresenta à medida que desejamos propor rupturas, desenvolvendo inquéritos no que se refere à estrutura curricular estabelecida no ensino-aprendizagem, e observando o exercício de refletir a respeito de quais conteúdos e métodos são mais adequados no ensino (BITTENCOURT, 2009). A atuação no espaço escolar nos permite desenvolver metodologias adequadas aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia. Nesse cenário (o chão da escola), o professor torna-se elemento que estabelece a intermediação entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando, é necessário que ele conheça, da melhor forma possível, tanto um quanto o outro. Logo, quanto mais o aluno sentir os conceitos como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir em aula, não só uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer (PINSKY, 2016).

A análise sobre narrativas históricas, que tem como horizonte teórico o conhecimento científico, nos apresenta questionamentos sobre a contemporaneidade, ou seja, na era da informação - a ciência disputa espaço com todos os outros assuntos nos meios de comunicação. Logo, estamos cercados por imaginários da ciência. No entanto, a maior parte dessa divulgação é realizada por veículos que não têm preocupação conceitual ou pedagógica, isto é, não as retratam como processo, nem explicam de forma simplificada suas metodologias.

O exercício analítico sobre as composições estéticas de personagens cientistas e a forma como são desenvolvidos no decorrer da história nos permite

a investigação das realidades em que estes se apresentam e configuram seu discurso. Refletir sobre tais questões é dialogar com Mikhail Bakhtin (2014) e seu conceito dialogismo. O dialogismo nos permite verificar e/ou questionar representações e estereótipos entendendo personagens como objeto de estudo. Assim, a partir de Bakhtin (2014), é possível problematizar, utilizando o dialogismo bakhtiniano, os aspectos dialógicos e suas significações, em suma: o personagem é um signo, pois, sem signos não existe ideologia (BAKHTIN, 2014, p. 36).

Os estudos de Bakhtin (2014), apresentam uma atmosfera epistêmica na qual podemos navegar para ponderar acerca do que entendemos como a identidade -cientista. Ao observarmos o horizonte teórico onde personagens cientistas costumam ser construídos, notamos que os imaginários sobre a ciência e o conhecimento científico impregnam as narrativas conhecidas como HQs. E tratando-se da configuração científica nessas histórias, segundo Campbel (2020), os cientistas costumam passar pela jornada do herói. E o personagem vivencia, como destaca o autor, "o chamado, a jornada e o retorno", que nas histórias que envolvem ciências funcionam da seguinte forma:

1. O Chamado: Geralmente ocorre um acidente no laboratório, que "chama" o herói para a aventura.
2. A Jornada: Após o acidente, o personagem começa a refletir sobre o que aconteceu, e entender que sua estrutura física/mental se alterou, e que isso pode ser considerado um "poder".
3. O Retorno: O protagonista, após o acidente e compreender as mudanças que ocorreram em seu corpo, adota um alter ego, e atua na perspectiva de que pode salvar "os seus" e a humanidade.

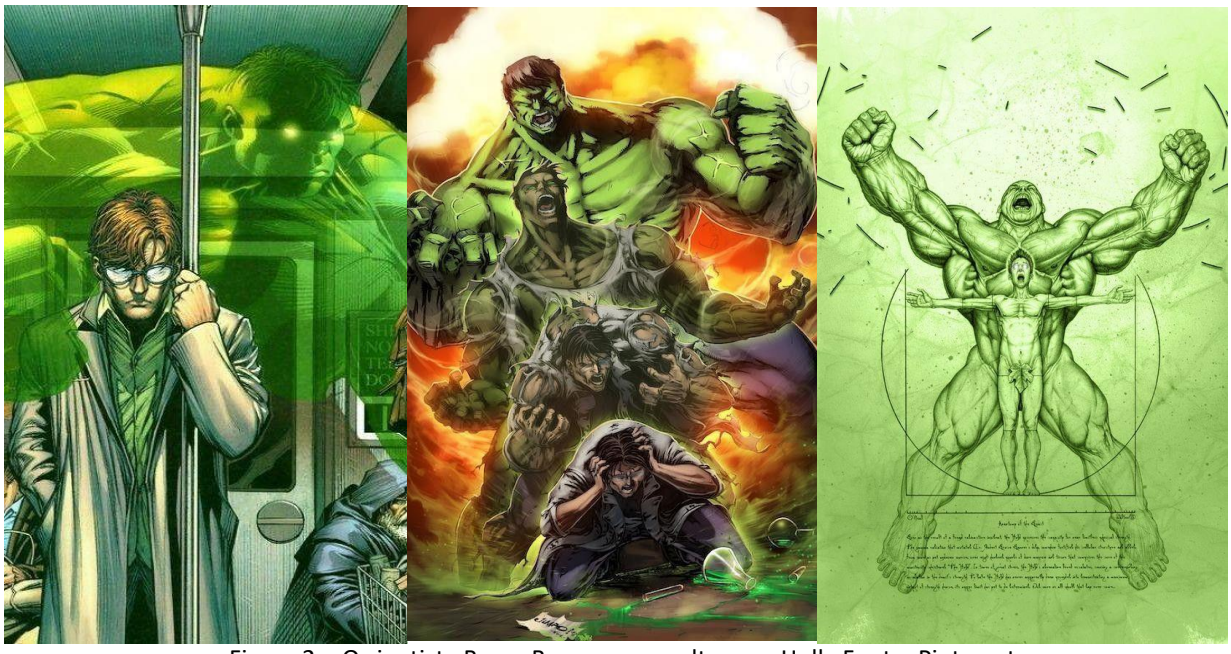


Figura 2 - O cientista Bruce Banner e seu alter ego Hulk. Fonte: Pinterest

No sentido de propor análises sobre a jornada do herói (CAMPBELL, 2020), optamos por apresentar Hulk, personagem que está envolvido na atmosfera da ciência, e por ser uma figura da Marvel Comics (assim como Lunella Lafayette), nos interessa de maneira particular. Nesse sentido, "o chamado", ocorre com Bruce Banner em um laboratório. O personagem, ao lidar com experiências de raios gama é atingido pela radiação, que altera a genética de seu corpo. Nas palavras de Campbell (2020):

> Conhecemos o herói e seu mundo cotidiano. Ele seria basicamente uma pessoa comum e tem uma consciência limitada do que o cerca... Algo inesperado acontece e impele o nosso herói na direção de uma busca, uma jornada ou aventura. Há um aumento da consciência... O herói atravessa um ponto sem retorno, deixando seu mundo comum e aventurando-se num mundo desconhecido. Compromete-se com a mudança, mesmo que ainda não esteja muito certo de que deseja realmente enfrentá-la. (CAMPBELL, 2020. p. 7).

Bruce Banner, após o ocorrido, se depara com as consequências de "ganhar poder", e com perspectivas que atravessam sua identidade. "A Jornada", altera sua percepção de mundo, como sinaliza Campbell (2020), e no caso do cientista (Bruce Banner), há uma perda de controle, uma vez que, ao se transformar em Hulk, Banner não consegue (a princípio) ter acesso a sua intelectualidade, suas memórias, sua expertise. Hulk surge como um monstro, um ser descontrolado, que se apresenta distante de uma figura heroica, pois, ele ainda é considerado um monstro perigoso e imprevisível (LUPOI, 2014. p. 5). Ou seja, "a jornada" é o processo pelo qual o personagem vai lidar com sua identidade heroica, processo que costuma ser árduo, pois, forja o herói, já que, o herói enfrenta testes que irão qualificá-lo como digno de vencer. Experimenta esse novo mundo que surgiu em sua vida. (CAMPBELL, 2020. p. 9).

O "retorno", momento em que o herói volta à sociedade (já que a jornada, em muitos momentos ocorre em lugares reclusos), é o momento em que o personagem toma para si, a responsabilidade de "salvar a humanidade", processo onde Bruce Banner compreende que a persona Hulk é parte dele, e que pode ser considerado um "bem", no sentido de proteger os "seus", e quaisquer pessoas que precisarem de ajuda.

Vale ressaltar que a partir das perspectivas de Campbell (2020), compreendemos que todo herói atravessa esse processo, independente de cenário cultural, em que atua. A "jornada do herói", é um movimento relevante para estudar/compreender qualquer figura heroica, que não necessariamente funciona apenas nas HQ's, mas, em narrativas cinematográficas, literárias, teatrais, ou seja, em diferentes suportes, existe a figura do herói, e esse (o herói), merece ser investigado, interrogado, observado com perspectivas teóricas e epistemológicas.

O exemplo anterior (a figura de Bruce Banner/Hulk) apresenta narrativas usuais dentro das HQ's (em séries e filmes não é muito diferente), e propositalmente utilizamos um estereótipo repetido exaustivamente quando a composição científica está em jogo, ou seja, o cientista dessas histórias é Branco. Nosso trabalho poderia discutir com muito louvor a trajetória de cientistas brancos na história da cultura pop, e seguir perspectivas cômodas e pesquisas satisfatórias. No entanto, não é isso que desejamos fazer. Nosso trabalho propõe outros olhares obre a identidade-cientista, e para tal, em nossa aventura, trabalharemos com a Jornada da Heroína (MURDOCK, 2022).



Figura 3 -Lunella Lafayette é Moon Girl, uma jovem cientista negra. Fonte: Pinterest.

Optamos por desenvolver análises sobre uma cientista negra chamada Lunella Lafayette, que se torna a jovem heroína da HQ Moon Girl, criada em 2015 pela Marvel Comics. A escolha dessa personagem e do universo ficcional em que ela habita, se dá pelo fato, de entendermos como relevante análises sobre a negritude no campo científico. Lunella é uma estudante do ensino fundamental que se destaca por sua inteligência e paixão pela ciência, a personagem não "ganha" poderes, em algum tipo de acidente, ou qualquer outra casualidade, para Lunella "a inteligência é um superpoder". A personagem apresenta ecos de movimentos sociais em prol a igualdade racial e direitos civis. Lunella é a cientista da contemporaneidade, pois, busca na ciência, soluções para um mundo melhor, e não espera que "alguém a salve". Lunella acredita na ciência. As aventuras de Lulella Lafayette, em Moon Gir,l reverberam novas

referências sobre a intelectualidade negra, e um novo arcabouço de representação, que inunda o imaginários de nossas crianças. Pois, se Lunella pode ser uma cientista, nossas alunas do ensino fundamental, em diferentes escolas do mundo, também podem. A narrativa é ficcional, mas as questões que se configuram no chamado multiverso (universo específico da Marvel), são em muitos aspetos, palpáveis, e colidem com a esfera de realidade que transitamos.

Entendemos que a contemporaneidade apresenta diferentes identidades que se configuram entre as paisagens culturais que habitam (HALL, 2006; HARAWAY, 1988). Considerando o referencial teórico-metodológico que conduz a análise aqui apresentada, discutiremos, na próxima seção, fatores que levaram a Marvel Comics a propor representações diferentes de cientistas em suas aventuras, tendo como ponto de observação o que nomeamos de "A Era Obama".

3.1 A Reconfiguração Étnico-racial na Era Obama

O ano de 2009 apresenta-se como uma data pontual dentro da cultura mundial, e principalmente estadunidense. Na data em questão, para ser mais preciso, em 20 de janeiro de 2009, um homem negro chamado Barack Obama se fez presente na "Casa Branca", tal feito, abalou até as estruturas das HQs. Barack Obama tornou-se presidente dos Estados Unidos, e ocupar tal lugar, propõe significações que configuram uma série de imaginários sobre a presença e representação negra. Obama, um personagem real que dispõe uma atmosfera representacional que remete a histórias que os ancestrais contavam para suas crianças. ((HOWARD; JACKSON, 2013).

> "O que tínhamos de mais próximo em relação a heróis negros, era através de narrativas orais, compartilhadas por um contador de histórias da comunidade, um griot, que muitas vezes era o mais velho da comunidade" ((HOWARD; JACKSON, 2013. p. 18).

Sheena Howard e Ronald Jackson, ao discutirem sobre personagens negros nas superaventuras (2013), situa que devemos observar com atenção quem conta as histórias do povo negro. A figura do Griot que o autor compreende como um herói, apresentava a oralidade como um poder, "o poder da palavra", e a reunião de pessoas para ouvir o Griot, funcionava como a propagação e registro do que nossos ancestrais viveram, e as aventuras que participaram ((HOWARD; JACKSON, 2013, p. 18). A presença de Barack Obama na presidência dos EUA provoca uma "ventania" nos aspetos representacionais articulados pela mídia (incluindo as HQ's). Obama é o herói que passeava pelos discursos dos griots, e sua história não foi apenas contada para um grupo; o mundo todo recebeu a informação. E a figura de Obama



Figura 4 -Os Super Heróis e o Processo de Reconfiguração Étnico-racial da “Era Obama”.

Os heróis apresentados nas ilustrações acima, são os que sofreram processos de reconfiguração étnico-racial. Capitão América (Marvel Comics), Super Man (DC Comics) e Homem Aranha (Marvel Comics), são representados pelas cores azul, vermelha e/ou branca. Cores da bandeira dos Estados Unidos. No processo de reconfiguração, ocorreu o deslocamento das identidades, e nesse sentido, personagens brancos foram substituídos por personagens negros. Assim, a partir de 2009 personas negras representam os Estados Unidos da América, inicialmente em HQ’s, e posteriormente em animações e séries. Steve Rogers (o capitão américa original) dá lugar a Sam Wilson (que anteriormente era seu parceiro, denominado Falcão), Clarck Kent abre espaço para Val Zod (personagem que veio de Kripton, terra natal de Super Man, mas era desconhecido até o processo de reconfiguração). E Peter Parker - talvez o exemplo mais curioso, já que morre na narrativa - é substituído por Miles Morales. As narrativas do Homem Aranha (Marvel Comics) com a inserção de Miles Morales, propõe um caráter dialógico (BAKHTIN, 2014) em uma dimensão mais profunda, pois Miles, apresenta consigo a cultura negra, diferentes dos outros personagens negros, Miles está inserido nas perspectivas culturais que representam atributos da cultura negra, como por exemplo, a

black music, o grafite, e a vivência no Brooklin. Esse movimento nas HQs da Marvel aponta que a identidade é relacional, e existem condições específicas para que ela exista (WOODWARD, 2014).

Casey Brienza (2013) observa a presença de Barack Obama no cenário político estadunidense, e suas configurações culturais após se tornar presidente. Brienza (2013) aponta que se nota em toda pauta de Obama, o discurso da diversidade, e a negritude como marketing, um estilo de vida urbano, e a visibilidade contínua de imagens negras de sucesso na classe média, novas perspectivas sobre os direitos civis na América (BRIENZA, 2013, p. 79). As questões de Brienza (2013), nos fazem refletir sobre esse processo de configuração étnico-racial de super-heróis (brancos), que a partir de Obama, tornam-se negros. Ou seja, no cenário dos quadrinhos, agora podemos escolher entre uma seleção diversificada de leitura. Devido a uma série de mudanças na indústria, os fãs de quadrinhos foram presenteados em várias frentes com um ponto de vista que está finalmente em cores. O número de jogadores de cor cresceu e a orgulhosa história do povo negro está finalmente sendo contada em toda a sua glória (FOSTER, 2013). A discussão sobre a ascensão do negro nos EUA é pano de fundo no trabalho de Paraguassu de Fátima Rocha, Cristiane Leamari Castro e Hayat Boulos Machado (2009). Os autores observam que o novo líder negro deve dar continuidade às lutas iniciadas por Malcolm X e Martin Luther King Jr. pelos direitos civis de um povo segregado e humilhado durante muito tempo. Tentando compreender o perfil destes homens, que se empenharam em projetar do negro no cenário social e político da América.

> "Em novembro de 2008, ao proferir seu discurso como candidato eleito à presidência dos Estados Unidos, Barack Obama retomou a história de luta do povo americano, não se esqueceu dos irmãos negros e propôs-se a dar continuidade ao trabalho por eles iniciado. É o pronunciamento de homem que, embora já tenha sua vida esmiuçada em diferentes meios de comunicação, começa a construir uma nova biografia, a qual, pelas suas palavras, se traduzirá pelo grau de humanismo e responsabilidade mútua". (ROCHA; CASTRO; MACHADO, 2009. p. 362).

Os autores enfatizam que Obama reflete uma atmosfera de questões que atravessam o movimento negro, jornadas que foram traçadas por muitos, que em diversos momentos foram invisibilizados, silenciados, descaracterizados. Ainda pontuam:

> "A eleição de 2008 pode ser considerada um momento histórico. Quase nunca na história norte-americana a religião esteve tão na linha de frente em uma eleição presidencial. Raramente, gerações diferentes foram tão duramente representadas. Nunca um negro ou mulher chegaram tão longe. E nunca a tecnologia foi capaz de disseminar cada palavra e ação tão instantaneamente aos olhos do mundo. Ainda assim, a eleição de 2008 também pode ser considerada histórica em função da atmosfera de feridas e pecados nacionais que tomaram conta dos Estados Unidos em uma escala aparentemente sem precedentes. De fato, isso pode provar que essa

> é a importância, a longo prazo, desse tempo sofrido de nossa história, assim como pode comprovar que esse é o significado mais importante da presença de Barack Obama na nossa história no momento". (ROCHA; CASTRO; MACHADO, 2009. p. 362).

Ainda sobre o aspecto representacional, Obama não se configura só, não se trata de um homem negro, mas sim, de uma família negra. Barack Obama, Michele Obama, Natasha Obama e Malia Ann Obama. Portanto, dentro da esfera de representação, estamos falando de quatro identidades negras, que transitam, no centro de poder representacional dos EUA: a Casa Branca. Logo, pensar na configuração política que envolve Barack Obama e sua família como "a jornada do herói negro", não se trata de um devaneio de fãs de histórias em quadrinhos, mas, de intelectuais que se debruçam sobre questões étnico-raciais e identitárias, vislumbrando as relações dialógicas que compõem os alicerces da sociedade contemporânea em que habitamos.

Sheena C. Howard e Ronald L. Jackson (2013) trabalham com perspectivas em torno da "política de raça e representação", pontuam que tal como a vida real, as HQs se configuram através de poder (HOWARD; JACKSON, 2013. p. 17). Nesse sentido, constroem-se atmosferas de poder em torno da presidência de Barack Obama (primeiro negro a assumir o cargo nos Estados Unidos), os poderes políticos dessa posição se proliferam em diferentes suportes culturais, e nesse estudo específico no qual estamos empenhados, observamos que as HQ's não ficam de fora.

> "Em um país onde os negros são raramente reconhecidos e celebrados por suas contribuições históricas excepcionais e conquistas além do esporte e do entretenimento, as crianças negras muitas vezes precisam de outro lugar para alimentar sua imaginação. Os mundos fantásticos dos desenhos animados e histórias em quadrinhos têm o poderoso potencial de tecer narrativas que oferecem possibilidades de ver o heroísmo negro". (HOWARD; JACKSON, 2013, p. 18).

Portanto, as políticas de raça e representação citadas pelos autores, fazem parte de cenários culturais que atravessam o mundo, e frequentam os "multiversos" presentes nas HQ's. No caso de Obama, por exemplo, sua figura política foi elaborada para fazer parte de uma das histórias da Marvel Comics.



Figura 5 - Barack Obama é personagem em HQ do Homem Aranha

A Marvel Comics lançou em 2009 uma edição comemorativa, na qual Obama e Homem Aranha contracenam. A História tinha apenas cinco páginas, e pode ser encontrada no volume 583 de "Amazing Spider Man". É interessante notar que essa revista em quadrinhos teve 350 mil unidades vendidas, tornando-se a revista em quadrinhos mais vendida de todos os tempos.

> "Em tenra idade, quando a maioria as pessoas são apresentadas aos quadrinhos pela primeira vez, eles os usam como uma fuga. Eles estão visualmente fascinados por storyboards retratando pessoas voando pelo ar como Superman, ficando verde como um sinal de raiva como O Incrível Hulk, ou rapidamente transformando em uma fantasia de super-herói para salvar o dia como a Mulher Maravilha ou Homem-Aranha. As crianças gradualmente se identificam, se apegam ou simplesmente admirar esses super-heróis. E quem não gostaria? Esses protagonistas são dotados de força sobre-humana e habilidades especiais que mostram suas personalidades magnânimas maiores que a vida. Isso sem falar que eles fortalecerem desde cedo o que nos foi ensinado sobre o certo e o errado, justiça e mal, bem como amigos e inimigos. Quadrinhos, talvez, são muitos o primeiro vislumbre das pessoas em uma pedagogia de justiça social em ação". (HOWARD; JACKSON, 2013. p. 20).

A presença de Obama em uma HQ de superaventuras reforça sua "aura" heroica, propondo diálogos com crianças negras do mundo todo. E nesse caso,

Obama não é um personagem que frequenta apenas as narrativas ficcionais, é o presidente dos EUA, logo, seus poderes estão além do território Marvel. A "Era Obama" é um movimento cultural totalmente diferente do que propõe Howard e Jackson (2013):

> "Muitas vezes os quadrinhos contam uma história sobre heróis brancos e vilões minoritários, vencedores brancos e perdedores minoritários, protagonistas brancos e talvez uma minoria ajudante. Isso configura uma dialética que, embora bastante pública, deixa um resíduo oculto de inferioridade minoritária. Esses tipos de quadrinhos propõem significados dentro de amplas mensagens cômicas que afirmam que as minorias não poderiam ser vencedores ou esperar vencer. Isto é, de facto, uma tragédia, porque embora estes são "apenas quadrinhos" como alguns diriam, eles imprimem em jovens impressionáveis imaginação dos leitores uma sensação de incapacidade, incompetência e incompetência minoritárias". (HOWARD; JACKSON, 2013. p. 21).

3.2 "O que é Necessário: O Preço e a Promessa de Cidadania"

As palavras que intitulam essa subseção compõem o título do discurso proferido por Barack Obama em seu primeiro pronunciamento como presidente dos Estados Unidos. Destaca-se tal momento neste trabalho para que se compreenda as propriedades do discurso e a compreensão de uma certa identidade narrativa. Stuart Hall (2009) comenta sobre o significante "identidade" e questiona as políticas de identidade, enfatizando o fato de que o conceito de identidade está atrelado à localização, a um discurso. Existe, então, a importância de se pensar o sujeito em novas posições, suas relações de deslocamento e centralização.

"O que é necessário: o preço e a promessa da cidadania ", dizia Obama ao questionar toda uma construção cultural pautada nas disputas raciais existentes nos Estados Unidos, proferido em 20 de Janeiro de 2009, Barack Hussein Obama tornou-se o 44º presidente dos Estados Unidos.

> "Envolto em uma complexa crise social, moral e financeira, desencadeada por especulação financeira desequilibrada e perda de poderio no cenário internacional, o atual presidente Obama

> assume o poder carregando a particularidade de ser o primeiro governante negro na história dos Estados Unidos, juntamente com a responsabilidade de atender à expectativa de uma enorme população" (Santos, 2015. p. 19)

Nesse sentido, ainda observando os estudos de Hall (2009), percebe-se que as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com qual elas continuam a manter uma certa correspondência. Quem nós somos? E quem poderíamos nos tornar; questiona Hall (2009). A discussão propõe um processo de negociação para se pensar na narrativa do "eu", pois, as identidades são construídas dentro do discurso, produzidas em situações históricas e institucionais específicas. Ao iniciar um discurso, Obama evoca todas essas questões, assumindo o status identitário que pode funcionar, ao longo de toda sua história como pontos de identificação. Sua constituição está associada a um processo de hierarquização, um jogo de posições que gira em torno de inclusões e exclusões (referências). A identidade funciona como o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre discursos e práticas. As identidades são pontos de apego temporários às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 2009).

Dentro deste processo que se compreende como identificação ou identidade, somos atravessados por atmosferas imagéticas e mitológicas, transitamos entre os lugares que somos chamados para ocupar, e os que nos distanciamos. Existe toda uma relação de subjetividade que leva em conta os processos psíquicos inconscientes e a relação com o outro, pois o sujeito é produzido como um efeito do discurso e no discurso, no interior da informação discursiva específica, não tendo qualquer existência própria. Estes (os discursos) constroem por meio de suas regras de formação e de suas modalidades de enunciação posições do sujeito.

Barack Obama reivindica este lugar, este espaço identitário que até então não havia sido ocupado por um Negro, e isso torna-se claro quando o novo presidente diz "A NAÇÃO É UMA PESSOA" (Trecho do discurso presidencial apud, Santos, 2015).

Obama situa a responsabilidade representacional de estar no poder, induzindo a pensar que a partir daquele momento "A nação é negra", ainda, compreendendo Hall (2009), essas relações propostas por Obama se desenrolam em transações entre o sujeito, o corpo, a identidade e a identificação, uma espécie de quadro analítico, que funciona como objeto de estudo e críticas. Na busca por posições, por compreensões de como o sujeito é discursivamente construído, essas questões nos levam ao exercício de situar o debate e problematizar as questões, observando que seria interessante abandonar essas noções de identidade e (identificação) que se apresentam como fixas e imutáveis, por apresentarem falhas, pois, a construção de identidade e identificação são pertencentes ao imaginário, então, não se apresentam como feitas, fechadas. Portanto, a questão e a teorização da identidade são um tema

de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a impossibilidade da identidade, bem como a suturação do psíquico e do discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos.

Apresentar o título do discurso inicial de Barack Obama funciona como referência para se propor debates sobre a questão da identidade e da possibilidade de reconfiguração étnico-racial nas mídias, especificamente nos quadrinhos. O objetivo aqui não é mapear todas as práticas discursivas utilizadas no discurso, entretanto, percebe-se que pontuar a temática principal do discurso de Obama "O que é necessário: O preço e a promessa da cidadania" nos levam à compreensão de que o discurso tornou se mais palpável, projetando a importância de identidades negras nas HQ's, a partir daí, a mídia propõem reconfigurações, apresentando às crianças (negras) dos Estados Unidos (e do mundo) novos super-heróis negros que funcionam como status identitário da nação americana, e observando esses "movimentos" que ocorrem no jogo político estadunidense, empresas, como a Marvel Comics, propõem novas estéticas e discursos em suas obras, e são essas questões que discutiremos a seguir.

3.3 Negritude e representação na Marvel Comics

A proposta de refletir sobre negritude e representação em HQs, se configura em analisar personagens negros e seus processos de construção, inserção e manutenção (Agostinho, 2021). Logo, tendo como ponto de análise a Marvel Comics, pretende-se evidenciar personagens que apresentem protagonismo, reverberando estéticas negras e imaginários sobre a presença negra nas narrativas. Portanto, se faz necessário, trazer "para a conversa", inicialmente, o personagem negro mais conhecido da Marvel Comics, pois, a partir de sua trajetória, uma série de outras personagens (e narrativas) foram construídas. Nesse sentido, apresentaremos uma análise preliminar sobre o Pantera Negra, verificando os dialogismos que contornam o personagem, e propagam representações negras, distantes de perspectivas estereotipadas

> "Como o primeiro super-herói negro da história dos quadrinhos, o Pantera Negra pavimentou o caminho para outros como Falcão, Luke Cage, Tempestade e muito mais. Ele é um personagem cuja importância não pode ser diminuída, com um legado que se expande muito além da página" (Ed Hammond, editor da Marvel, Panini UK.Entrevista publicada em Pantera Negra, Panini. 2015).

Os estudos que se desenvolvem em torno de identidades negras, representação e HQs costumam destacar em suas textualidades fragmentos que de alguma maneira remetem à construção do personagem Pantera Negra. Vale ressaltar que o personagem

foi criado pelo escritor e editor Stan Lee e pelo escritor e ilustrador Jack Kirby, aparecendo pela primeira vez em Fantastic Four nº 52 em julho de 1966 (LUPI, 2014). Lupi também ressalta que antes de sua aparição, personagens negros nos quadrinhos pareciam resignados de ficar em segundo plano, jamais figurando como protagonistas (Lupi, 2014. p. 3). Há no personagem Pantera Negra uma projeção dialógica, pois, em meio aos movimentos civis da década de 60 e a organização conhecida como Os Panteras Negras, o herói emerge entre as páginas de quadrinhos.

> "A popularidade do Pantera Negra estava garantida, aparentemente adorado pelos fãs independentemente de raça ou credo. No entanto, para muitas crianças afro-americanas, ele era mais do que apenas um super-herói – ele era uma inspiração. Aquela tinha sido a primeira experiência de ver um personagem negro em qualquer mídia que era igual, se não superior, a um personagem branco". (Ed Hammond, editor da Marvel, Panini UK.Entrevista publicada em Pantera Negra, Panini. 2015).

A opção de trazer o personagem Pantera Negra para esse trabalho, é justamente, apresentar argumentos que fortaleçam a ideia de que a Marvel Comics "flerta" com as Identidades Negras já há algum tempo antes da posse de Obama, mas num contexto permeado por movimentos de pessoas pretas nos EUA contra a discriminação naquela sociedade. Observamos que a presença de Barack Obama na presidência dos EUA levou empresas como a Marvel Comics a reconfigurar personagens e suas estéticas representacionais, mas, se Lunella Lafayette é fruto do discurso de Obama, T'challa (o Pantera Negra) é a projeção do sermão de Martin Luther King. Logo, as HQs são discursos e se conectam dialogicamente ao momento em que são construídas. Falamos então de uma espécie de controle de sentido, pois, o sentido não é a ordem dos estados fixos, mas dos acontecimentos que se efetuam no espaço-tempo (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021). Devemos, a partir destas questões, interrogar permanentemente as fronteiras nas quais se escrevem as paisagens discursivas, e no caso das HQ's, imagem é discurso e texto é discurso, há, uma ebulição discursiva nesse suporte midiático. Folhear as páginas nos coloca entre a representação e a produção de imaginários sobre o universo que habitamos. Segundo Deusdará e Rocha (2021) "Há uma ordem das representações", uma espécie de intromissão discursiva, em que os produtores dos meios de comunicação inserem, ou infectam (RUSHKOFF, 1996) a realidade que é absorvida por telespectadores, leitores, ou seja, pelos que degustam de alguma maneira a cultura midiática. No caso da Marvel Comics, há dois momentos interessantes em que podemos observar essa construção de mitologias (BARTHES, 2002) acerca de políticas de representação sobre a identidade negra: 1. Os movimentos dos direitos civis nos anos 60, 2. A eleição de Barack Obama, em 2009. Esses dois momentos específicos da história negra americana constroem narrativas diferentes dentro das HQs e o universo sociocultural, colocando em "xeque" estereótipos exaustivamente repetidos. Vale ressaltar que a Marvel Comics foi criada por volta de 1930, no período entre 1930-1960 as representações negras tinham

objetivos específicos e nenhuma intenção de construir/apresentar personagens heroicos, tal como sugere Fanon: "E o Lobo, O Gênio do Mal, o Mal, O Selvagem, são sempre representados por um Preto..." (FANON, 2008. p. 130).

Observamos que a Marvel Comics começa a inserir personagens negros que desafiam estereótipos vigentes, a partir da década de 1960, vale ressaltar, que a princípio, tratava-se apenas de personagens homens. Uma década depois (1970), o leque de personagens se amplia, com a inserção de personagens negras femininas.

Como exercício elucidativo construímos uma linha do tempo, o mapeamento de personagens negras femininas que protagonizaram narrativas da Marvel Comics.

Linha do Tempo com Personagens Negras da Marvel



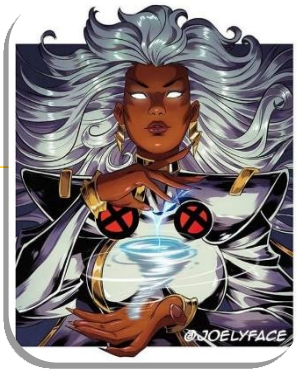
1973

Deadly Nightshade
(Tilda Johnson)



1974

Spider Woman
(Valerie)



1975

Storm
(Ororo Munroe)



1975

Misty Knight
(Melissa Knight)



1982

Spectrum
(Monica Rambeau)



1998

Dora Milaje
Okoye



1999

Ladyhawk
(Rosetta Morgan)



2005

Pantera Negra
Shuri



2015

Moon Gitl
(Lunella Lafayete)



2016

Iron Heart
(Riri Willians)

Na década de 1970, observamos que a Marvel Comics apresenta personagens negras femininas com mais expressividade. Em 1973, é introduzida Tilda Johnson (Deadly Nightshade) que inicialmente é uma supervilã, antagonista das histórias do Capitão América, e posteriormente é inserida no grupo dos super-heróis. Já em 1974, Valerie (Spider Woman). A personagem não tinha poderes, no entanto, ao encontrar um traje, se veste, e acaba ajudando o personagem homem aranha a "salvar o dia". Em 1975, Ororo (Tempestade) é personagem no grupo conhecido como X-men. Ororo é a personagem negra de mais expressividade no território da Marvel Comics. Primeiro por ter densidade em sua construção narrativa, Ororo é descente de uma linhagem africana, na qual crianças (meninas) que nascem com cabelos brancos se tornarão sacerdotisas (protetoras do continente africano). Segundo Ororo é uma das pouquíssimas personagens negras femininas da Marvel Comics que transcendem as HQ's. Ororo está nos desenhos animados, séries, jogos de videogames, e filmes. Terceiro, a configuração da personagem é tamanha, que na edição Black Panther #14, de 2006, Ororo (Tempestade) e T'Challa (Pantera Negra) se casam. Em nível de representatividade nas HQ's, o casamento desses dois personagens, está entre as narrativas que mais reverberam a negritude e toda a história da representação africana. Ainda em 1975, surge Melissa (Misty Knight), uma policial que sempre acreditou fielmente no cumprimento da lei. Em uma de suas missões, na tentativa de desarmar uma bomba, Melissa perde um dos braços. Após o acidente, Melissa adquire um braço biônico, com sua força sobre-humana, passará a fazer parte dos super-heróis conhecidos como Vingadores. Em 1982, Monica (Spectrum) era tenente portuária, até ser bombardeada com energias extradimensionais e ganhou o poder de converter seu corpo em energia, tornando-se uma super-heroína. Em 1998, as Dora Milaje inundam as narrativas do Pantera Negra. Okóye, líder do grupo, que é responsável pela guarda real do rei de Wakanda (nação fictícia que representa a África em Pantera Negra). Em 1999, Rosetta (Ladyhawk) intitulada vigilante das ruas, personagem que herda as habilidades de Falcão (Sam Wilson), e não possui poderes. Em 2005, Shuri (irmã de T'Challa) torna-se a Pantera Negra. Shuri é apresentada em uma série de narrativas, demonstrando uma perspectiva feminina sobre tornar-se a protetora da África e rainha de Wakanda. Em 2015, Lunella é Moon Girl, personagem que dialoga com o campo científico, e projeta a identidade negra nas HQ's, e em 2016 a atmosfera científica continua presente nas histórias de Riri Willians (Iron Heart), adolescente superdotada que utiliza sua inteligência e ferramentas tecnológicas, que ela mesmo constrói, para lutar contra o crime.

Tratando-se das identidades negras na contemporaneidade, tendo como referência a representação negra na Marvel Comics, observaremos com a lente conceitual "dialogismo bakhtiniano", revistas em que uma personagem negra é protagonista, além de apresentar diálogos com as práticas científicas, e através da ciência (por seu domínio, e não um simples acidente como costuma acontecer com personagens brancos), configura-se um cenário discursivo que nos interessa a ponto de nos debruçarmos sobre a trajetória de Lunella Lafayette, apresentaremos agora uma leitura crítica sobre a Moon Girl.

Capítulo 4
Lendo Moon Girl com Bakhtin:
Lunella Lafayette e o Dialogismo Bakhtiniano



4.1 O Dialogismo Bakhtiniano

Começamos esse trecho enfatizando a opção por Mikhail Bakhtin ao forjar a fundamentação teórico-metodológica do trabalho. Entre leituras das HQ's que compreendemos como objeto de estudo, observamos que as narrativas são construídas entre atmosferas discursivas, e Bakhtin (2011), sinaliza toda essa constelação ao projetar o termo ressonâncias dialógicas. Apreciamos de maneira cautelosa o jogo de palavras do autor, e se há um sistema cultural que vibra em frequência, e tal frequência não nos representa, apenas nos atinge de maneira letal, falamos de sinfonias racistas, e o eco que provocam em corpos negros, eis o momento de desestabilizarmos acordes que para nós desafinam, ou seja, elaborar práticas de destruição do racismo. Estudar Bakhtin é ter contato com partituras, e notas que necessitam de certa maturidade intelectual, nesse sentido, admitindo o vasto território comunicacional do autor, e o coletivo de conceitos existentes, por opção própria, vamos nos referir a configuração de conceitos de Bakhtin como dialogismo bakhtiniano (CASTRO, 2005). Ancoramos nossa defesa no trabalho de Beth Bright (2005), pois, ao falar da Arquitetura Bakhtiniana, a autora pontua que sobre Bakhtin, uma infinidade de termos apontam um para o outro, atraindo-se sem aceitar a condição de identidade exclusiva (BRIGHT, 2005). Sendo assim, se Bakhtin é um continente, não delimitaremos as fronteiras implícitas na circulação entre noções, categorias e conceitos advindos diretamente do pensamento bakhtiniano. No entanto, alegamos que Bakhtin é o fundamento entre teorias e metodologias articuladas neste trabalho, e dialogando com os trabalhos de Alexandre Castro (2005) e Beth Bright (2005), tomamos uma posição: nossa construção textual será pautada no termo Dialogismo Bakhtiniano.

Observamos que o dialogismo bakhtiniano nos permite compreender a importância de configurações discursivas entre imagens e palavras. Logo, para Bakhtin (2014), existe um universo dialógico. Sendo assim, as narrativas construídas independem do recorte temporal e estão "amarradas" a um contexto, a uma discursividade que indica sua posição no tempo, ou seja, cada estrutura narrativa propõe uma ordem discursiva, como indica Bakhtin (2011), ao sinalizar o "lugar ideológico", fruto de ordens que se articulam entre aspectos socioculturais.

> "A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso das relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da consciência ideológica". (BAKHTIN, 2014. p. 36).

Somos cotidianamente "atingidos" por signos ideológicos e matérias como HQ's, enquanto signos ideológicos, produzem um repertório de significações. Capturando as perspectivas do dialogismo bakhtiniano, alegamos que as HQ's propõem uma ordem sociológica e pavimentam dimensões discursivas que são acessadas por leitores de diferentes idades ao folhearem as revistas. Nota-se também, que HQ's possuem um sistema de representação específica, falamos de imagens e palavras que se configuram de acordo com roteiristas e ilustradores, pois, em algumas páginas a imagem pode ser maior que as palavras, e em outras, as palavras podem ser maiores que as imagens. E essa

diferenciação depende de quais significações os produtores desejam atingir, sendo assim, HQ's são um arsenal discursivo entre cores e páginas.

Observar a construção de narrativas que abordam aspectos da ciência é refletir sobre os processos de formação do discurso, e nesse "movimento", quem produz as histórias desenvolve as práticas de incorporar e reelaborar (BAKHTIN, 2011). Em nosso entendimento, os produtores da revista podem incorporar elementos culturalmente conhecidos, que podem envolver, por exemplo, estereótipos sobre cientistas, ou construir narrativas contrárias a perspectivas hegemônicas, nesse sentido, reelaborar a forma discursiva de "quem faz ciência?", tensionando representações fixas que não apresentam identidades fluídas.

O dialogismo bakhtiniano propõe que a linguagem é um sistema dinâmico (BAKHTIN, 2014). É inerente à compreensão de que há um fluxo discursivo da comunicação, quiçá, representação.

> "Neste caso o leitor, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc;". (BAKHTIN, 2011. p. 271).

Ainda, segundo o dialogismo bakhtiniano essa posição responsiva do leitor se forma ao longo de todo o processo de leitura. E o autor nos ensina que estamos constantemente moldando nosso discurso, e isso está atrelado a intenção discursiva.

Após essa introdução sobre o termo dialogismo bakhtiniano, utilizaremos tal perspectiva para propor uma leitura crítica sobre a HQ Moon Girl, evidenciando a identidade-cientista de uma menina negra chamada Lunella Lafayette. Utilizaremos alguns trechos das HQ's como referência para refletir sobre as práticas científicas na contemporaneidade, e de que maneira a Negritude é projetada na personagem mais inteligente da Marvel Comics[1]. Para tal, nossa leitura crítica se organiza em quatro tópicos, são eles: *a pequena cientista; meninas negras fazem ciência? a negritude espelhada e o teste de Q.I.* Em cada tópico vamos articular discussões tendo como referência principal o dialogismo bakhtiniano em consonância com outros autores, que consideramos que contribuem com a análise. Seguiremos, então, com nossa fundamentação teórico-metodológica, mas, antes disso, vamos investigar nossa personagem favorita. Senhoras e senhores, apresentamos Lunella Lafayette.

1 Em entrevista recente (2021), a Marvel Comics declarou em seu site que Lunella Lafayette é o personagem mais inteligente da franquia.

4.2 Quem é Lunella Lafayette?

"Ciência... Isso é o mais verdadeiro que você pode conseguir".
(Lunella Lafayette em Moon Girl, Edição nº 1, 2015).

Lunella Lafayette é uma menina afro-americana de 9 anos que frequenta o ensino fundamental, e está sempre estudando ciências. Seu interesse pela ciência e seu desejo em proteger os que ama fazem com que ela se torne Moon Girl, heroína e protagonista da história. A personagem foi criada em 2015 por Brandon Montclare, Amy Reeder e Natacha Bustos. Torna-se interessante pontuar que na criação de personagens heroicos, ainda hoje, é difícil a participação de mulheres roteiristas/desenhistas (MARINO; MACHADO, 2019), e no caso de Lunella, temos duas mulheres com participação ativa na construção do perfil e destino da personagem. Amy Reeder (1980-) é uma artista e escritora de quadrinhos americana conhecida por seu trabalho em títulos como Fool's Gold, Madame Xanadu, Batwoman, além de ser bacharel em Ciências Sociais pela universidade de BYU - Universidade Brigham Young. Natacha Bustos (1981-) é licenciada em Belas Artes pela Universidade de Granada, participante de vários coletivos de quadrinhos, trabalhando com projetos de HQ's e animações. Como Natasha destaca na entrevista (2015) sobre a personagem central de Moon Girl, a criação da personagem pontua algo diferente em relação às identidades das heroínas nas produções da Marvel Comics.

> "Eu me sinto muito sortuda por estar no projeto de criar um novo personagem da Marvel como Lunella. Ela é irreverente, corajosa e superinteligente, a mais inteligente do Universo Marvel! Além disso, visualmente, ser menina e afro-americana, dá à franquia um sopro de ar fresco". (Natacha Bustos em entrevista sobre Lunella Lafayette – Cinemas Comics – 2015).

Amy Reeder já desenvolveu trabalhos com diferentes personagens femininas da indústria dos quadrinhos. Tornou-se artista principal da série Madame Xanadu do selo Vertigo (DC Comics) em 2007. Posteriormente, em 2010, assumiu a construção da personagem Batwoman e Supergirl (DC Comics), e, em 2015, iniciou seus trabalhos na Marvel Comics. Amy imprimi em seus trabalhos perspectivas da identidade feminina, tornando as heroínas, não apenas uma "versão" do herói, mas, propondo reflexões sobre a jornada da heroína.



Figura 6 - Amy Reeder e Natacha Bustos – criadoras da Moon Girl. Fonte: Pinterest.

Natacha Bustos além de seus trabalhos em quadrinhos pela Marvel Comics, desenvolve ações com seu Coletivo de Quadrinhos, propondo diálogos entre EUA e Espanha. Um dos seus principais objetivos, ao trabalhar a identidade feminina nas personagens, é tornar a cena de quadrinhos espanhola mais diversificada, ela e outras mulheres do coletivo de quadrinhos lutam contra a desigualdade de gênero e entendem que as HQs podem ser aliadas nessa luta. Assim, defendem que dar visibilidade a mulheres que produzem quadrinhos, construindo personagens que refletem perspectivas identitárias contemporâneas, é algo fundamental.

Moon Girl, ao ser desenvolvida por essas duas artistas, transborda questões contemporâneas, que dialogam com horizontes culturais. A identidade feminina em Lunella Lafayette é fruto das vivências de ambas, que configuram em uma personagem outras perspectivas para o futuro de meninas negras.

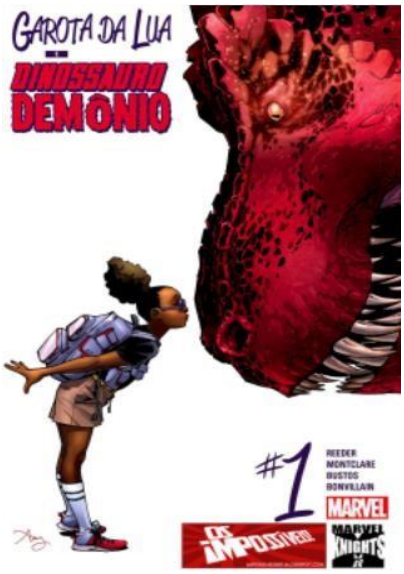


Figura 7 -Capa brasileira da primeira edição de Moon Girl. Fonte: HQ Now

Para fechar essa subseção trazemos a primeira capa de Moon Girl (2015). nela encontramos elementos que permitem um exercício analítico, que compreendemos como relevante para nossa discussão. A proximidade da personagem com o dinossauro remete a um contexto mitológico (BARTHES, 2001), no qual é possível, dentro de aspectos metafóricos, compreender uma certa "intimidade com a ciência". Lunella não apresenta medo do desconhecido, do improvável, ao se envolver com a ciência. E, assim, a personagem se aventura em um universo particular e se relaciona com um Dinossauro. Nota-se, então, que há discursos em pauta, que apresentam contextos, através das HQ's, em que a identidade negra, na contemporaneidade, se manifesta de maneira visível em práticas científicas dentro do contexto midiático. Percebemos então, que a construção de personagens está atrelada a uma série de significações pré-estabelecidas, e, nesse sentido, verifica-se que sua utilização se apresenta condicionada a certos repertórios culturais. Tais repertórios são partes do dialogismo bakhtiniano. Observaremos agora, com mais detalhes, as configurações discursivas que envolvem Lunella Lafayette.

4.3 A Pequena Cientista

A prática de leitura em diferentes gêneros literários nos permite enfatizar que toda história é importante. Antes de nós, muitos autores já enunciaram isso, no entanto, apreciamos a ideia de que as histórias dão sentido ao mundo que vivemos (GAIMAN, 2017). Logo, uma menina negra envolvida em práticas científicas configura uma multiplicidade de sentidos, eis a importância do dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2011). Segundo Gaiman[2] (2017), Lunella seria filha de Anansi[3], pois, "todos os filhos de Anansi deixam marcas na história" (GAIMAN, 2017.p. 39), e tornar-se a cientista mais inteligente do multiverso Marvel, não é pra qualquer um.

Acentuamos, mais uma vez, que a negritude é um poder (AGOSTINHO, 2022) e Lunella Lafayette está entre as referências contemporâneas[4] que exercem essa "melanina" com autoridade. No caso de Lunella, falaremos de uma personagem que possui intimidade com a ciência, um conhecimento que tem autoridade na sociedade em que vivemos. Assim, as aventuras de Lunella, uma menina negra que se destaca nesse campo de

[2] Neil Gaiman, é um autor britânico de contos, romances, banda desenhada e roteiros. Entre suas obras em prosa estão Deuses Americanos e Belas Maldições

3 Anansi é uma divindidade do continente africano, conhecido como "aranha" em akan, a língua dos ashanti, é responsável por contar histórias desde o início dos tempos, entre suas teias as histórias alcançam qualquer lugar do mundo. No folclore afro-americano, influenciado pelos ashanti, principalmente nos EUA e Caribe, Anansi tornou-se um personagem de contos populares que toma diferentes formas, aspectos e nomes e às vezes é do sexo feminino.

4 Ao falarmos sobre referências contemporâneas vale ressaltar que Nyota Uhura (conhecida como Tenente Uhura) é considerada a primeira referência de cientista negra na cultura pop. Uhura era personagem principal de uma série chamada Star Trek (no Brasil Jornada nas Estrelas). A série começou a ser exibida em 1964 na NBC (Estados Unidos). O nome Uhura dialoga com preceitos de origem africana, pois, "Uhuru" é a palavra suaíli para "liberdade". A personagem foi interpretada pela atriz Nichelle Nichols, e recentemente por Zoe Saldanha em dois filmes (remakes) da série original.

autoridade, nos faz provoca diálogos nos quais nos faz ter orgulho de ser negros a cada virar de página.

Segundo Bakhtin (2014), o personagem dialoga, então, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e grupo determinado (BAKHTIN, 2014. p. 54). Destacamos que os diálogos entre a identidade negra e as práticas científicas não são uma peculiaridade do século XXI (MBEMBE, 2008). No entanto, o vírus da mídia (RUSHKOFF,1996) foi (e ainda é) letal em invisibilizar identidades negras e/ou aspectos da diversidade humana que sejam diferentes do status quo: Homem Branco.



Lunella e seus experimentos científicos – edição #1

Inicialmente nossa leitura crítica se apresenta em uma das primeiras páginas da edição número 1 de Moon Girl. Lunella em seu quarto, em um universo particular, rodeada de utensílios que conseguiu em casa, e alguns outros pelas ruas. Focada, esqueceu completamente do horário da escola. Ela passa horas no exercício de montar e desmontar coisas, lendo sobre teorias científicas e, também, sobre mutação genética. Destacamos que Lunella é uma cientista, pois, ela está sempre envolvida em práticas cientificas, nesse sentido, além da opinião da Marvel Comics sobre a personagem, ao lermos as revistas, verificamos esse ponto como relevante.

Lunella mergulha no mundo da ciência por não querer virar uma mutante, a narrativa chama de "inumanos", aqueles que estão propensos a desenvolver poderes. Lunella não quer que acidentalmente a mutação tome conta do seu corpo, já que na idade dela, muitas crianças começam a desenvolver habilidades de mutantes. A personagem explicita três razões para buscar caminhos para nãos e tornar uma inumana : a) algumas mutações transformam as pessoas em "monstros"; b) apesar de desenvolver poderes, nem sempre é possível (ou fácil) controlar os poderes, sendo assim, pode acontecer de o inumano machucar as pessoas que ama; c) muitos inumanos sofrem preconceito no contexto em que Lunella habita, sendo possivelmente presos, ou se tornarem foragidos da autoridade. Em Moon Girl essas questões não se apresentam de maneira tão explícita, mas, em outra narrativa, que coexiste com o universo de Lunella, temos a seguinte resposta:

> -Homem Aranha (Miles Morales): Que bom que o senhor está bem!
> -Jefferson Davis (pai de Miles Morales): Fica Longe de Mim! Cai fora aberração!
> -Homem Aranha (Miles Morales): Pai!
> -Jefferson Davis (pai de Miles Morales): Do que você me chamou?
> Homem Aranha (Miles Morales): Eu só quero te levar para um lugar seguro... E tenho como te tirar daqui! (Miles tira a máscara e revela para seu pai que é o homem aranha).
> -Jefferson Davis (pai de Miles Morales): Miles? (seu pai arregala os olhos, e se afasta cambaleando pelo chão... Depois dispara um olhar de ódio!
> (Brendis, Brian Michael. Miles Morales – Grandes Responsabilidades. Panini Comics; SP, 2021).

Optamos por descrever a cena, pois, como nosso foco é Lunella Lafayette, não desejamos "distrair" o leitor com outras imagens nesse momento específico da leitura crítica. O diálogo apresenta Jefferson Davis sabendo, pela primeira vez que seu filho Miles Morales[5] é o Homem Aranha. Sua recusa, apresenta um pensamento cotidiano naquela sociedade, reação que possivelmente os entes queridos de Lunella teriam, caso ela tivesse poderes, afirmamos isso, pois há um eixo condutor dentro das narrativas da Marvel Comics, e o preconceito com superpoderes é uma tônica histórica nos roteiros dessa indústria.

Após explicarmos os motivos de Lunella em recusar "dons especiais", e retomando o raciocínio, a primeira edição da revista nos apresenta uma menina afro-americana que ama ciências e considera que a ciência é o caminho para conseguir alcançar seu objetivo: continuar sendo humana. Apesar de sua relação com as aulas de ciências não ser muito positiva. a personagem continua estudando iências. A HQ inicia com perspectivas científicas, ao apresentar a seguinte citação, antes de o leitor ter acesso às imagens "A humanidade está deixando sua infância pra trás e movendo-se para sua adolescência com seus poderes vertem um domínio até agora além de nosso alcance" (Moon Girl #1, p.3). O texto é de Gregory Stock, e posicioná-lo como parte da introdução tem relação com modos de operar a cultura (ADORNO, 2015). As práticas dialógicas colocam em pauta a relação entre as perspectivas culturais e o cenário onde foram construídas. Logo, há narrativas em torno da ciência, pauta que sustenta a estutura em que Moon Girl foi construída.

O dialogismo bakhtiniano nos permite conectar narrativas da Marvel Comics que se estruturam entre personagens diferentes, e propõe a possibilidade de verificar posições e deslocamentos de personagens, e tratando-se de nosso trabalho, nossa ênfase em personagens negros, tendo como pauta os discursos que envolvem protagonistas, nos encontramos entre perspectivas construídas por roteiristas/desenhistas que compreendem a relação de uma menina negra (tratando-se de Lunella),com a ciência

5 Inserimos Miles Morales nesse trecho, pois, Miles é um jovem negro do Brooklin que recebe os poderes após ser picado por uma aranha radioativa, e se torna o novo homem aranha, substituindo Peter Parker. Miles também é atingido por perspectivas raciais em sua narrativa. E nos incomoda profundamente os "poderes" escolhidos pra ele pelos roteiristas. Miles possui duas habilidades: 1. Ficar invisível. 2. Dar choque para afastar os outros. A configuração dos poderes de Miles se apresentam de maneira "perigosa", pois inúmeros jovens no Brooklin ou no Rio de Janeiro (Brasil) sofrem processos de inviabilização todos os dias, e um poder que "afasta" remete a dificuldade e/ou ausência de comunicação de um jovem negro com a sociedade.

da forma que projetam a narrativa. Utilizar o dialogismo bakhtiniano como arcabouço teórico, é compreender que as relações dialógicas se conectam no sentido de dar sentido à construção, inserção e manutenção da personagem nas HQs.



Figura – 8 -Lunella explica para professora e seus colegas de classe sobre a teoria da evolução. - Edição #1

Na cena acima, a professora faz uma pergunta para Lunella. O contexto apresenta uma explicação da professora sobre o conteúdo, enquanto Lunella estava de cabeça baixa fazendo anotações. Ao dizer "a pequena-senhorita-sabe-tudo", a professora apresenta incômodos em relação a postura de Lunella nas aulas de ciência, e ainda sugere que Lunella não presta atenção. Lunella com seu repertório de informações científicas, corrige a professora, apresentando outras referências sobre a teoria. Seus colegas hostilizam Lunella, citando apelidos, e não acreditando em suas informações. Sabemos que crianças negras são desacreditadas o tempo todo, e esse é um dos "tentáculos" do racismo. Shenna Howard (2022), comenta que o excesso de ações como essa (ser hostilizado pela turma, e algumas vezes pelos professores) se transforma em resíduo de inferioridade. Lidar com

esse tipo de relacionamento é extremamente difícil, e personagens como a Lunella, ao serem lidas por meninas negras promovem um orgulho cultural que se transforma em componente central da socialização étnico-racial (HOWARD, 2022. p. 13). A autora ainda nos ensina que o contato com personagens negros atua no configurar-se negro, aceitar sua negritude, sendo assim, não devemos subestimar personagens negros nas narrativas (HOWARD, 2022. p. 15).

O dialogismo bakhtiano nos permite enxergar teias que ligam tais histórias, e aguça nossa intelectualidade sobre questões que reestruturam processos identitários. Hoje, temos uma personagem que evoca processos raciais, como, inclusive a Era Obama (tema já discutido por nós). Esse resíduo de inferioridade (Howard, 2022) leva Lunella a dizer: "Ás vezes eu odeio a escola". Ribeiro e Paiva (2021), ao discutirem sobre a potencialidade de HQs com super-heróis negros, argumentam que tais narrativas ajudam a socializar jovens e crianças que têm a possibilidade de encontrar, nas suas páginas, elementos de troca de ideias e discussão de assuntos relevantes, como questões étnico-raciais, seja em ambientes formais ou não de educação (RIBEIRO; PAIVA, 2021. p. 124). É importante pontuar que a relação entre crianças negras e experiências negativas com o ambiente escolar não é uma exclusividade de Lunella Lafayette (CALÇA; COSTA, 2018). Crianças negras estão envolvidas em processos de múltiplas formas de exclusão e há uma negligência com particularidades da identidade negra, que Evaristo (2018), chama de escrevivências: a escrita que se alimenta da experiência. As experiências adquiridas por Lunella, ao se aventurar pelas páginas de bibliografias, que versam sobre conhecimento científico, não são consideradas relevantes por sua professora. A personagem apresenta identidades que se interseccionam, uma menina negra, estudante e cientista. Lunella e sua configuração como persona na narrativa propaga o que Conceição Evaristo (2018) acentua em seus contos: "a gente combinamos de não morrer". Lunella está vivíssima, e uma das provas disso é que em 2023 a personagem passou das páginas de quadrinhos para os desenhos animados[6].

Essa vivacidade explicitada comprova que as experiências negativas que a personagem vive na escola não a afasta da ciência. E a postura de seguir e prosseguir propõem dialogismos com as lutas dos movimentos negros, em não desistir de viver mesmo em uma sociedade que enfatiza o tempo todo que melhor é ser branco/branca. Nossa abordagem estampa que a ciência não possui mais cor, Lunella é negra, Lunella é cientista, e Lunella é o que ela quiser ser.

6 A série animada de Lunella Lafayette começou a ser exibida no Disney + em 2023.



Figura 9 - O quarto de Lunella Lafayette - edição #1

No intuito de apresentar considerações finais sobre o primeiro tópico (a menina cientista), apresentamos o quarto de Lunella Lafayette. Temos uma criança em seu quarto repleta de brinquedos e objetos, que constituem os diferentes elementos que ela utiliza para responder a pergunta que a levou à ciência. Alguns dos objetos ali dispostos apontam o quanto Lunella se coloca dentro do mundo da ciência.

Lista de objetos/elementos científicos no quarto de Lunella Lafayette

1. **Objeto utilizado para montar uma cadeia de DNA (chão)**
2. **Sistema Solar (parte superior)**
3. **Símbolo de Pi (lateral direita)**
4. **Símbolo de átomo (lateral direita)**
5. **Desenho de buraco negro (parede fundo)**
6. **Poster de Neil deGrasse Tyson (lateral esquerda)**
7. **Foto de satélites (lateral esquerda)**

Os sete elementos citados se forem analisados de forma isolada não indicam que Lunella está imersa no universo da ciência. Uma criança poderia ter alguns desses objetos e não estar buscando com a ciência responder questões que a afligem. Noo entanto, o cenário permeado por esses objetos (e outros que não foram listados) configura uma inclinação ao conhecimento científico, e sabemos que além desse conhecimento, Lunella atua na ciência. A personagem, em vários episódios, apresenta as leituras científicas que faz, os experimentos que realiza e as teorias que tomou conhecimento e as que cria, remetendo o leitor à sua busca de mudar o estabelecido, no caso a mutação a inumano por meio do conhecimento legitimado, a ciência. Assim, Lunella reverbera o poder da Negritude (Agostinho, 2022), em uma sociedade que não deseja que nós (negros) tenhamos conhecimento desse poder e muito menos acesso a essa energia identitária. Dentro dessa esfera racista, o desejo é que sejamos fruto da Alegoria Hancock[7], mas, Lunella não é parte disso. A menina, que é uma cientista e nos orgulha com sua negritude, otimiza seu tempo para pensar em como resolver situações que assolam ela mesma e a humanidade.

Como conhecedores de HQ's, notamos que algumas questões que consideramos relevantes aparecem também, em outras narrativas e nos permitem verificar relações dialógicas.

Will Rez e Lara de Paula (2021), ao costurarem uma narrativa afrofuturista[8], nos convidam para acompanhar Alma (a protagonista) em uma aventura em busca da "reconexão de antigos fios". A expressão reconexão figura como uma metáfora para nos ensinar sobre a importância de perceber a ancestralidade como parte de nossa existência. Na busca, Alma necessita de sapiência ancestral (é isso??) para resolver os problemas que ocorrem em sua caminhada.

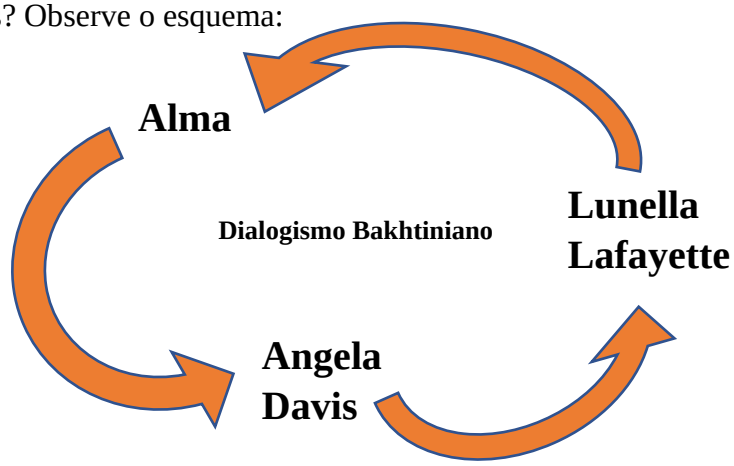
Em Miss Davis (2020), Angela Davis é transformada em personagem de HQ's pelas mãos de La Croix e Amaziane. Entre as primeiras páginas Davis sussurra "estamos vivos, e isso já é uma vitória" (LA CROIX; AMAZIANE, 2020. p. 25). Davis precisa lutar contra a sede desgovernada do racismo (praticada por mãos brancas) para sobreviver.

7 Alegoria Hancock (2021) é um termo criado por Elbert Agostinho em um texto escrito para o site HQ's com café. No texto, o autor discute o fato de no filme Hancock, o personagem de Will Smith estar cercado de estereótipos, são eles: 1. Problemas com bebidas; 2. Não consegue controlar seus poderes; 3.um sujeito sem passado; 4. Dificuldade de comunicação; 5. Romance com uma loura; 6. Se apaixonar provoca efeitos colaterais; e 7. Um homem branco ensina a ele tudo que deve saber para virar herói. O texto pode ser encontrado em https://hqscomcafe.com.br/2021/07/28/a-alegoria-hancock/

88 Por um Fio é o título da obra de Will Rez e Lara de Paula, a história é construída com base nos conceitos do afrofuturismo, como por exemplo, imaginar a presença negras em locais onde nunca foram projetadas e/ou são invisibilizadas.

Esse seria o “problema da história”, que é constantemente necessário resolver, caso contrário Davis morrerá.

Estávamos falando de Lunella Lafayette, quais são as possíveis relações entre os exemplos citados? Observe o esquema:



Estamos falando de três meninas/mulheres negras e compreendendo de que maneira as narrativas se assemelham. São histórias criadas em momentos diferentes e por pessoas diferentes, no entanto, há dialogismos. A persona se manifesta entre desafios e a vontade de vencer. Para entender tais processos evocamos Bakhtin (2014):

> “Na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, a identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado” (BAKHTIN, 2014. p. 10).

Há uma estrutura na linguagem e as três meninas/mulheres se aventuram por estruturas similares, que inclusive, apresentam o racismo a espreita. Temos interesse de propor rupturas nessa “relação social organizada”, na qual corpos negros estampam manchetes de jornais por darem o último suspiro. O dialogismo bakhtiniano nos ajuda a situar os sujeitos e averiguar tendências referentes a manifestações negras entre as páginas de HQ’s.

> “Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não rejeitável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente esses traços idênticos, que são assim normativos para todas as enunciações” (BAKHTIN, 2014. p. 79).

Verificamos em nossas leituras “traços idênticos” que se apresentam de maneira positiva e/ou negativa em torno de meninas/mulheres negras. Antes de voltarmos para as

páginas da HQ, convidamos o leitor (é isso??) para o “sarau”, uma personagem real que habitou durante oito anos o espaço mais importante dos Estados Unidos: a casa branca.

> “Ainda não sei muito sobre os Estados Unidos, sobre a vida, sobre o que o futuro trará. Mas eu me conheço. Meu pai, Fraser, me ensinou a trabalhar duro, rir com frequência e cumprir com minha palavra. Minha mãe, Marian, me ensinou a pensar com a minha própria cabeça e usar minha voz. Juntos no nosso apartamento apertado no South Side de Chicago, eles me ajudaram a enxergar o valor da nossa história, da minha história, da história mais ampla deste país. Mesmo quando não é bonita ou perfeita, mesmo quando é mais real do que você gostaria que fosse. Sua história é o que você tem, o que sempre terá. É algo para se orgulhar” (OBAMA, Michelle, 2018. p. 444).

O texto de Michelle Obama nos leva a reflexão sobre a importância de nossa história, e sobre a importância de histórias que lemos no decorrer de nossas vidas.



Figura 10 - Lunella busca soluções - edição #1

Retomamos nossa leitura crítica sobre as HQ's, e nos deparamos com Lunella dizendo: "meu cérebro é todo o poder que preciso". Então, vamos recapitular:

1. Lunella enxerga um problema – existem possibilidades de virar inumana
2. Lunella enxerga soluções – buscar elementos e/ou equipamentos que sirvam para construir um experimento que impeça ela (e qualquer um) de virar inumano.

A busca de Lunella por formas de evitar seu grande medo a leva a lugares inóspitos, no entanto, nossa heroína encontra algo que precisava.



Figura 11 - A descoberta - edição #1

Segundo o dialogismo bakhtiniano, narrativas ficcionais refletem as condições específicas que culminaram na construção de determinado personagem e as direções que este toma dentro da narrativa (referência de Bakthin que aponta isso), em nosso caso, na HQ da Marvel Comics, Moon Girl. Neste caso, se ocorrem mudanças na trajetória histórica do personagem, ou seja, se de alguma maneira sua identidade narrativa apresenta-se de maneira diferenciada de sua construção inicial, isso baseia-se nas diferenças discursivas que são apresentadas no personagem, levando em conta que Lunella possui características diferentes de muitos personagens da Marvel Comics. Notamos que HQ's estão repletas de elementos discursivos, e na imagem específica (Lunella e a conclusão de uma hipótese), a personagem ao dizer "Eureca" apresenta dialogismos com a figura de Arquimedes, cientista grego que viveu entre 287 a.C. – 212 a.C. Sendo assim, uma criança negra, ao folhear as páginas de Moon Girl, tem em um primeiro momento a compreensão da história de Lunella Lafayette, e em segundo plano, contato com elementos dialógicos que conectam narrativas da Marvel Comics a cientistas como o biofísico Gregory Stock (1949-) ou com o grego Arquimedes. Como aponta,

Bakhtin (2014), um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário deste, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior.

Lunella se apropria do conhecimento científico e passa horas (ou dias) em um universo particular, entre insights, anotações e reflexões. Folhear as páginas é ter contato com um universo pautado na ciência, e, através da personagem, nos permitimos vislumbrar possibilidades sobre "quem faz ciência". Nesse sentido, a descoberta é arte do "todo" que estamos chamando de "resolução de problemas". As pesquisas científicas de Lunella levam a personagem a encontrar um artefato[9] que cria uma convergência entre passado e presente. Logo, Lunella não terá apenas um problema para resolver, o "movimento" da personagem provoca uma cadeia de problemas que se apresentam no decorrer da narrativa.



Figura 12 -Capa da edição número 2 de Moon Girl

Na edição número 2, Nova York é invadida por um dinossauro e outras espécies que povoaram "eras antigas". O dinossauro torna-se mais um problema, além do de evitar se tornar inumana. Lunella novamente recorre ao conhecimento científico para construir soluções.

Portanto, observar Lunella é investigar as realidades que se apresentam e dão o tom de seu discurso, verificando tais reflexos e questionando possíveis representações, desvendando os aspectos ideológicos e suas significações. E Lunella habitar o campo

[9] Projetor de Ominiondas é o nome que Lunella dá ao objeto que chamamos no texto de "artefato".

científico dentro de uma HQ apresenta configurações ideológicas que ultrapassam o folhear de páginas.

As edições de Moon Girl são "orientadas" por citações de cientistas que marcaram a história do mundo. Citações que, escolhidas pelas criadoras da HQ abrem cada um dos episódios. Na primeira edição, Gregory Stock fala sobre a humanidade deixar a infância, chegar à adolescência e ter acesso ao domínio de poderes. Na segunda edição, a citação é de Marie Curie. E o episódio começa com a seguinte citação: "Um cientista em seu laboratório não é um mero técnico: é também uma criança que confronta os fenômenos naturais que o impressionam como faziam os contos de fada".

Nas duas citações é destacada a importância de do conhecimento científico para confrontar fenômenos naturais que nos impressionam, tais perspectivas são pano de fundo da trajetória de Lunella. Aprendemos com Bakhtin (2011), que, dentro de uma perspectiva histórica, não há como compreender as formas específicas de utilização do personagem sem compreender o universo social no qual a obra foi produzida, no sentido de compreender de forma mais plausível as diferentes posições que o personagem ocupa.

A tônica na edição número 2 é: como resolver um problema com a ciência? A narrativa apresenta uma série de problemáticas e a personagem vai recorrer ao conhecimento científico para encontrar soluções. E, nesse caminho, Lunella ensaia uma resposta:

> "Eu sou inumana, ou vou ser. Tenho o gene, sabe. Não que te importe, descobri por conta própria... Mas tenho que impedir que isso aconteça. Não quero me transformar. A transformação é o que me assusta. Mas que tudo... Mas que... Mas que você. (Lunella Lafayete – Edição número 2 de Moon Girl).

Ao recorrer a Bakhtin (2011), compreende-se as práticas discursivas nas quais emergiram certos discursos e que se constituem ao redor da personagem. Nesse sentido, Lunella torna-se objeto de investigação e seus discursos são representações dialógicas, ou seja, Lunella é um componente discursivo (personagem) relevante para compreendermos questões ligadas à ciência na contemporaneidade. Tal perspectiva posiciona a dimensão ideológica ligada à personagem e os espaços que esta frequenta. Bakhtin sinaliza: "O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico". (BAKHTIN, 2011. p. 33). Portanto, o dialogismo bakhtiniano apresenta-se como uma ferramenta fundamental para analisar Lunella, uma personagem que faz parte de um contexto social, apresentado nas HQs, que devem ser compreendidas como representações discursivas.

No horizonte dialógico, imagens funcionam como discurso, e há, nesse movimento, uma menina negra que faz ciência. Esse aspecto propõe perspectivas identitárias que configuram realidades existentes na contemporaneidade (HALL, 2006; HARAWAY, 1988). Há uma série de mecanismos que pretendem invisibilizar (ou calar) discursos de meninas negras na sociedade (COLLINS; BILGE 2005), e nesse constructo mitológico, observamos que a próxima imagem trata exatamente disso:



Figura 13 - Lunella é silenciada – edição #3

Segundo Angela Davis (2016), mulheres negras sofrem processos de agressões/violências intensas A autora pontua que “as mulheres negras, pagaram um preço alto pelas forças que adquiriram” (DAVIS, 2016. p. 182) As considerações de Angela Davis nos levam à compreensão de que há uma série de mecanismos que ativamente exercitam o silenciamento de mulheres negras, e tal estrutura, pretende calar a menina negra, para que esta não “tenha voz” quando se tornar mulher. Davis comenta que a prova das forças acumuladas que as mulheres negras forjaram por meio de trabalho, trabalho e mais trabalho pode ser encontrada nas contribuições de muitas líderes importantes que surgiram no interior da comunidade negra. Harriet Tubman, Sojourner Truth, Ida Wells e Rosa Parks não são mulheres negras excepcionais na medida em que são epítomes da condição da mulher negra. As análises de Davis sobre personagens negras reais atravessam perspectivas que se apresentam no universo ficcional que estamos analisando. Lunella sofre processos de agressões/violências intenso. Lunella paga um preço muito alto pelas forças (poderes) que adquiriu. Lunella é uma menina negra que desafia as “realidades”, pois se apresenta como cientista e heroína, no entanto, a ilustração nos violenta, pois apresenta cinco “homens brancos” silenciando a personagem, e roubando seu instrumento científico (bola amarela brilhante).

A figura do “policial” como personagem central acima de Lunella simboliza uma série de atividades que dilaceram o corpo negro cotidianamente, já que, inúmeros casos “nos ensinam” que não há diálogos entre pessoas pretas e a força policial. Lembramos

com muito pesar, o que ocorreu com George Floyd, sinalizado pelo jornal O Globo em 28/05/2020: George Floyd foi um afro-americano que foi assassinado em 25 de maio de 2020, depois que Derek Chauvin, então policial de Minneapolis, ajoelhou-se no pescoço dele durante oito minutos e quarenta e seis segundos, enquanto estava deitado de bruços na estrada. Lunella representa muitas vozes, Lunella ecoa Angela Davis, Patricia Hill Collins, Conceição Evaristo, ou seja, a menina -negra – cientista – heroína é um "perigo" para a sociedade. Natacha Bustos (2015), como uma mulher negra, ao compor a estética de Lunella, configura uma proposta diferente de uma série de personagens femininas que nos deparamos ao longo de nossa trajetória. Diante de tais questões, pontuamos que: nos tempos em que vivemos hoje, Lunella é a heroína que precisamos.

Ainda sobre as configurações que envolvem a personagem, optamos por analisar a personagem Lunella à luz do dialogismo bakhtiniano, entendemos a importância da presença de uma menina negra, como protagonista, em uma revista de uma indústria cultural como a Marvel Comics. O fato de a personagem estar envolvida em práticas científicas nos leva a enfatizar "meninas negras fazem ciência". A narrativa mostra uma intimidade da protagonista com a ciência e um desejo de mudar a si e ao mundo. Tal como Naomi Oreskes (2019), Lunella acredita na ciência, e a compreende como um superpoder. Se "fazer ciência" é imaginar um mundo diferente do que habitamos, por alguns instantes, imaginamos meninas negras, que como Lunella, frequentam o ensino fundamental, estarem em contato com HQs como estas, nas quais a ciência não se apresenta como algo impossível, impenetrável, inabitável, mas sim, palatável, onde é possível sentir, viver. Lunella reverbera a identidade negra com muito potencial, pois o processo de conhecer e se identificar com heroínas negras torna-se real.



Figura 14 - Lunella projeta maneiras de escapar do Dinossauro e conseguir trabalhar com seu artefato
Edição #3

O jogo de imagens nos apresenta a perspicácia de Lunella ao elaborar possibilidades de resolver os problemas que vão se amontoando ao seu redor. Como uma cientista que precisa melhor analisar os dados que encontrou em sua pesquisa, Lunella visita um espaço buscando entender como suas perspectivas teóricas podem gerar questões e ações que tragam respostas às suas indagações. Lunella acumulou no porão da escola em que estuda uma série de objetos, e chama esse espaço de seu laboratório.

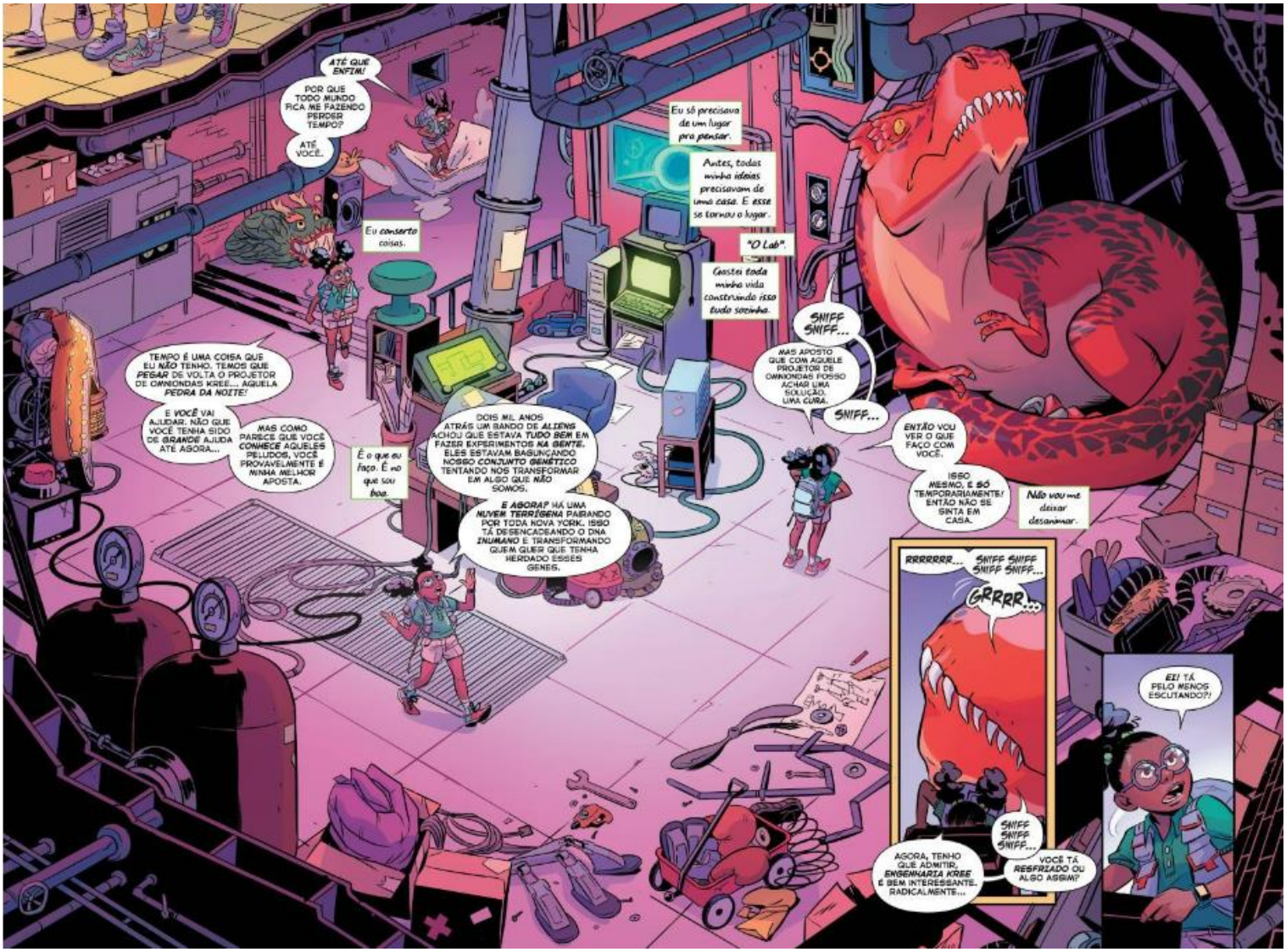


Figura 15 - Lunella visita seu laboratório – edição #3

Focada em não se tornar uma inumana, Lunella repete a todo momento “por que todo mundo fica me fazendo perder tempo? E nossa protagonista continua: “eu só precisava de um lugar pra pensar. Antes todas as minhas ideias precisavam de uma casa. E esse se tornou o lugar. O “lab”. Em meio a problemáticas que seriam consideradas “de adultos”, nossa cientista conclui: “não vou me deixar desanimar”. Estamos diante de um laboratório, ambiente de atmosfera científica, e que foi “construído” por Lunella Lafayette, que juntou uma série de objetos, e reconhece como seu espaço de produzir ideias. Há na imagem um sistema de signos (Bakhtin, 2014), e tal sistema funciona como mais um dado para comprovarmos que Lunella é uma cientista, logo, a personagem é

inseparável de seu conteúdo ideológico sendo assim ,responderemos no próximo tópico a seguinte pergunta: meninas negras fazem ciência?

4.4 **Meninas Negras fazem ciência?**



Figura 16 - A chegada de Hulk – edição #3

Iniciamos esse tópico com a imagem da chegada de Hulk. Lembramos que Hulk é Bruce Banner um cientista hétero branco que aparece em muitas narrativas da Marvel Comics. Seu papel nesse momento da história é muito específico: descreditar o trabalho de Lunella, isso pode ser visto na primeira fala do personagem "nada mal. Mas acho que deveria deixar o resgate para os profissionais...". Esse fala ocorre logo após Lunella ter usado sua inteligência para salvar seus colegas. Ela responde: "nada mal? Esse plano arrasou". Aqui, não se trata apenas de um adulto dizendo para uma criança que ele vai "assumir". Os dialogismos estudados até o momento nos permitem esboçar: há um cientista branco mostrando que é superior a uma cientista negra. Lunella ainda pontua sua insatisfação em outra fala posterior "claramente grandes idiotas podem ser verdes também".



Figura 17 - Hulk e o descrédito de Lunella como cientista – edição #4

Entendemos com as leituras das edições (#3 e #4) nas quais Hulk dialoga com Lunella, que o papel da ciência no homem branco é pontuar seu descrédito em relação à cientista negra que estamos abordando. Mas, antes de continuarmos falando de Hulk, responderemos à pergunta que enuncia o tópico: Meninas Negras fazem ciência? Sim! Meninas negras fazem ciência, e as aventuras de Lunella nos mostram que a ciência não possui "cor". E estamos aqui exatamente para levantar uma série de questões e referências que nos possibilitam dizer mais uma vez: Sim! Meninas Negras fazem ciência. Brickhouse, Lowery e Shultz (2000) ao refletirem sobre "que tipo de garota faz ciência", refletem sobre a visão da ciência como uma forma de pensar e conhecer mediada culturalmente sugere que a aprendizagem definida como o envolvimento com as práticas científicas, nesse sentido, o modo como as alunas se envolvem nas ciências da escola é influenciada por se e como os alunos se veem e se são ou não o tipo de pessoa que se dedica a ciência. Portanto: "O que sabemos é que, ao ensinar ciências a uma menina e tentar explicar por que elas estão ou não indo bem na ciência, precisamos saber mais do que apenas meninas. Precisamos saber que tipo de garotas elas são" (BRICKHOUSE, LOWERY; SHULTZ, 2000. p. 457).

Para além da importância de referências científicas sobre o assunto, a própria Marvel comics possui mais de uma cientista negra, sendo assim, o dialogismo bakhtiniano é a lente pela qual enxergamos diálogos entre as perspectivas científicas e a cultura negra. Observamos então, o poder cultural da imagem (BAKHTIN, 2014).

> "...Existir sobre uma certa forma, para passar em seguida a uma outra. Pois, se não fosse assim, se o conteúdo a exprimir existisse desde a origem sob a forma de expressão, se houvesse entre o conteúdo e a expressão uma passagem quantitativa (no sentido de um esclarecimento, de diferenciação, etc.). então toda a teoria da expressão cairia por terra.". (BAKHTIN, 2014. p. 115).

O dialogismo bakhtiniano acentua o caráter fluido de palavras e/ou imagens, ou seja, uma postura não fixa, tal perspectiva nos permite conhecer personagens como Lunella na contemporaneidade. Ainda sobre "Sim! Meninas Negras fazem ciência", tratando-se do histórico da Marvel Comics, temos três cientistas negras: Shuri (2005), Lunella Lafayette (2015) e Riri Willians (2016), eventualmente no multiverso da Marvel essas personagens se encontram, discutiremos posteriormente sobre o encontro de Lunella Lafayette e Riri Willians no tópico "a negritude espelhada". Shuri, vive mais distante, a personagem é herdeira do império africano conhecido como Wakanda, ela é irmã do Pantera Negra e está na sucessão do trono, e do "manto" de super-herói. Em 2022 no filme Wakanda Forever, assistimos a interação entre Shuri e Riri Willians. Na narrativa, Riri Willians é uma cientista brilhante, que é levada por Shuri para Wakanda no intuito de ter acesso ao aparato tecnológico, e o material singular conhecido como Vibranium. Shuri e Riri Willians se unem para reproduzir a Erva Coração em laboratório. Portanto, hoje, nossas meninas negras podem se identificar com três personagens da Marvel Comics, conforme o dialogismo bakhtiniano:

> "Na realidade é claro que vemos "a cidade e o mundo" através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito". (BAKHTIN, 2014. p. 116).

Voltando a ciência (branca), observem a imagem:



Figura 18 -Hulk exaltando sua inteligência – edição #4

Observamos que ao invés de realmente resolver os problemas que configuram a narrativa, Bruce Banner desacredita Lunella Lafyette e afirma que é mais inteligente que ela. Shena Howard (2022) enfatiza que observar a inteligência e poder em mulheres negras constrói uma impressão duradoura que negligencia estereótipos. O papel de Hulk aqui é outro. A postura de Hulk nos lembra uma atividade que desenvolvemos no SESC Duque de Caxias, em um evento chamado Orgulho Nerd[10] (2022). Nesse evento, lembramos que Hulk conseguiu seus poderes "acidentalmente", como a maioria dos personagens brancos cientistas. No evento citado falávamos sobre a identidade branca dos super-heróis e abordamos o Super Man como "super branco". Isso causou uma comoção no público, então explicamos: ele vem de outro planeta, e quando chega no planeta terra, o sol dá a ele as habilidades de voar, se torna indestrutível, possui visão de raio x, sopro gelado, e uma infinidade de poderes, ou seja, Super Man não conquistou nada, ele ganhou tudo, isso é nascer branco no Brasil.

10 Orgulho NERD é um evento desenvolvido por várias unidades do SESC, o objetivo é discutir sobre elementos da cultura pop, com intelectuais, professores, ilustradores e roteiristas. Em Novembro de 2022 o Observatório Carioca de Histórias em Quadrinhos assumiu a curadoria do evento.



Figura 19 - Lunella recorre ao conhecimento científico - #4

Ao final da narrativa, Lunella, mais uma vez, pontua o cérebro como um super poder, recorre ao conhecimento científico, e o jogo de imagens apresenta “Meninas Negras fazendo ciência”. A identidade branca na ciência continua a se manifestar de maneiras violentas, quiçá letais, no entanto, temos Lunella Lafayette, e uma série de personagens reais que estão envolvidas em práticas científicas, e reverberam em muitas dimensões que “a ciência não tem cor”, eis a importância da negritude espelhada, tópico pelo qual nos debruçaremos agora.

4.5 A Negritude Espelhada

O poder discursivo das narrativas consiste em propagar representações, e inclusive, nos fazer conectar com algumas delas. Em específico, gostaríamos de citar a história de Vigil Hawkins[11] (O super choque), um afro-americano que desenvolve poderes elétricos e os usa para salvar os que ama. A própria narrativa já representa possibilidades de se reencontrar em um herói negro. No entanto, há um episódio que nos revela muito mais do que poderíamos imaginar. Em Super Choque vai a África (episódio 29), o personagem Super Choque tem contato com toda uma cultura pautada na diversidade, se reconhecendo em muitos detalhes, e encontra Anansi[12] que é um super-herói africano na narrativa. Após passar dias com outro herói negro, acontece o seguinte diálogo:

Virgil: queria ter um herói como você todos os dias.
Anansi em sua sabedoria ancestral diz: Você já tem, e aponta para o pai de Virgil.

Se/quando nossa negritude é espelhada conseguimos enxergar esse reflexo? Os momentos que Virgil passou com Anansi potencializaram a maneira dele se reconhecer em sua família, e verificar os "poderes" de seu pai, e a conclusão do episódio: "seu pai também é um super herói" nos fez pensar sobre toda a relação de ancestralidade que aprendemos cotidianamente a respeitar.

A projeção de outra heroína negra ocorre também em Moon Girl, na edição que observaremos agora, Lunella encontra pela primeira vez outra cientista negra, aparece nas aventuras de Lunella a "coração de ferro" Riri Willians.



Figura 20 - Riri Willians conhece o laboratório de Lunella – edição #15

11 Virgil Hawkins é o Super-Choque, um super-herói adolescente em Dakota City com poderes eletromagnéticos que ganhou seus poderes no Big Bang. Ele tem sido um membro dos Heróis e dos Novos Titãs. O personagem aparece pela primeira vez em Junho de 1993.

12 Para inserir referências de Anansi nesse trabalho além das obras de Neil Gaiman, utilizamos Anansi de Jefferson Costa e Lucas Benetti e fizemos nossa revisão sistemática particular sobre o personagem/divindade.

Segundo Howard (2022), o processo de desenvolvimento da identidade envolve olhar-nos ao espelho e identificar nossa singularidade e nossa relação (ligação) conceitual com a cultura negra (HOWARD, 2022. p. 12). Esse espelhar da negritude, propõe o movimento de refletir e refratar que configuram o dialogismo bakhtiniano. A chegada de Riri Willians ao universo de Lunella propõe ressonâncias dialógicas como situa Bakhtin. E, nesse sentido, temos dialogismos entre a relação Virgil – Anansi e Lunella – Riri. Logo, as narrativas dialogam sobre a importância de referências negras na construção da identidade. Bakhtin opina:

> "Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia". (BAKHTIN, 2014. p. 123).

Temos então, um (ou vários) sistema ideológico, no qual a presença negra se manifesta de formas positivas, e podemos, inclusive, propor relações discursivas entre dois personagens, Gaiman (2017), diria que todos estão entrelaçados pelas teias de Anansi. Observamos que uma menina negra pode reorientar a identidade-cientista através de seu espectro de representação, pois, estamos falando de abalos sísmicos no território cultural e histórico, em um processo de acolher sentidos (HOWARD, 2022. p. 16).

A aventura propõe a parceria de Lunella e Riri no intuito de derrotar um cientista branco que deseja dominar o mundo, seu nome é Victor Von Don (Doutor Destino). Enfatizamos a identidade branca do personagem pelo simples fato de que a vilania está associada ao eixo branquidade-ciência em muitas narrativas da Marvel Comics. Nas histórias do Homem Aranha (Peter Parker), por exemplo, a maioria dos vilões possuem mais de um doutorado. E utilizam o conhecimento científico para ambições malignas. Na narrativa que estamos analisando agora, temos um caminho inverso, duas meninas/mulheres negras e cientistas se aliando para destruir um vilão-cientista-branco, e evitar o caos no mundo.

> "Em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia caminhante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada. É apenas na medida em que a obra é capaz de estabelecer um tal vínculo orgânico e interrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nesta época (é claro que nos limites de um grupo social determinado). Rompendo esse vínculo, ela cessa de existir, pois deixa de ser apreendida como ideologicamente significante". (BAKHTIN, 2014. p. 123-124).

Bakhtin (2014) nos ajuda a compreender também, através do dialogismo que a ideologia do cotidiano é flexível e não imutável, sendo assim, na contemporaneidade a ideologia do cotidiano acentua que meninas/mulheres possuem muitos poderes, e que as mais inteligentes do universo são parte da Marvel Comics. E, segundo Aleksandra Carvalho (2021), conhecer heroínas negras é se deparar com a configuração

representacional de um ethos africano, ou seja, há uma série de processos em jogo, e as questões raciais são pautas importantes, a serem discutidas dentro do tabuleiro.

O espelhar-se da negritude atua também em atmosferas mais profundas, além de Lunella ter tido contato com uma cientista que se parecia com ela, a narrativa propõem um momento familiar entre mãe e filha, onde os cabelos de Lunella são trançados.



Figura 21 - Lunella e sua mãe conversam enquanto os cabelos de Lunella são trançados – Edição #15

A imagem propõe dialogismos com Alisando Nosso Cabelo (2005), texto de bell hooks:

> "Independentemente da maneira como escolhemos individualmente usar o cabelo, é evidente que o grau em que sofremos a opressão e exploração racistas e sexistas afeta o grau em que nos sentimos capazes tanto de auto-amor quanto de afirmar uma presença autônoma que seja aceitável e agradável para nós mesmas. As preferências individuais (estejam ou não enraizadas na autonegação) não podem escamotear a realidade em que nossa obsessão coletiva com alisar o cabelo negro reflete psicologicamente como opressão e impacto da colonização racista". (HOOKS, bell. Alisando nosso cabelo, 2005. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba).

Nilma Lino Gomes (2006) amplifica o debate sublinhando que corpo e cabelo devem ser entendidos como símbolos da identidade negra. Logo, o cabelo crespo e o corpo negro no Brasil só adquirem significado quando pensados no cerne do sistema de classificação racial brasileiro. (GOMES, 2006. p. 6). Aprendemos com Gomes (2006), que ao observarmos a relação entre a história da cultura negra e os penteados adotados, temos, cabelos alisados nos anos 60, afros nos anos 70, permanente-afro nos anos 80, relaxamentos e alongamentos nos anos 90, o cabelo do negro atrai a nossa atenção. Para o negro e a negra, o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial. (GOMES, 2006. p. 12). A autora ainda "conversa com Bakhtin (2014), ao salientar que o cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo. (GOMES, 2006. p. 20). Há então, nos recortes escolhidos para serem discutidos neste tópico uma constelação de signos, que se tornam palatáveis com a lente do dialogismo bakhtiniano.

Apresentamos dois reflexos da negritude, que se tornam múltiplos dependendo de como nos enxergamos no espelho. Lunella é hoje, pra nós, a negritude espelhada, e conhecer personas que impactam sua identidade de maneira profunda nos leva a reflexão de como lidamos com nossa negritude, e quando o reflexo fez sentido para nós. A cada dia que passamos folheando as aventuras de Lunella, recuperamos histórias contadas por griots, que foram diminuídas, invisibilizadas. Lunella é uma personagem que deve habitar as aulas de ciências (e várias outras disciplinas), não apenas nos Estados Unidos, mas, sua presença no Brasil é urgente. Em cada sala de aula que atuamos (desde o ensino básico até os programas de pós-graduação), há uma Lunella Lafayette, e se por acaso "ela" ainda não sabe disso, nossa negritude precisa ecoar, em acordes agudos e graves, para que toda menina/mulher negra tenha consciência de seu poder. Para finalizar este tópico, separamos uma imagem que mostra o poder da ressonância dialógica de Lunella Lafayette, pois, a equipe de mutantes mais poderosa da Marvel Comics parou para ouvir suas orientações sobre a próxima aventura, em um processo de respeito de sua identidade-negra-cientista. Lunella elabora um plano e convoca os X-Men[13]:

13 Já citamos neste trabalho que Ororo Munroe é uma x-men e uma sacerdotisa africana. Na cena em questão, Ororo está sentada no quarto de Lunella, e depois participa de uma aventura com a protagonista. Nessa narrativa Ororo não se apresenta como "referência" para Lunella, os roteiristas não acharam interessante desenvolverem diálogos entre Lunella e Ororo como aconteceu com Riri Willians e a Mãe de Lunella. Mas, enfatizamos a importância de mais uma mulher negra superpoderosa nas aventuras de Lunella Lafayette.



4.6 O teste de Q.I.

Iniciaremos esse tópico fazendo a descrição de uma cena:

Uma cientista (negra) escreve em um quadro negro algumas fórmulas enquanto explica seu raciocínio. Ao avançar com as equações, provoca alguns incômodos em cientistas, políticos e militares que estão na sala (todos brancos). A equação serviria para verificar onde o foguete poderia pousar após ir ao espaço. A intelectualidade da mulher, e a maneira didática na qual ela expressa todo o seu conhecimento incomoda, ao final, após indicar no mapa a trajetória, temos olhos arregalados e um silêncio ensurdecedor.

Katherine Johnson é a cientista citada, protagonista do filme Estrelas além do Tempo (2017), que apresenta a história de três cientistas negras que trabalhavam na N.A.S.A, no início da década de 1960. Baseado em fatos reais, a narrativa enfatiza, entre outras coisas, a maneira que mulheres negras a todo momento tinham que mostrar suas habilidades, e que tinham que se mostrar excepcionais, pois, no contexto em que estavam não eram vistas como cientistas, mas como mulheres negras. Falamos então de "testes de Q.I", que ainda hoje, mulheres negras precisam enfrentar em qualquer área na qual desejam se aventurar. O dialogismo bakhtiniano propõem que a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro (BAKHTIN, 2014. p. 141). Tendo o filme como referência, observamos que ocorre entre as cientistas que protagonizam a

narrativa o processo de “deslocamento das identidades”. No início da trama, são compreendidas como mulheres negras, e, no decorrer da história, tornam-se mulheres-negras-cientistas. Vale ressaltar que as mulheres já eram cientistas, no entanto, não eram enxergadas como cientistas, principalmente (mas, não exclusivamente) pelos seus colegas da N.A.S.A. Apesar de ainda não fazer parte do elenco da N.A.S.A, Lunella Lafayette também é “chamada” para uma série de exercícios mentais, pois, é necessário testar o conhecimento dessa menina (negra). Necessário para quem? Para o cientista mais inteligente da Marvel Comics, um homem (branco) chamado Reed Richards (Senhor Fantástico).

Segundo Stefan C. Dombrowski (2020), em 1905, os psicólogos Alfred Binet e Théodore Simon conceberam um teste para crianças que tinham dificuldades na escola, em França. Concebidos para determinar quais as crianças que necessitavam de atenção individualizada, esse método formou a base do atual teste de QI. Reed Richards parece ter uma intenção similar, deseja saber o nível de atenção que Lunella merece, já que seu amigo Bruce Banner (o Hulk) já tinha comunicado aos colegas que Lunella é “atípica”. Já sinalizamos que há um sistema de poder que “atravessa” mulheres negras, e uma convergência de ações que as atacam, silenciam, exploram, e apresentam uma série de métodos para que as mulheres precisem validar seu conhecimento o tempo todo (COLLINS; BILGE, 2021. p.90).



Figura 23 - Reed Richards se incomoda com a inteligência de Lunella – edição #47

Desde que a primeira HQ do Quarteto Fantástico foi lançada em 1961, Reed Richards é sempre visto como um intelectual de prestígio, focado, e buscando inúmeras possibilidades para resolver problemas. Ele é um home dito como calmo, que opera a

ciência com maestria, e não costuma se desesperar com nada. Porém, ao descobrir que Lunella Lafayette resolveu A Caixa de Banner em menos de um minuto, Richard perde a calam e se agarra a negação. Seria possível uma menina (negra) resolver um quebra cabeça tão difícil? Segundo Bakhtin (2014), toda conversa é conduzida por meio de entoações que exprimem apreciações dos interlocutores (BAKHTIN, 2014. p. 139). Richards apresenta em seu semblante de desespero a incredulidade de um cientista que não aceita as conclusões das hipóteses, mesmo que estejam na "sua cara". Não satisfeito, o Senhor Fantástico desafia Lunella para três testes de Q.I.: a) equações; b) jogos mentais; c) práticas de laboratório.

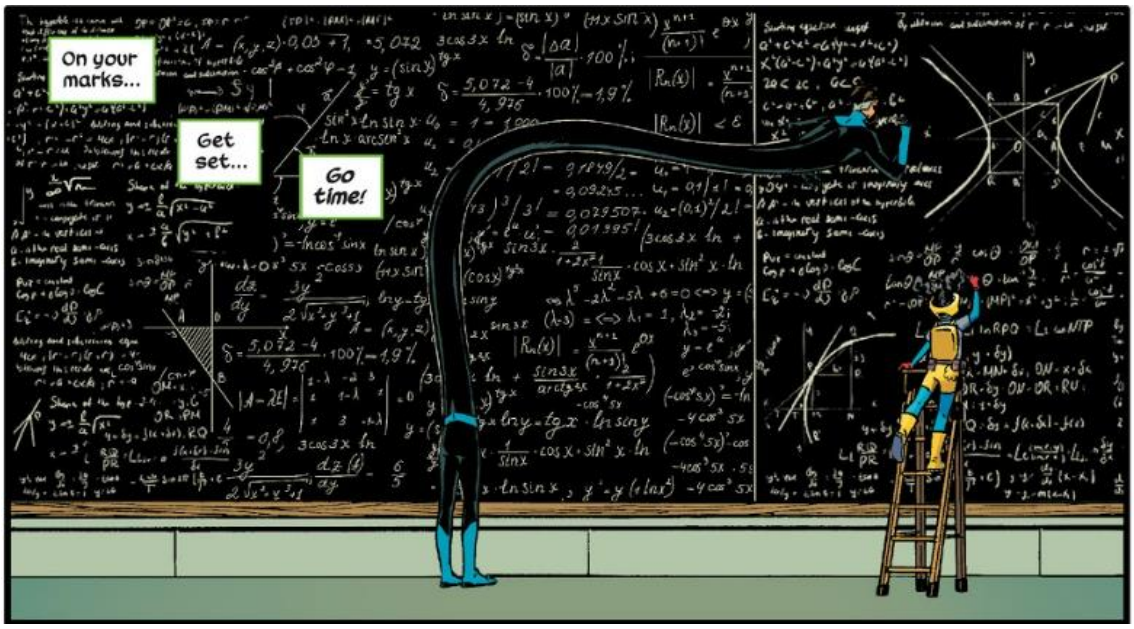


Figura 24 -Teste 1. Equações – edição #47

Reed Richards utiliza sua elasticidade para verificar cada etapa da equação, pontuando se há erros.

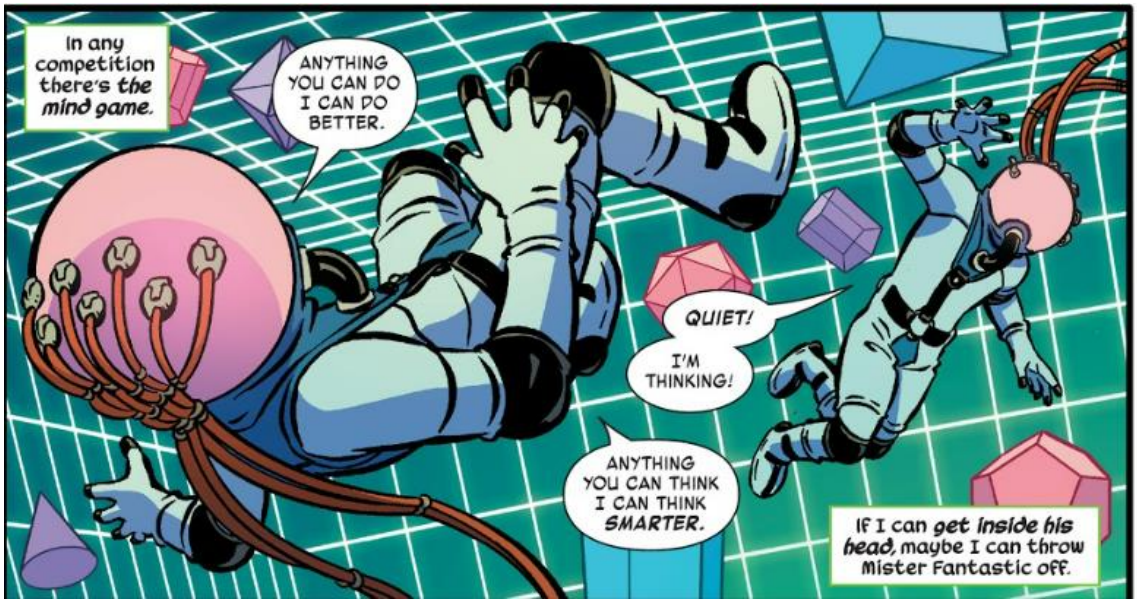


Figura 25 -Teste 2. Jogos Mentais – edição #47

Reed Richards tenta descrever o exercício para Lunella, sendo que Lunella já tinha entendido o objetivo e pede "silêncio" para pensar.



Figura 26 -Teste 3. Práticas de Laboratório – edição #47

Reed Richards observa Lunella em um laboratório e acha interessantes suas habilidades.

Apresentaremos uma tabela, tendo como referência os testes propostos por Reed Richards.

Lunella e os Testes de Q.I.		
Tipo de Teste	**Objetivo**	**Situação**
Equações 	**Desenvolver esquemas teóricos e resolver problemas apresentados.**	**Apta**
Jogos Mentais 	**Observar o funcionamento da mente em situações incomuns.**	**Apta**
Práticas de Laboratório 	**Compreender as práticas científicas e usos de instrumentos.**	**Apta**

Tabela desenvolvida por nós para explicar os Testes de Q.I.

Bakhtin (2014), sugere que algumas vezes é extremamente importante expor um fenômeno bem-conhecido e aparentemente bem-estudado a uma luz nova, reformulando-o como problema, isto é, iluminando novos aspectos dele através de uma série de questões bem orientadas". (BAKHTIN, 2014.p. 148). O "fenômeno" bem conhecido pode ser interpretado como o teste de Q.I. Assim, observar a identidade negra dialogando com tais testes e os completando, quiçá, vencendo-os apresenta-se como uma perspectiva discursiva que enaltece a cultura negra e valoriza a presença de uma cientista negra na narrativa. Apesar da descrença de Reed Richards, Lunella encarou o desafio como uma "brincadeira", já que principalmente, as aulas de ciências do ensino fundamental não a provocavam mais. Na imagem do laboratório, por exemplo, Lunella sorri enquanto faz os experimentos, demonstrando intimidade com a ciência.



Figura 27 - Reed Richards pede desculpas a Lunella – edição #47

No final do capítulo Reed Richards pede desculpas a Lunella, “desculpe por invadir o seu espaço, Lunella”. Richards assume que Lunella é brilhante, e a conforta com um abraço. Há uma série de discursos nessa imagem, e o discurso é ativamente absorvido pela consciência e este tem influência sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará (BAKHTIN, 2014). Vamos observar a situação com cautela: O cientista mais inteligente da Marvel (na verdade ele achava isso até aquele momento), propõe uma série de testes para Lunella, e ela os conclui em tempo recorde. Após essas leituras, de que maneira nossa consciência irá refletir sobre a relação entre meninas negras e a ciência? Obviamente haverá aqueles que dirão: “estamos falando de uma narrativa ficcional”, no entanto, as narrativas ficcionais não são construídas por pessoas reais? Nas palavras de Bakhtin (2014):

> “A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbui-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. As condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época”. (BAKHTIN, 2014. p. 160).

Folhear as HQ's com o dialogismo bakhtiniano tornou-se um exercício analítico de suma importância. Foi possível compreender arquiteturas discursivas que sem Bakhtin (2014), passariam despercebidas. Nas histórias de Lunella Lafayette existem uma série de signos que precisam ser decodificados, fizemos algumas opções, iniciando caminhos, deixando ruas "abertas" e trilhas epistemológicas, para aqueles que virão depois de nós e acreditam que a ciência não possui cor. O dialogismo bakhtiniano nos permite ainda, dizer que Lunella é a projeção de seus criadores, um fluxo comunicacional que se constrói na "casa das ideias" conhecida como Marvel Comics, e para sermos mais assertivos em nossa proposta, e enxergando muito além do paradigma ficção-realidade, justificamos: Lunella é a projeção de Natacha Bustos, eis a nossa prova:



Figura 28 -Natacha Bustos com 9 anos de idade.

E após um longo passeio com Mikhail Bakhtin, finalizamos esse tópico com um discurso extremamente poderoso, que obviamente dialoga com as perspectivas desenvolvidas neste trabalho, senhoras e senhores, vamos "ouvir", Natacha Bustos:

"Você é a garota da lua! Isso é o que as pessoas me disseram todos esses anos, eu respondo: ela não é nada como eu - não sou tão inteligente! Eu adoraria ler a garota da lua quando eu tinha 9 anos, teria sido incrível! Mas, fisicamente? Sim, somos muito parecidas. Por outro lado, tive a sorte de desenhá-la durante todos esses anos para a Marvel, a casa das ideias. Meu eu mais jovem estaria pulando de alegria se soubesse que um dia alguém como eu seria a estrela de uma história em quadrinhos como esta. É legal pensar que muitos de vocês, fãs, cresceram com as aventuras dela e farão parte da eternidade, principalmente o mais novo entre vocês. É sempre super emocionante receber suas cartas, ver os cosplayers e sentir todo o amor que vocês nos enviaram. Ao longo de todos esses anos. Moon Girl tem sido uma parte tão importante da minha vida. Moon Girl para sempre...". (Depoimento de Natacha Bustos – Moon Girl – edição # 47).

Considerações Finais

O processo de construir um trabalho acadêmico pode ser bem agradável, principalmente O processo de construir um trabalho acadêmico pode ser bem agradável, principalmente se a temática que escolhemos se relaciona de alguma forma com as camadas que constituem o "eu". Há quem observe essa caminhada apenas como mais uma tarefa, mas esse não é o caso de nossa experiência. Diante de todos os multiversos que nos aventuramos, é hora de parar, observar e absorver todo o mosaico que construímos ao longo do percurso. Revisitamos nossa memória ao lidar com os esboços e verificar como se apresentaram inicialmente as discussões sobre possíveis diálogos entre ensino de ciências e histórias em quadrinhos. Em um primeiro exercício de cartografia, acessamos um repertório de personagens cientistas, e catalogamos as narrativas, examinando cada HQ, e imaginando possibilidades, até que Lunella Lafayette nos atingiu (como um cometa), e esse "colidir" ocorreu da maneira mais poética possível. Lunella parecia com muitas de nossas alunas, não se tratava apenas de uma personagem, Lunella é a configuração de muitos sonhos de meninas e meninos negros.

Caminhamos pelo universo lúdico enebriados com o folhear das páginas, acompanhando a estrutura narrativa de Moon Girl. Retomamos o "fazer científico" repletos de insights e projetamos uma pergunta para ser a bússola de nosso exercício metodológico: de que maneira histórias em quadrinhos contemporâneas abordam visões de ciências e representação de personagens cientistas? Optamos pela leitura crítica e dialógica das HQ's de Lunella Lafayette, mas antes havia a necessidade de compreender que estudos foram desenvolvidos com temáticas similares num exercício de revisão sistemática, então forjamos o capítulo 1. Essa atividade nos permitiu perceber lacunas em relação aos estudos identitários em torno da ciência, sendo assim, a identidade como conceito se tornou um dos pilares de nosso trabalho, e ainda no aspecto identitário, observamos também, a ausência de discussões sobre negritude e ciências, branquidade e ciências e interseccionalidade e ciências nos trabalhos encontrados na revisão sistemática. Tendo como bojo a identidade-cientista, refletimos sobre os processos que envolvem representações da ciência e sugerem que tais processos estão ligados ao cenário social, histórico, cultural e acadêmico. E ainda que certos temas são estereotipados, como por exemplo "quem faz ciência?". Torna-se, então, importante enfatizar a urgência de movimentos de ruptura em torno de uma ciência que é apresentada como imutável (fixa). Evocamos a discussão sobre personagens cientistas, no sentido de percebermos que configurações estéticas e discursivas circulam na contemporaneidade, e a paisagem identitária nos ajudou a discutir questões que identificamos como necessárias.

Ao arquitetar o capítulo 2, a Branquidade se faz presente em nossas discussões enfatizando pactos narcísicos e forjando escritas no intuito de desestabilizar dinâmicas frequentes na sociedade brasileira. Nesse sentido, a pesquisa é um movimento de ruptura contra um status-quo que se prolonga desde o "início dos tempos", sendo bem claro: o branco quer que o mundo seja branco, mas, a diversidade de cores, corpos, gêneros é algo muito além de um querer, e hoje, outras "cores" denunciam essa massiva opressão racial, e a denúncia toma muito mais força devido a fluidez dos veículos midiáticos. Diante disso provocamos: há mãos negras produzindo esse trabalho, e vocês (brancos), nada podem

fazer quanto a isso. Lembramos também, em nossas análises que há um "jogo", e compreendendo as regras nosso maior naipe é o poder da Negritude.

A Negritude apresenta-se como um dos eixos que nos fazem evidenciar personagens negras e suas relações com a ciência, defendendo que a ciência não possui cor, apesar do espectro midiático controlado por "mãos brancas" conduzirem o imaginário dos leitores para apenas um tipo de representação de cientistas: o homem branco. O poder da Negritude é a atmosfera que usamos para forjar esse trabalho e propor argumentos para destruição do racismo. Temos discutido que o racismo é um monstro de muitos tentáculos, e o tentáculo mais letal invade o universo lúdico das crianças prestas, impedindo-as de sonhar. Isso torna as crianças totalmente diferentes de Lunella Lafayette. Sem sonhos, sem imaginar mundos não dominados pelos homens brancos, elas não almejam ser cientistas, astronautas, médicos, advogados, presidentes, ou seja, não conseguem projetar nada para o futuro. Ao acessarmos Negritude, discutimos sobre formas de impedir a destruição do mundo lúdico, apresentando representações positivas sobre ser negro, e personagens que mostram o poder da Negritude em suas narrativas.

As perspectivas identitárias nos levam, também, aos estudos da Interseccionalidade que nos alertam a respeito da sobreposição de identidades e as desigualdades impostas pela matriz de opressão. Não se trata de uma narrativa teórica dos excluídos, estudar sobre interseccionalidades é compreender diferenças relacionais. Logo, estamos imersos em sistemas simbólicos que se constituem em camadas para excluir e/ou invisibilizar. As leituras sobre interseccionalidade promovem entendimentos mais amplos das identidades coletivas e da ação política em meio aos territórios socioculturais.

Ainda não satisfeitos, ao iniciar a melodia do capítulo 3, recuperamos cenários culturais que poderiam sinalizar algumas referências para a construção de personagens como Lunella Lafayette na Marvel Comics e chegamos a Barack Obama. A presença inédita de um homem negro na presidência dos EUA reconfigurou os universos ficcionais e reais nos fornecendo "indícios, emblemas e sinais".

Construímos para o leitor, inclusive uma linha do tempo exclusivamente com personagens negras, meninas/mulheres que foram forjadas entre perspectivas identitárias, pois além de refletir e refratar, apresentam ressonâncias dialógicas, e esses ecos chegam até a nossa escrita. Entre devaneios e exercícios epistemológicos a leitura de Mikhail Bakhtin foi a base que nos permitiu ler e reler Moon Girl, deixando de ser apenas fã, para nos tornarmos intelectuais (cientistas) com exímio domínio sobre as aventuras da personagem e as relações identitárias presentes na narrativa.

Eis que se manifesta o capítulo 4, o dialogismo bakhtiniano nos permitiu compreender discursos existentes entre palavras, imagens e o cenário cultural. Há um universo dialógico, e quaisquer narrativas que são construídas estão "amarradas" a um contexto. Nos deparamos, então, com uma ordem discursiva, que sinaliza o período no tempo em que a mídia foi criada, sendo assim, é possível identificar as questões inseridas na narrativa, tendo como pano de fundo a paisagem cultural, seu lugar ideológico. Logo, utilizando Mikhail Bakhtin como repertório, nossa leitura crítica foi desenvolvida em torno de quatro territórios discursivos: a) a pequena cientista – um histórico sobre a personagem, seu contexto de criação, as alterações que ocorrem na Marvel Comics com

a era Obama, ou seja, apresentamos um histórico da personagem e as configurações das ressonâncias dialógicas, analisando também as primeiras aventuras de Lunella.

Nesse percurso, estudamos como a inteligência e o conhecimento científico são compreendidos como um super poder, discursos interessantes para pensarmos sobre a educação em ciências, e como a personagem da trama reverbera visões de ciências e o que aprendemos com tais questões. b) meninas negras fazem ciência – exaltamos a rotina de Lunella tendo que lidar com os conhecimentos que adquiriu e as problemáticas que se apresentam. Sendo assim, destacamos o fato de Lunella ter que lidar com um cientista branco (Bruce Banner), trazendo o discurso de que a menina é incapaz de lidar com certas questões. Então, o cientista (branco) exalta seus feitos, e é o único que pode "salvar" a humanidade. Temos, então, a exuberância de ser branco, e todas as habilidades que esse status possui. No entanto, Lunella não se intimida, e continua se envolvendo em práticas científicas. Apesar de todos os discursos violentos de Bruce Banner, Lunella mostra que meninas negras fazem ciência. c) a negritude espelhada – acentuamos o encontro de Lunella com duas outras representações negras e femininas. Riri Willians é outra cientista negra do universo Marvel Comics e aparece nas narrativas de Lunella. Em específico, a cena em que duas meninas negras estão na frente do computador dialogando sobre possíveis caminhos para a resolução de problemas mexe conosco, e inunda os imaginários de quaisquer crianças que tiverem acesso a narrativa. E afirmamos isso por já termos levado Lunella para a sala de aula, pois em algumas atividades recentes, atuando como professores, discutirmos identidades negras e histórias em quadrinhos e Lunella é uma das personagens que apresentamos aos nossos alunos E há também, Lunella e sua mãe em um momento muito único, enquanto conversam, sua mãe trança seu cabelo, um ritual que evoca a ancestralidade e nos conecta com outras dimensões da negritude, espelhos de nós mesmos, que por muitos momentos não nos permitiram enxergar o reflexo. d) o teste de Q.I. – utilizamos esse episódio para demonstrar o quanto meninas/mulheres negras são desafiadas a todo o momento, e não se trata de uma exclusividade de gênero, pessoas negras precisam mostrar o tempo todo que são capazes. Diante do conhecido cientista Reed Richards – que até então era o cientista branco mais inteligente da Marvel – Lunella se apresenta como uma ameaça, poderia uma menina negra ser mais inteligente que um cientista – homem – branco? Então, Lunella é submetida a testes de Q.I. e efetua com maestria todos os testes. Com isso ela comprova a potencialidade de seu intelecto, e é considerada a personagem mais inteligente do Multiverso da Marvel Comics, isso se comprova principalmente pelo fato da personagem ser uma criança, e discutir teoremas, e perspectivas consideradas muito avançadas, logo, segundo alguns personagens, Lunella "pensa como gente grande", mas, acreditamos na potencialidade de sua maneira de compreender a ciência e discursar sobre tal temática, apesar de ser uma criança.

Após esses exercícios dialógicos, verificamos o quanto personagens como Lunella Lafayette são urgentes, pois evidenciam que meninas negras fazem ciência, e podem fazer o que quiserem, apesar de respirar diariamente essa atmosfera racista que nos entorpece, enlouquece e nos mata. Tal como Conceição Evaristo em diálogo com seus personagens "combinamos de não morrer", nós combinamos de escrever, e escrever muito sobre personagens negros, suas representações e mostrar cada vez mais o poder da escrita preta.

Diante de tudo isso notamos que HQ's contemporâneas ao refratarem movimentos sociais, como aqueles protagonizados por pessoas negras, abordam visões identitárias da

ciência, que acabam por questionar imagens sobre a ciência que a apresentam como exclusivamente construídas por homens brancos. Tendo em mente tais questões, vale ressaltar que empresas como a Marvel Comics, respondendo as demandas do espaço que ocupam, indústrias culturais, e impulsionadas por questões da contemporaneidade, como as identitárias, estão mudando a maneira de composição estética e discursiva de seus super-heróis e personagens em geral, possibilitando visões de ciência nas quais mulheres negras fazem ciência.

Ainda sobre ensino de ciências e histórias em quadrinhos, a HQ Moon Girl precisa estar nas creches, escolas e universidades de todo Brasil e mundo. Temos centenas de milhares de cientistas espalhadas pelo planeta, e muitas delas ainda não reconhecem isso, não sabem que podem acessar a negritude e a ciência, não sabem ainda que podem ser como Lunella Lafayette. Através das páginas das HQ's foi possível enxergar a personificação de uma série de conceitos trabalhados e como as questões de representatividade e identidade podem chegar as escolas e mãos de crianças através de uma HQ. A relação de Lunella com a professora de ciência, por exemplo, é uma ressonância dialógica presente na sociedade contemporânea e acontece, inclusive, com homens e mulheres negras que ousaram se lançar em uma aventura mitológica chamada Doutorado. Nesse sentido, as HQ's reverberam imagens e palavras, discursos que podem ser trabalhados por professores em suas aulas de ciências e quaisquer outras disciplinas.

De tantas aventuras que vivemos com essa pesquisa, ao compor esse trabalho, podemos afirmar que HQs, como a Moon Girls, possibilitam construções de imaginários, e mostram que a ciência não é branca e nunca foi! Há uma constelação de questões que não vamos dar conta neste trabalho, mas nos sentimos felizes com o quanto caminhamos até aqui. Lunella nos ensina muito mais do que seus criadores poderiam imaginar, e tornou-se nossa super-heroína favorita, pois seu superpoder é o cérebro, o pensar, refletir, questionar e tantas outras coisas, então, temos superpoder (como Lunella), e podemos salvar vidas também. Obrigado Lunella! E... Por último a considerar:

> Meu filho se chama Heitor, o primeiro livro que dei a ele foi "o pequeno príncipe preto". Ele ainda não está na fase dos super-heróis. Mas, saber que as primeiras leituras dele não serão apenas sobre super-heróis brancos, já muda totalmente as perspectivas identitárias, que ele só vai entender mais tarde. E não sei se meu filho vai desejar ser cientista, mas, contarei pra ele as histórias de Lunella, e que ela me ensinou muito sobre ciência. E só de pensar nesse momento, em dizer ao meu filho que há muitas cientistas negras, e se ele quiser ele pode se tornar um cientista me emociono. Isso é sentir o poder da negritude! (Elbert Agostinho – Abril de 2023).



O Efeito Lunella

Apresentaremos algumas ressonâncias dialógicas (Bakhtin, 2014), em torno de Lunella Lafayette. Essa linha do tempo foi construída para apreciação do leitor.

1° edição de Moon Girl — 1

Em Novembro de 2015 Lunella Lafayette estreia como protagonista em uma revista que conta a história de uma menina-cientista negra.





A personagem de Hq vira cosplay — 2

No ano seguinte (2016) meninas negras se vestem de Lunella para participarem de eventos como a Comic on.

Lunella vira brinquedo — 3

Em 2018 Lunella é inserida na animação Marvel-Lego, e se transforma em boneca de lego, acessível para os fãs comprarem.





Um desenho animado sobre Lunella — 4

Em janeiro de 2023 a animação sobre Lunella Lafayette começa a passar no Disney +

Meninas Negras Fazem Ciência — 5

Lunella Lafayette é personagem principal na Tese do Professor Elbert Agostinho (2020-2023)



REFERÊNCIAS

Observação e Leitura cítica sobre as produções que envolvem Lunella Lafayette.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das letras, 2019.

AGOSTINHO, Elbert. Negritude, Poderes e Heroísmos: estudos sobre representações e imaginários nas histórias em quadrinhos. Conexão 7, 2021.

AVRAAMIDOU, Lucy. I am a young immigrante woman doing pshysics and on top of that I am Muslim: Identities, itersections, and negotiations. Science Education and Communication, University of Groningen, Netherlands. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. (2004). Marxismo e filosofia da linguagem. (M. Lahud e Y. F. Vieira, Trad.). (11a ed.). São Paulo: Hucitec. (Trabalho original publicado em 1929).

_____. Estética da Criação Verbal. Tradução: Paulo Bezerra – 6ª. Ed. – São Paulo:

Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. Mitologias. Tradução de Rita Buorgermino e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 11a edição.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro. Jorge Zahar,2001.

BRAITH, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005

BITTENCOURT, Circe (org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo. Contexto, 2015.
_____. Ensino de História - Fundamentos e Métodos. São Paulo. Cortez, 2009.

BLACKBURN, Victor LLorete. Marie Curie: la cientifica que ganó dos Premios Nobel. Colección: mis pequenhos hérois. Shacleton Kids, 2019.

BORGES, Roberto. Que um herói negro venha resgatar nossa infância. Prefácio. In: AGOSTINHO, Elbert. **Negritude, Poderes e Heroísmos**.1ª ed .Rio de Janeiro: Conexão 7, 2021.

BRIENZA, Casey. Beyond b&w? The global manga of Felipe Smith In: HOWARD, Sheena C, JACKSON II, Ronald L. Black comics : politics of race and representation. Bloomsbury, 2013.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. Jeremias: Pele. São Paulo: Panini, 2018.

CAMARGO, S. C. RIVELINI-SILVA, A. C. Histórias em quadrinhos no ensino de ciências: um olhar sobre o que foi produzido nos últimos doze anos no ENEQ e ENPEC. ACTIO: Docência em Ciências, v. 2, n. 3, p. 133-150, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>. Acesso em: setembro de 2021.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2020.

CARVALHO, Aleksandra. De super-heroínas a deidades afrodiásporicas. In: AGOSTINHO, Elbert. Negritude, Poderes e Heroísmos.1ª ed .Rio de Janeiro: Conexão 7, 2021.

CARMONA, Antonio Garcia. From Inquiry-Based Science Education to the Approach Based on Scientific Practices. Science & Education IF 1.210) Pub Date : 2020-02-29

CASTRO, A. C. (2005). Olhai os delírios no conto: análise dos temas psicológicos nos contos de Machado de Assis. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
_____ . Tensões da Identidade Pessoal no Espelho de Machado de Assis. Revista Psicologia & Sociedade; 24(3): 619-627, 2012.
_____ . et. al., Proposição bakhtiniana para análise da produção em psicologia. Psicologia em Estudo (Impresso), v. 16, p. 91-99, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020.
_____. Discurso Sobre a Negritude. São Paulo: Nandyala, 1987.

CHINEN, Nobu. O negro nos quadrinhos do Brasil. São Paulo: Petrópolis, 2019.

CIRNE, Moacy. Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. Uma Introdução Política aos Quadrinhos. Rio de Janeiro: Arquiamé/Angra, 1982.

COLLINS, Patricial Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, Jefferson; BENETTI, Lucas. Anansi. 1ª ed. Osasco – São Paulo: Ed. dos autores, 2020.

DAMASCENO, Caetana. Segredos da Boa Aparência Da "cor" à "boa aparência" no mundo do trabalho carioca (1930-1950). São Paulo: Edur, 2010.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Délcio. Análise Cartográfica do Discurso – 1ªed – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021.

DREY, R. F. (2017). Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico . Ensino Em Re-Vista, 1(1), 102–130. https://doi.org/10.14393/ER-v24n1a2017-5.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. S.Paulo: Boitempo, 2016
EISNER, Will. Narrativas Gráficas. Tradução: Leandro Luigi. 3ª ed. São Paulo: Devir, 2013.

EVARISTO, Conceição. Olhos D'água. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FAIAD DA SILVA, C. R.; LIMA, G. A.; ALVARENGA, M. A. F. M.; REZENDE, D. B. A África como tema para o ensino de metais: uma proposta de atividade lúdica com

narrativas do Pantera Negra. Revista Eletrônica Ludus Scientiae, Foz do Iguaçu, v. 02, n. 02, p. 39-56, jul./dez. 2018.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada In: WARE, Vron. Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamnond, 2004.

FOSTER, Willian. Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos. Prefácio. In: HOWARD, Sheena C, JACKSON II, Ronald L. Black comics : politics of race and representation. Bloomsbury, 2013.

GAIMAN, Neil. Os filhos de Anansi. São Paulo: Conrad, 2006.

GANDOLFI, Haira Emanuela; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Formação de professores e pesquisa em história das ciências. EDUCA, v. 4, n. 8, p.3-28, maio/ago. 2017.

GUSMAN, Sydnei. Universo HQ entrevista. São Paulo: Autêntica, 2015.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro Lamparina, 2014.
_____. Cultura e Representação. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
_____. Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte, Edit. UFMG, 2006.

HARAWAY, Donna. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.
_____.Manifesto ciborgue: ciencia, tecnologia e feminismosocialista no final do sec XX in: TADEU, T (org) Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. 2009.

HARDING, Sandra G. Objectivity and Diversity: Another Logic of Scientific Research. Ed. University of Chicago, London, 2015.

HOOKS, bell. Alisando nosso cabelo. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, 2005.

HOWARD, Sheena C, JACKSON II, Ronald L. Black comics : politics of race and representation. Bloomsbury, 2013.

JÚNIOR, M. J. (2015). As histórias em quadrinhos (HQ's) na formação dos professores de Ciências e Biologia. Educação, 40(2), 439–450.

KAMEL, C., & Rocque, L. de L. (2011). As histórias em quadrinhos como linguagem fomentadora de reflexões – uma análise de coleções de livros didáticos de ciências naturais do ensino fundamental. Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências, 6(3)

KUNDLATSCH,A.; CORTELA, B. S.C.Uma revisão de base cienciométrica sobre as Histórias em Quadrinhos no Ensino de Química: uma análise do ENPEC, ENEQ e RASBQ.Revista Eletrônica Ludus Scientiae, Foz do Iguaçu, v. 02, n. 02, p. 01-13, jul./dez. 2018.

LA CROIX, Sibybille Titeux de; AMEZIANE, Amazing. Miss Davis: a vida e as lutas de Angela Davis. 1ª ed. São Paulo: Agir, 2020.

LEITE, M. R. V.; CORTELA, B. S. C.; GATTI, S. R. T. História e Filosofia da Ciência na educação básica: reflexões a partir da Base Nacional Comum Curricular. Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. v. 14 n. 2 (2021)

LUYTEN, Sonia Bibe (org). História em quadrinhos: leitura crítica. São Paulo: Edições

Paulinas. 1984.

LUZ, Marco Aurélio. Cultura negra e ideologia do recalque. 3. Ed. Salvador: EDUFBA;

Rio de Janeiro: PALLAS, 2010.

MARINO, Dani; MACHADO, Laluñha. Mulheres e Quadrinhos. São Paulo: Skript, 2019.

MBEMBE, Achile. Crítica da Razão Negra. Editora Antigona, 1ª Edição. 2014.

MCCLOUD, Scott. Desvendando os Quadrinhos. Tradução: Hélcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo. Makron Books. 1995.

MEIRELES, Ariane Clestino. Princesas Negras. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

MELO, K. C.; MEDEIROS, A. F. D.; SILVA, A. D. A. UMA LINGUAGEM ALTERNATIVA NO ENSINO ESCOLAR: as histórias em quadrinhos na mediação do ensino e aprendizagem da geografia, n.1. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO, v. 7, p. 260-283, Abril 2013.

MOURA, Cristiano B.; GUERRA, Andreia História Cultural da Ciência: Um Caminho Possível para a Discussão sobre as Práticas Científicas no Ensino de Ciências? REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, v.16, p. 725-748, 2016.

MUNANGA, Kabengele. NEGRITUDE - Usos e Sentidos. Editora Ática. Série Princípios. 2ª edição. 1988.

MURDOCK, Maureen. A jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino. São Paulo: Sextante, 2022.

NETO, Elydio; SILVA, Marta. Histórias em Quadrinhos e práticas educativas. São Paulo: Criativo, 2015.

OBAMA, Michle. Minha História. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PINSKY, Jaime.. A escravidão no Brasil. Contexto; São Paulo, 1966.

_____.PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. in: KARNAL, História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo.

Contexto, 2016.

PANTERA NEGRA. Coleção Os Heróis Mais Poderosos da Terra. Panini, 2015.

PANTERA NEGRA. Quem é o Pantera Negra? Coleção Oficial de Grafic Novels Marvel. 2014.

POSTEMA, Barbara. Estrutura narrativa nos quadrinhos: Construindo sentido a partir de fragmentos. São Paulo: Peirópolis, 2018.

RACHLEFF, Peter. Branquidade: seu lugar na historiografia de raça e de classe nos Estados Unidos In: WARE, Vron. Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamnond, 2004.

REZ, Will; PAULA, Laura de. Por um Fio. São Paulo: Kitembo, 2021.

ROBERTS, Lissa. Intercâmbios e redes de circulação local. Situando Ciência na História Global Intercâmbio e redes de circulação local. itinerário volume de XXXIII (2009) número 1.

ROCHA, Paraguassu Fátima; CASTRO, Cristiane Leamari; MACHADO, Hayat Boulos. A ASCENÇÃO DO NEGRO NA AMÉRICA E AS METÁFORAS DE ARIEL, CALIBÃ E EXU: DE MALCOM X A BARACK OBAMA. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 353-368, out. 2009. ISSN 1981-9943. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1283>. Acesso em: 20 jul. 2022.

RODAS, J. G; PRUDENTE, C. (2009). Reflexões para o discernimento do estereótipo e a imagem do negro. Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo, 104, 2009. p. 499-506

RUSHKOFF, Douglas. Media Virus!: Hidden Agendas in Popular Culture. Ballantine Books. 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul. Autentica, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu de (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STEYN, Melissa. Novos matizes da “branquidade”: a identidade branca numa África do Sul multicultural e democrática In: WARE, Vron. Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamnond, 2004.

STRECK, Danilo R. Qual o conhecimento que importa? Desafios para o currículo. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 8-24, Set/Dez 2012.

THEODORO, Helena. Ideologia do Axé. Rio de Janeiro, UERJ, 2019.

THE AMAZING SPIDER MAN #583. Marvel Comics, 2009.

VARELAS, Maria; et al. Intermingling of identities: a Black student in a middle-school science class. Cultural Studies of Science Education. 2019.

VERGUEIRO, Valdomiro. Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos. Criativo. São Paulo, 2017.

VIANA, NILDO; REBLIN, IURI ANDREAS (org.). Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

WATSUKI, Nobuhiro. Embalsamamento - O Outro Conto de Frankenstein. Kazé, 2005.

WARE, Vron (org). Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.